

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

**“ATENÇÃO A BANDA”: UMA ETNOGRAFIA MUSICAL ENTRE QUATRO  
BANDAS ESCOLARES DO RIO GRANDE DO SUL**

GENAÍNA LEMES DA SILVA

PORTO ALEGRE  
2020

GENAÍNA LEMES DA SILVA

**“ATENÇÃO A BANDA”: UMA ETNOGRAFIA MUSICAL ENTRE QUATRO  
BANDAS ESCOLARES DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Música. Área de concentração: Etnomusicologia/Musicologia.

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Gil Braga

PORTO ALEGRE

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Lemes da Silva, Genáina  
"ATENÇÃO A BANDA": UMA ETNOGRAFIA MUSICAL ENTRE  
QUATRO BÂNDAS ESCOLARES DO RIO GRANDE DO SUL / Genáina  
Lemes da Silva. -- 2020.  
151 f.  
Orientador: Reginaldo Gil Braga.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de  
Pós-Graduação em Música, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Bandas Escolares. 2. Etnomusicologia. 3.  
Identidades. 4. Música . 5. Rio Grande do Sul. I. Gil  
Braga, Reginaldo, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GENAÍNA LEMES DA SILVA

**“ATENÇÃO A BANDA”: UMA ETNOGRAFIA MUSICAL ENTRE QUATRO  
BANDAS ESCOLARES DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Música. Área de concentração: Etnomusicologia/Musicologia.

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Gil Braga

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Evandro Rodrigues Higa (UFMS)

---

Prof. Dr. Pablo de Castro Albernaz (UFRR)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Antunes Teixeira dos Santos (UFRGS)

Conceito:

Aprovado

Porto Alegre, 22 de Maio de 2020

## AGRADECIMENTOS

O decorrer desse percurso não foi tarefa fácil, muitos desafios, obstáculos, incertezas e aprendizados fizeram parte dessa caminhada, mas para que eu conseguisse chegar ao final, tive a companhia de pessoas que acreditaram em meu potencial e não deixaram com que eu esmorecesse em momento algum. A todos esses, seguem meus mais sinceros agradecimentos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Música e todos os colaboradores envolvidos pelo trabalho de excelência e em especial a área de concentração Etnomusicologia/Musicologia pela excelente dedicação e incentivo aos seus alunos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Reginaldo Gil Braga pela paciência, tranquilidade, e por seu auxílio ao longo desses dois anos.

Ao grupo de pesquisa Etnomus UFRGS/ Núcleo de Estudos em Música do Brasil e América Latina que me proporcionou muitos aprendizados a partir da interação e participação através do Programa Músicas do Mundo: etnomusicologia na Rádio da Universidade.

Aos professores que me acompanharam nessa trajetória e contribuíram para meu crescimento e aprendizado como discente e pesquisadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Elizabeth Lucas, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Marília Raquel Albornoz Stein e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Luciana Marta Del-Ben.

Aos meus queridos colegas de mestrado pelo companheirismo, engajamento de turma, ajuda mútua, troca de experiências e conhecimentos: Bruno Nascimento, Kelvin Venturin e Gabriela Nascimento.

À minha família pela compreensão durante minhas ausências e por sempre me concederem todo o suporte para que essa caminhada fosse possível.

Aos meus amigos por entenderem meu distanciamento e por me agradecerem com tantas palavras de incentivo e motivação.

Aos meus colaboradores que se prontificaram a participar dessa pesquisa assim, que dela souberam, concedendo entrevistas, me recebendo em suas residências ou se dispondo a deslocamentos em locais públicos. Aqui, deixo um especial agradecimento aos participantes das Bandas Juliana, Morada do Vale, São João, São Marcos e seus respectivos maestros: Vainer Ramos, João Batista Aeroldi Camargo, Renato Dall Algo e André de Oliveira.

A todos, muito obrigada!

## RESUMO

Esta dissertação visa, como objetivo, compreender os processos de construções identitárias de quatro bandas escolares em diálogo com suas trajetórias musicais, características, formas de organização e práticas musicais. O trabalho de campo configura-se a partir de uma etnografia musical por meio de uma abordagem etnomusicológica. As bandas que compreendem este estudo representam dois momentos distintos de formações e transformações das bandas escolares gaúchas, considerando como marco inicial o final da década de 1950. As corporações selecionadas para representar esses períodos são a Banda Juliana da Escola Júlio de Castilhos de Porto Alegre, Banda Morada do Vale da Escola CIEP Morada do Vale de Gravataí, Banda São João da Escola La Salle São João de Porto Alegre e Banda São Marcos da Escola Luterana São Marcos de Alvorada. O trabalho é construído a partir das pistas apontadas pelos colaboradores da pesquisa ao longo dos anos de 2018 e 2019, assim como através da realização de entrevistas, acompanhamentos de ensaios, apresentações e convivência com as bandas. Assim, conseguimos extrair pontos significativos para caracterizar a construção identitária desses grupos, estando entre eles as relações de proximidade e distanciamento entre banda, bairro e escola, relações de “forças” e poder, interações e conflitos nas bandas e entre bandas, mediados pela condução das práticas musicais internas e pelos trânsitos externos.

**Palavras-chave:** Etnomusicologia. Bandas Escolares. Rio Grande do Sul. Música. Identidades.

## ABSTRACT

This dissertation aims, as an objective, to understand the processes of identity construction of four school bands in dialogue with their musical trajectories, characteristics, forms of organization and musical practices. The fieldwork is configured from a musical ethnography through an ethnomusicological approach. The bands that comprise this study represent two distinct moments of formations and transformations of the school bands from Rio Grande do Sul, considering the end of the 1950s as the starting point. The corporations selected to represent these periods are the Juliana Band of the Júlio de Castilhos School, Porto Alegre; Morada do Vale Band of CIEP Morada do Vale School, Gravataí; São João Band of La Salle São João School, Porto Alegre and São Marcos Band of Lutheran School São Marcos, Alvorada. The work is built from the clues pointed out by the research collaborators throughout the years 2018 and 2019, as well as through interviews, accompaniment of rehearsals, presentations and living with the bands. Thus, we were able to extract significant points to characterize the identity construction of these groups, including the relations of proximity and distance between band, neighborhood and school, relations of “forces” and power, interactions and conflicts in the bands and between bands, mediated by the conduct of the internal musical practices and external transits.

**Keywords:** Ethnomusicology. School Bands. Rio Grande do Sul. Music. Identities.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Coreografia estrela Banda São João, 1966, Porto Alegre.....	30
Figura 2 – Coreografia âncora Banda Juliana, 1966, Porto Alegre.....	30
Figura 3 – Desfile Parada da Mocidade Banda Juliana, 1966, Porto Alegre.....	32
Figura 4 – Desfile pela semana da pátria Banda Cristóvão de Mendonza, 1978, Caxias do Sul.....	32
Figura 5 – Apresentação da Banda da Escola La Salle Dores no lançamento da pedra fundamental estádio Beira Rio, 1963, Porto Alegre.....	32
Figura 6 – Primeiro desfile Banda Lemos Júnior, 1956, Rio Grande.....	32
Figura 7 – Apresentação Banda Gonzaga em sua escola, 1971, Pelotas.....	33
Figura 8 - Desfile pela semana da pátria Banda Manoel Ribas, Santa Maria.....	33
Figura 9 – Apresentação corpo coreográfico Banda Manoel Ribas no 28° Campeonato Estadual de Bandas FEBARGS, 2019, Santa Maria.....	53
Figura 10 – Apresentação baliza Banda Morada do Vale no 22° Campeonato Estadual de Bandas AGB, 2019, Pinhal.....	53
Figura 11 – Pelotão de Bandeiras Banda Juliana no 28° Campeonato Estadual de Bandas FEBARGS, 2019, Santa Maria.....	53
Figura 12 – Apresentação Banda Lemos Júnior no 29° Festival de Bandas de São Lourenço do Sul, 2019.....	53
Figura 13 – Mapa de localização da Escola Estadual Júlio de Castilhos, Porto Alegre.....	61
Figura 14 – Sala de ensaios Banda Juliana.....	61
Figura 15 – Sala da coordenação Banda Juliana.....	61
Figura 16 – Sala da escola de música Banda Juliana.....	62
Figura 17 – Uniformes utilizados pela Banda Juliana entre 1961 - 1972 .....	62
Figura 18 – Corredor de acesso às dependências da Banda Juliana.....	62
Figura 19 - Sala dos uniformes Banda Juliana.....	62
Figura 20 – Mapa de localização da Escola Estadual CIEP Morada do Vale, Gravataí.....	64
Figura 21 – Entrada da Escola Estadual CIEP Morada do Vale.....	65
Figura 22 – Pátio da Escola Estadual CIEP Morada do Vale.....	65
Figura 23 – Sala de ensaios Banda Morada do Vale.....	65
Figura 24 – Sala de materiais, instrumentos e uniformes Banda Morada do Vale.....	65
Figura 25 – Mapa de localização da Escola La Salle São João, Porto Alegre.....	68
Figura 26 – Antiga sala de ensaios Banda São João.....	68
Figura 27 – Fachada da Escola La Salle São João.....	68
Figura 28 – Entrada da sala da coordenação da Banda São João com prédio em obras.....	68
Figura 29 – Pátio da Escola La Salle São João.....	68
Figura 30 – Mapa de localização da Escola Luterana São Marcos, Alvorada.....	72
Figura 31 – Ensaio mór e pelotão de bandeiras da Banda São Marcos na quadra de esportes da escola.....	72
Figura 32 – Ensaio da Banda São Marcos no ginásio de esportes da escola.....	72
Figura 33 – Ensaio na sala da Banda São Marcos.....	72
Figura 34 – Área externa sala da Banda São Marcos.....	72

Figura 35 – Apresentação da Banda São Marcos no 29° Festival de Bandas de São Lourenço do Sul, 2019.....	75
Figura 36 – Apresentação Banda São João no McDia Feliz, 2019, Porto Alegre.....	77
Figura 37 – Apresentação Banda Juliana no 28° Campeonato Estadual de Bandas FEBARGS, 2019, Santa Maria.....	79
Figura 38 – Apresentação Banda Morada do Vale no 22° Campeonato Estadual de Bandas AGB, 2019, Pinhal.....	81

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias musicais de bandas e fanfarras conforme regulamento da FEBARGS, 2019.....	46
Tabela 2 - Categorias musicais de bandas e fanfarras conforme regulamento da AGB, 2019.....	47
Tabela 3 – Exemplos de repertórios musicais das Bandas Juliana, Morada do Vale, São João e São Marcos.....	129

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABMJ – Associação da Banda Marcial Juliana  
ABMLINORTE – Agência de Bandas do Litoral Norte  
ACOBAN – Associação dos Componentes da Banda Marcial São João  
AGB – Associação Gaúcha de Bandas  
CIEP – Centro Integrado de Educação Pública  
CNBF – Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras  
COMTUR – Conselho Municipal de Turismo de Porto Alegre  
ESCA – Escola Santa Catarina  
FEBARGS – Federação de Bandas do Rio Grande do Sul  
FUNARTE – Fundação Nacional de Artes  
IPA – Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista  
OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre  
SEMA – Superintendência de Educação Musical e Artística  
WAMSB – World Association of Marching Show Bands

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1 OBJETIVO E ESCOPO DA PESQUISA.....	12
1.2 O INTERESSE PELAS BANDAS.....	13
1.3 LITERATURA SOBRE BANDAS.....	14
1.4 TRABALHO DE CAMPO.....	18
1.5 CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	21
<b>2 BANDAS ESCOLARES NO RIO GRANDE DO SUL</b> .....	25
2.1 FORMAÇÃO DAS BANDAS NO BRASIL: BREVES CONSIDERAÇÕES.....	25
2.2 FORMAÇÃO DAS BANDAS ESCOLARES NO RIO GRANDE DO SUL.....	27
2.3 TRANSFORMAÇÕES NAS BANDAS ESCOLARES NAS ÚLTIMAS DÉCADAS.....	41
2.4 OS CONCURSOS E FESTIVAIS DE BANDAS.....	44
<b>3 BANDA JULIANA, BANDA MORADA DO VALE, BANDA SÃO JOÃO E BANDA SÃO MARCOS: BANDAS ESCOLARES DE PORTO ALEGRE E REGIÃO METROPOLITANA</b> .....	54
3.1 A ESCOLHA DAS BANDAS.....	54
3.2 CONHECENDO AS QUATRO BANDAS.....	56
3.2.1 Banda Juliana.....	57
3.2.2 Banda Morada do Vale.....	62
3.2.3 Banda São João.....	65
3.2.4 Banda São Marcos.....	69
3.3 APRESENTAÇÕES.....	73
3.4 ENSAIOS.....	81
<b>4 “MUNDO MUSICAL DAS BANDAS ESCOLARES”: CARACTERÍSTICAS</b> .....	89
4.1 MUNDO ARTÍSTICO, MUNDO MUSICAL E BANDAS ESCOLARES.....	89
4.2 AS BANDAS E AS COMUNIDADES: O BAIRRO E A ESCOLA.....	93
4.3 AS BANDAS POR SI MESMAS: INTERAÇÕES E CONFLITOS.....	103
4.4 COMPETIÇÃO, RIVALIDADES E REDES DE RELACIONAMENTOS.....	108
<b>5 BANDAS ESCOLARES: IDENTIDADES EM TRÂNSITO</b> .....	114
5.1 ADVERSIDADES FINANCEIRAS.....	114
5.2 CORPORAÇÃO COMO FAMÍLIA E GRUPO SOCIAL: REGRAS E HIERARQUIAS.....	119
5.3 REPERTÓRIOS MÚSICAIS E PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	125
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	133
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	138
<b>ANEXOS</b> .....	148

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 OBJETIVO E ESCOPO DA PESQUISA

Essa investigação teve como objetivo compreender os processos de construções identitárias de quatro bandas escolares, dialogando com suas trajetórias musicais, características e formas de organização por meio de uma abordagem etnomusicológica. No estado do Rio Grande do Sul há muitas bandas escolares em atividade sendo assim, o foco para compor essa pesquisa foi direcionado às seguintes corporações: Banda Juliana da Escola Estadual Júlio de Castilhos de Porto Alegre, Banda Morada do Vale da Escola Estadual CIEP Morada do Vale de Gravataí, Banda São João da Escola La Salle São João de Porto Alegre e Banda São Marcos da Escola Luterana São Marcos de Alvorada.

Assim, a escolha pelas quatro corporações deu-se porque elas representam o desenvolvimento do movimento de bandas no estado a partir de momentos distintos dos últimos 60 anos, sendo a década de 1960, o início de uma nova modalidade desses grupos musicais na categoria de bandas marciais, e a década de 1990 com a formação de novos grupos, vivendo uma realidade diferente e passando por inúmeras reestruturações. As configurações das escolas pertencentes ao cenário do setor público e privado bem como o fato da boa representatividade dessas corporações dentro do movimento de bandas escolares no Rio Grande do Sul, também, contribuíram para essa escolha.

As bandas escolares são responsáveis pela formação musical inicial de muitas pessoas e configuram-se em uma das fontes de músicos que compõem orquestras e bandas municipais. Nas bandas, há um espaço rico para a exploração acadêmica de vários temas, como nos lembra as etnomusicólogas Reily e Brucher (2013), pois cada banda compõe sua história, apresentando características distintas e semelhantes no processo do desenvolvimento de suas práticas musicais. As características de cada banda não se limitam ao tipo de repertório executado, instrumental utilizado ou vestuário (uniformes). Elas estão relacionadas às pessoas que compõem esses grupos, aos espaços onde estão inseridas, suas comunidades e meio social, relações históricas de formação, permanência das atividades musicais, entre outras. As

pessoas que estão envolvidas nesses grupos doam-se pela causa e assumem responsabilidades. As quatro bandas escolares investigadas são compostas por crianças, jovens e adultos que se distribuem entre alunos das escolas, ex-alunos, pessoas oriundas de diversos bairros e de outras cidades.

A importância do desenvolvimento de pesquisas acadêmicas etnomusicológicas com relação às bandas escolares no Rio Grande do Sul, justifica-se como leitura de realidades históricas e atuais sobre suas práticas, construções de identidades sociais através da música, além de valorizar o trabalho desenvolvido por tantas pessoas que fazem parte dessas corporações como veículo de educação e cidadania.

## 1.2 O INTERESSE PELAS BANDAS

O envolvimento de um pesquisador com seu campo de pesquisa muitas vezes está ligado ao seu próprio contexto histórico de formação profissional ou de suas vivências. No meu caso, não foi diferente.

No ano de 1995, ingressei na Banda Marcial da Escola Estadual Antônio de Castro Alves, instituição de ensino onde cursava o ensino fundamental em Alvorada, cidade da região metropolitana de Porto Alegre. No ano de 1999, conclui o ensino médio, mas permaneci na banda até o ano de 2001.

Durante minha trajetória na banda, tive a oportunidade de tocar instrumentos de sopro e percussão. A banda realizava seu ensaio geral, inicialmente, nas sextas-feiras das 18h – 19h, horário de intervalo entre o final das aulas do turno da tarde e início do turno da noite. Após três meses de meu ingresso, a banda passou a realizar seus ensaios gerais aos sábados pela manhã das 9h – 12h. Nos períodos da manhã e tarde de sexta-feira, o maestro da banda, Arlindo Schlorke, dedicava-se em atender aos alunos que estivessem interessados em aprender teoria musical e estudo específico dos instrumentos de sopro. Então, os alunos que estudavam à tarde, compareciam na sala da banda no período da manhã e os que estudavam pela manhã, compareciam à tarde.

Após minha formatura no ensino médio e, estando inserida no mercado de trabalho, comecei a enfrentar algumas dificuldades para permanecer nos empregos

porque não aceitava trabalhar aos sábados devido aos ensaios da banda. Isso fez com que eu me desligasse de algumas empresas e rejeitasse outras.

No ano de 2002, passei a integrar outra banda escolar da mesma cidade, a Banda da Escola Luterana São Marcos, permanecendo nesse grupo até o ano de 2009. Na Banda São Marcos, sob a regência do maestro André de Oliveira, tive a oportunidade de viajar por várias cidades do Rio Grande do Sul e, também, outros estados devido a participação da banda em festivais e competições de bandas.

No ano de 2004, recebi o primeiro convite por parte do maestro André de Oliveira para trabalhar com bandas. Então, passei a fazer parte do quadro de colaboradores da WAMSB BRASIL (World Association of Marching Show Bands), com sede em vários países, inclusive, no Brasil, em Porto Alegre, sendo presidente o maestro André de Oliveira. No ano seguinte, 2005, auxiliei na construção e efetivação do 9º Campeonato Mundial de Bandas realizado na cidade de Taubaté, São Paulo, do qual participaram bandas brasileiras e do exterior. Já em 2012, outro convite do maestro, agora, para fazer parte do Projeto Bandas Comunitárias como assessora cultural, auxiliando-o a monitorar o trabalho de dez bandas pertencentes a diferentes municípios do interior do estado do Rio Grande do Sul.

O envolvimento com bandas escolares despertou em mim o interesse pela música enquanto estudo e profissão. Ao entrar no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, trouxe comigo a proposta de discutir e investigar, na área da etnomusicologia, sobre esses grupos musicais no Rio Grande do Sul, grupos que se encontram invisibilizados para o poder público ou, muitas vezes, despercebidos em suas cidades, comunidades e até mesmo dentro das próprias instituições de ensino do qual fazem parte.

### 1.3 LITERATURA SOBRE BANDAS

Ao considerar, nessa investigação, 60 anos da atuação de bandas escolares no Rio Grande do Sul, iniciou-se uma busca por pesquisas e publicações sobre a área dentro de uma perspectiva etnográfica, esperando com isso encontrar publicações que discutissem o movimento das bandas escolares no decorrer de todos esses anos. No entanto, o que se observou ao realizar uma busca por esses materiais no estado

e, posteriormente, nos demais estados brasileiros, foi uma lacuna nas produções etnográficas e histórico-musicais desses grupos. É possível perceber que as bandas de música representam um rico espaço disponível para produção de pesquisa e, assim, este estudo etnomusicológico vem ao encontro desse ambiente musical, podendo contribuir na discussão de fatores que permeiam a constituição das bandas escolares, como seus espaços sociais, trajetórias musicais e construções identitárias particulares.

No estado do Rio Grande do Sul, infelizmente, são escassas as pesquisas acadêmicas de mestrado e doutorado referentes a bandas escolares. No entanto, os exemplares *O Bombardino Amassado* organizado por Carlos Rizzon (2013) e *Banda Marcial Juliana: caminhos para a inclusão social e profissional* organizado por Carlos Rizzon e Cesar Rizzon (2020), são as únicas publicações em livros, até o momento. A primeira obra traz um resgate das memórias de ex-integrantes da Banda Marcial Juliana de Porto Alegre, destacando histórias dos componentes sobre fatos ocorridos na banda nos anos de 1960 e início de 1970. A segunda, trata a banda enquanto um caminho para socialização dos componentes a partir de relatos de pessoas que se profissionalizaram na música, tendo a banda como ponto de partida.

No ano de 2011, apresentei no Centro Universitário Metodista – IPA, meu trabalho de conclusão do curso de licenciatura em música com o título *Práticas Musicais em uma Banda Escolar*, uma pesquisa realizada na banda de uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre, cujo foco estava nos processos de ensino e práticas musicais realizadas no cotidiano daquele grupo.

Fora do contexto da banda escolar, é importante ressaltar o trabalho de Albernaz (2008), que desenvolveu uma pesquisa etnográfica, apresentando as memórias pessoais e coletivas de músicos que fizeram parte da história da Banda Musical Gioacchino Rossini da cidade de Rio Grande.

As áreas da educação e educação musical vêm apresentando muitas contribuições pelo Brasil sobre processos de ensino e aprendizagem musical em bandas. Entre os títulos encontrados, destaco Lima (2007), que transformou sua tese de doutorado em um livro intitulado *A Banda Estudantil em um Toque Além da Música*. Na obra, o autor, apresenta uma distinção entre banda estudantil e banda escolar e discorre sobre as práticas realizadas pela Fanfarra Marcial Paz da cidade de Americana, São Paulo. Seu olhar debruça-se sobre os trânsitos realizados pelo grupo em diversos ambientes e sobre os conflitos e tensões encontrados nas competições.

Já por outro lado, no que se refere a trabalhos desenvolvidos no âmbito brasileiro relacionados a Etnomusicologia, poucas, ainda, são as contribuições. Na área, temos a pesquisa de Pietra (2016), que discutiu questões histórico – musicais e refletiu sobre como as relações sociais, de identidade e comportamento influenciaram a prática e o fazer musical da Corporação Musical Cachoeira Grande em Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Já Souza (2010), desenvolveu em João Pessoa, Paraíba, uma pesquisa etnográfica sobre a Banda Marcial Castro Alves, apresentando o contexto social onde essa estava inserida bem como a interação entre seus agentes, a comunidade e o espaço escolar. Também na Paraíba, Costa (2008), procurou compreender os processos que permeiam a transmissão musical, evidenciando as principais estratégias de ensino e aprendizado utilizadas na Banda 12 de Dezembro da cidade de Cabedelo. Fagundes (2010), descreveu o processo da Banda Nossa Senhora do Carmo em sua transição de banda civil para banda sinfônica na cidade de Betim em Minas Gerais, com foco nos aspectos de sua prática musical, conteúdo sonoro musical, questões socioculturais e de diálogo permanente entre comunidade e grupo pesquisado. Ainda em Minas Gerais, Chagas (2015), discutiu sobre os sentidos e relações sociais das práticas musicais realizadas pela Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição da cidade de Catas Altas.

Uma busca por pesquisas que contemplassem estudos de trajetórias e construções identitárias em bandas foi realizada e entre os materiais encontrados, destaco Silva e Miranda (2013), que procuraram compreender a constituição histórica das formações identitárias e suas articulações com relações de poder nas atividades musicais de três corporações mineiras: Orquestra Ribeiro Bastos, Banda do 11º Batalhão de Infantaria e Sociedade de Concertos Sinfônicos. Lucas (2008), abordou questões sobre trajetórias e perfil identitário de duas corporações musicais do Rio Grande do Sul: Banda Musical Gioacchino Rossini de Rio Grande e a Banda União Democrata de Pelotas.

Realizou-se, também, uma procura por pesquisas etnomusicológicas fora do Brasil sobre bandas e dentro desse contexto destaco Lourosa (2012), que tratou do fenômeno das bandas filarmônicas em Portugal numa perspectiva histórica, refletindo sobre movimentos de implantação de agrupamentos filarmônicos na Europa. Seguindo nos estudos sobre as filarmônicas portuguesas, Brucher (2005), através da Filarmônica de Covões, concentrou seu estudo etnomusicológico, analisando a participação das bandas na construção do lugar através de suas práticas musicais e

sociais. Herbert (2000), contextualizou a história da formação das bandas de metais na Inglaterra, relacionando-a com o surgimento e reformulação estrutural do instrumental de sopro. Em 1997, Herbert e Sarkissian já traziam contribuições nesse sentido com a publicação do artigo *Victorian Bands and Their Dissemination in the Colonies*, onde os autores discutiram sobre os instrumentos de metais e a relação com a tradição da música europeia, além de apontar informações históricas a respeito das bandas militares no império, bandas coloniais, bandas de metais e processos de aculturação. Na obra *Brass Bands of the World: militarism, colonial legacies and local music making*, Reily e Brucher (2013), procuraram fornecer um impulso a pesquisas relacionadas a bandas, destacando a grande diversidade desse universo musical, explorando as diversas formas em que a interação entre fluxos globais e dinâmicas locais moldaram as tradições das bandas em todo o mundo através da colaboração das investigações de outros pesquisadores além de suas próprias. O etnomusicólogo Ramsey (2011), em seu artigo *Band Practice: class, taste and identity*, documentou a história de três gêneros existentes dentro do “mundo das bandas de flautas” como assim denominou, sendo eles: ‘part-music’, ‘melody’ e ‘blood & thunder’. O autor explorou as maneiras pelas quais as diferentes histórias práticas e estéticas pertencentes a cada gênero de banda levaram à produção de identidades diferentes.

Por fim, buscou-se por publicações que discutissem sobre sociabilidade, fazer musical, práticas em conjunto e trabalho coletivo em bandas, orquestras e grupos musicais. Bozon (2000), abordou questões referentes à sociabilidade, partindo do resultado de uma pesquisa realizada em Villefranche na França onde procurou descrever e analisar as atividades e práticas musicais desse local. Sullivan (2008), discutiu sobre a questão da presença de mulheres como integrantes de bandas de sopro nos Estados Unidos, traçando um século de suas participações entre os anos de 1870 - 1970. Humphreys (1989), descreveu a história de bandas e orquestras de escolas americanas antes da Segunda Guerra Mundial. Baker (2014), realizou um estudo do programa venezuelano El Sistema através de uma análise crítica das ações do projeto bem como da Orquestra Sinfônica Juvenil, revelando questões de conflitos, monopólio, medo, lacunas entre teoria e prática e manipulação emocional. A cidade inglesa de Milton Keynes foi escolhida por Finnegan (2007), para refletir sobre a estrutura das práticas do fazer musical local através de um estudo etnográfico com grupos musicais amadores oriundos de bandas de metais, grupos de rock, grupos de dança, bandas de jazz, bandas de música folk, coros de igrejas e orquestras clássicas.

## 1.4 TRABALHO DE CAMPO

A entrada em campo deu-se no primeiro semestre de 2018 a partir de contatos iniciais realizados com cada corporação. Nos primeiros contatos estabelecidos, pude apresentar-lhes o tema de pesquisa proposto de maneira sucinta e explicativa, com o intuito de promover uma aproximação entre eu, enquanto pesquisadora, e as bandas enquanto campo.

Ao longo desse percurso, tive a oportunidade de participar do grupo de pesquisa Etnomus UFRGS/ Núcleo de Estudos em Música do Brasil e América Latina. O grupo me proporcionou a participação como entrevistadora no programa Músicas do Mundo: etnomusicologia na Rádio da Universidade, coordenada por meu orientador o professor Dr. Reginaldo Gil Braga. O programa é uma ação de extensão universitária, uma parceria entre a Rádio da Universidade e grupo de pesquisa, que tem por objetivo difundir as pesquisas acadêmicas realizadas pelo grupo, dando voz às práticas musicais dos colaboradores. Ao todo, conduzi seis programas, convidando, sempre, pessoas ligadas ao meio de bandas. Essa prática contribuiu para que eu pudesse me aproximar ainda mais das bandas e de meus colaboradores, além de fornecer muitas informações relevantes para composição de minha pesquisa durante as entrevistas.

Quando iniciei minha investigação, pensei em quais possibilidades haveriam para que essa viesse a tornar-se uma pesquisa participativa e colaborativa. Então, encontrei no programa da rádio uma maneira de retribuição em contrapartida a tudo que meus colaboradores estavam me proporcionado para realização do trabalho. Outra forma de colaboração encontrada foi através da participação como “apoio” em apresentações e eventos organizados pelas bandas. As pessoas que se envolvem no “apoio” realizam filmagens dos grupos, capturam imagens fotográficas, carregam materiais, enfim, se dispõem a ajudar em qualquer situação que for solicitado. Esse papel nas bandas é atribuído, normalmente, aos coordenadores e comissão de pais.

A escolha pelas quatro bandas fez com que o tempo de trabalho de campo fosse organizado de maneira que todas pudessem receber igual atenção, logo, minha organização para realização das observações precisou ser estabelecida através de um cronograma de visitas mensais. As Bandas São Marcos, Juliana e Morada do Vale estenderam o convite para que eu tocasse em seus grupos, mas, nos três casos,

neguei minha atuação como musicista. Isso porque, se eu aceitasse o convite, deveria assumir um compromisso com os grupos me fazendo presente em todos os ensaios e apresentações o que era impossível pelo fato de ter selecionado quatro grupos. Outra impossibilidade para minha inserção musical estava no fato de que essas bandas reuniam-se no mesmo dia e horário, sábados à tarde.

A primeira banda da qual me aproximei foi a São Marcos. Não posso negar que o fato de ter passado alguns anos nesse grupo contribuiu para minha reaproximação, mas ao mesmo tempo foi o local onde me mantive mais tensa pelo fato de que ali não estava mais uma componente do grupo, mas uma pesquisadora. Voltar àquele local e observar o grupo, estando de fora, trouxe muitas lembranças. O grupo participante não era mais o mesmo que havia tocado, mas o processo inicial de me ver como uma pesquisadora foi um tanto incômodo. Por vezes me via como alguém de fora por não conhecer aquelas pessoas que ali estavam, mas ao mesmo tempo, me sentia como parte da história daquele lugar, como se ainda fizesse parte do grupo. Logo, praticar o distanciamento, tendo um olhar de fora para realização da pesquisa nas primeiras visitas à banda não foi tarefa fácil. Com relação a isso, Velho (2003, p.18), diz que “não há formulas nem receitas, e sim tentativas de armar estratégias e planos de investigação que evitem esquematismos[...]. Cada pesquisador deve buscar suas trilhas próprias”. Aos poucos entendi que sim, fazia parte daquela história, porém, durante minha investigação, estava para observar e refletir criticamente sobre o que passaria a presenciar pelos próximos dois anos.

Na tarde de sábado do dia 24 de março de 2018, realizei o primeiro encontro com o Maestro André de Oliveira na Banda São Marcos. Nesse encontro, o maestro autorizou minha pesquisa com o grupo, concedendo, já naquele dia, sua primeira entrevista. Na ocasião, o maestro externou sua felicidade e empolgação ao saber que uma de suas ex-alunas havia se interessado e pensado sobre as bandas escolares do Rio Grande do Sul como uma possibilidade de pesquisa acadêmica.

Na segunda-feira às 19h do dia 16 de abril de 2018, foi a data de minha primeira visita na Banda São João. No local, fui recebida por Luís Gaspareto, coordenador do grupo, que me aguardava na sala da coordenação da banda. Nosso encontro foi intermediado, inicialmente, por um ex-colega da graduação, Renã Covolan, que é um dos professores de música da Escola La Salle São João. Durante a conversa com Luís Gaspareto, ele preparou uma lista com nomes de várias pessoas que, segundo ele, poderiam me auxiliar, concedendo informações a respeito da trajetória histórica

das bandas escolares no Rio Grande do Sul. A lista era composta por nomes de maestros e ex componentes que fizeram parte de bandas existentes no final dos anos de 1950 e início dos anos 1980 no estado.

O primeiro contato com a Banda Juliana ocorreu através de seu maestro, Vainer Ramos, por meio das redes sociais. Comentei, inicialmente, que estava interessada em desenvolver uma pesquisa sobre bandas escolares e que gostaria de acompanhar a Banda Juliana, mas para isso precisaria do consentimento da banda. Prontamente, o maestro mostrou-se interessado na pesquisa e me convidou para ir à escola conversar com a coordenação da banda e assim, o fiz na manhã de sábado do dia 05 de maio de 2018. Ao chegar na escola, fui recebida por Vainer que me apresentou a Renato Carvalho Rizzon, coordenador da escola de música da banda. Renato ficou muito curioso a respeito de meu trabalho então, expliquei a ele sobre o que consistia a pesquisa. Sua reação foi de entusiasmo pelo fato de alguém se interessar em escrever um trabalho acadêmico, tendo como foco as bandas escolares gaúchas. Renato apresentou os espaços que a banda ocupava na escola e contou sobre como se deu a ideia de criação da escola de música. Naquela ocasião, Renato disse que falaria sobre minha iniciativa à coordenação da banda, que se reuniria na segunda-feira à noite, e, se houvesse o aceite de todos os membros, entraria em contato para repassar a informação. Passados alguns dias, como não havia recebido resposta, retomei o contato com Renato e, na ocasião, fui informada de que poderia visitar o grupo e conversar com o coordenador geral da banda, Sr. Carlos Rizzon.

No dia 02 de junho de 2018, realizei o primeiro contato presencial na Banda Morada do Vale. Cheguei na escola às 14h daquele sábado, conforme combinado com o maestro João Camargo através de redes sociais. Ao chegar, o maestro já encontrava-se na escola por conta das atividades realizadas com o projeto da escola de música do qual coordena. Nessa primeira conversa, o maestro João quis saber sobre minha proposta de pesquisa e de que maneira ele poderia contribuir. Expliquei sobre minha intenção de pesquisa e solicitei autorização para acompanhar o grupo, observar ensaios e realizar entrevistas com componentes e ex-integrantes da banda.

Assim, a partir dessas primeiras inserções em campo, iniciei o acompanhamento e observações das quatro bandas escolares a partir do segundo semestre de 2018.

## 1.5 CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A composição dessa investigação deu-se ao longo dos anos de 2018 e 2019, a partir de minha imersão no campo com visitas presenciais semanais organizadas através de revezamentos nas bandas escolhidas.

No decorrer desse processo, procurei dar voz aos colaboradores que me apontaram muitas pistas na qual deveria seguir para compor essa investigação. Nessa trajetória, conheci a história de cada banda, acompanhei ensaios, observei tomadas de decisões dos grupos em reuniões, acompanhei apresentações além de conversar e realizar entrevistas com fundadores das bandas, maestros, componentes, ex-integrantes, coordenadores e familiares. No trabalho de campo, de acordo com Queiroz (2005, p. 98),

Desde os primeiros contatos com o campo de estudo, o pesquisador deve buscar alternativas múltiplas para o entendimento do universo musical que pretende “desvendar”, com o intuito de compreender o fenômeno em suas diferentes dimensões e perspectivas, entendendo as características fundamentais que constituem a música no seu contexto de origem e prática.

Dessa forma, todas as entrevistas foram gravadas a fim de estabelecer-se um diálogo mais natural entre pesquisador e colaboradores, propiciando, dessa forma, retornar aos áudios, posteriormente, para avaliar, analisar e transcrever-los sem deixar se perder nenhuma informação relevante. As transcrições de trechos das entrevistas, ao longo do trabalho, estão na linguagem utilizada pelos próprios colaboradores. Na maioria das vezes, o nome original dos colaboradores foi mantido, mas há casos que, para preservá-los mediante suas colocações, optei por nomeá-los como colaboradores, atribuindo um número para cada um a fim de diferenciá-los.

Os trabalhos etnomusicológicos tem demonstrado, tanto no Brasil, quanto no exterior, um grande interesse pela diversidade sociocultural de músicos e grupos musicais que se encontram invisibilizados pela sociedade. Segundo Nettl (2005, p.13, tradução nossa),

A etnomusicologia é o estudo de todas as manifestações musicais de uma sociedade. [...] Não privilegiamos repertórios de elite e pagamos especial atenção às músicas de classes socioeconômicas mais baixas, povos colonizados, minorias oprimidas. Acreditamos que, no final, devemos estudar toda a música do mundo, de todos os povos e nações, classes, fontes e períodos da história.

Dessa forma, encontrei na Etnomusicologia a possibilidade de desenvolver uma pesquisa que contemplasse não somente a música executada pelas bandas através de seus repertórios, mas com a intenção de investigar e entender sobre suas práticas enquanto grupos pertencentes a comunidades sociais, sobre as pessoas que as compõe, pessoas que estão inseridas dentro de um contexto, ainda, pouco explorado em pesquisas acadêmicas no Rio Grande do Sul. Essa investigação foi realizada através de uma etnografia da música proposta por Seeger (2008, p. 239), que diz: “a etnografia da música é a escrita sobre as maneiras que as pessoas fazem música”, e de que “ela deve estar ligada à transcrição analítica dos eventos, mais do que simplesmente à transcrição dos sons”. Assim, os eventos foram analisados a partir da realização de entrevistas locais, entrevistas no programa de rádio e acompanhamento dos grupos em diferentes momentos de suas práticas musicais.

Os encaminhamentos da investigação deram origem a organização do trabalho nos próximos quatro capítulos, segundo as abordagens teórico metodológicas que seguem.

No capítulo 2, discorro sobre o processo da formação das bandas no Brasil a partir de pesquisas já realizadas por outros autores. Sigo para a formação das bandas escolares no Rio Grande do Sul a partir da década de 1950 no qual as informações obtidas foram frutos de memórias orais, já que não há registros publicados sobre o assunto. O capítulo segue com as transformações ocorridas nas bandas escolares a partir da década de 1980 e com o surgimento de novos grupos que passaram a compor esse cenário no estado. Outra questão que compreende esse período é a promoção de festivais e o retorno das competições de bandas no estado. As competições retornaram com força a partir do surgimento de instituições promotoras desses eventos que são, também, responsáveis pela formação de novas categorias musicais de bandas de acordo com o instrumental utilizado.

O capítulo 3 inicia apresentando o motivo pelo qual se deu a escolha das quatro corporações assim como a noção de identidade definida por Hall (1996). No

caso das bandas escolares, as trajetórias de cada corporação, vem contribuir para compreender os processos identitários das bandas. A noção de trajetória se dá a partir de Bourdieu (2008) e foi relacionada, por mim, à discussão de Wenger (2007), sobre “comunidades de práticas”, isso porque, as bandas escolares assumem algumas características como pertencentes a esses grupos de acordo com a “participação” de seus integrantes.

A participação aqui refere-se não apenas a eventos locais de engajamento em certas atividades com certas pessoas, mas a um processo mais abrangente de participação ativa nas práticas de comunidades sociais e na construção de identidades em relação a essas comunidades (WENGER, 2007, p.4, tradução nossa).

As quatro bandas são apresentadas, nesse capítulo, assim como alguns momentos de ensaios e apresentações a fim de elucidar ao leitor um pouco da rotina das bandas a partir de transcrições do diário de campo.

O capítulo 4 elucidada a ideia de “mundo musical das bandas escolares” que se dá a partir da noção de “mundo artístico” proposta por Becker (1977) e “mundos da arte” (BECKER, 2010). O “musical” complementa esses mundos, nessa investigação, a partir da noção de “mundos musicais” de Finnegan (2007). O “mundo musical das bandas escolares” apresentam características que são elucidadas através das percepções dos participantes no que se refere as funções das bandas como grupos sociais bem como as relações de proximidades e distanciamentos com seu entorno (bairro, escola, comunidades), marcados pela existência de interações e conflitos. Os conflitos são medidos através de relações de forças, no qual desencadeiam em um “campo de forças” e “campo de lutas” (BOURDIEU, 2008). As situações de conflitos surgem, ainda, nas relações internas das bandas, entre seus participantes, a partir de desentendimentos por ideais musicais que marcam os interesses de cada um entre o campo de ser um músico “amador” e um músico “profissional”. Em meio aos conflitos existentes, surgem, também, aqueles que se originaram através da criação das instituições promotoras de competições de bandas no estado, criadas por maestros incomodados com a forma de como o trabalho era conduzido, conseqüentemente, suas “estratégias” (DE CERTAU, 1998), resultaram em distribuição de forças. No entanto, o “mundo musical das bandas escolares” mostra que no meio de algumas

desavenças e rivalidades surgem momentos de interações ocasionados pelos caminhos que alguns componentes das bandas passam a seguir a partir de suas práticas musicais, desencadeando na formação de vínculos e redes de trabalho.

O capítulo 5 apresenta várias situações ocorrentes nas bandas escolares e de que maneira contribuíram para a formação identitária desses grupos musicais. O primeiro tópico volta-se para as alternativas encontradas pelas bandas para driblar as dificuldades financeiras provenientes da falta de recurso proporcionado por suas instituições de ensino e poder público. No seguinte, são apresentadas as imposições de regras, hierarquias e limites estipulados por cada grupo, na figura de seus maestros e coordenadores, para sua organização, assim como a percepção de pertencimento de seus envolvidos na banda como um grupo “familiar”. Para finalizar, apresento uma contextualização a respeito das mudanças nos repertórios musicais executados pelas bandas nos últimos 30 anos e de que maneira as escolhas das peças musicais, a serem executadas, influenciam as características musicais de cada banda, contribuindo para a identificação desses grupos. Os processos de ensino e aprendizagem surgem aliados as transformações ocorridas com o passar dos anos nas bandas escolares e estão incorporadas aos métodos musicais e metodologias de ensino desenvolvida por cada maestro.

Por fim, a proposta dessa pesquisa foi projetar um olhar etnográfico e etnomusicológico sobre as bandas escolares no Rio Grande do Sul através de suas práticas musicais e construção de suas identidades. Pretende-se, com essa investigação, contribuir para o crescimento da área etnomusicológica no estado ao mesmo tempo que apresentar esses grupos musicais como possibilidades de pesquisas na área para que novos olhares sejam lançados sobre as bandas.

## 2 BANDAS ESCOLARES NO RIO GRANDE DO SUL

### 2.1 FORMAÇÃO DAS BANDAS NO BRASIL: BREVES CONSIDERAÇÕES

A formação das bandas de música no Brasil é um tema que exige um estudo aprofundado para que se possa apresentar sua construção histórica. Alguns autores, porém, já trouxeram contribuições sobre o assunto. Todavia, considera-se importante destacar, o período entre meados do século XVIII no Rio de Janeiro e na Bahia com a formação de grupos denominados banda dos barbeiros “formados por negros livres ou de ganho que desempenhavam sua profissão em caráter liberal e que, além de prestarem seus serviços de barba e cabelo, desenvolviam atividade musical” (TINHORÃO, 1972, p. 96). Anterior as bandas de barbeiros, haviam os chameleiros, que de acordo com Tacuchian (2008, p.13), “animavam festas, solenidades oficiais e momentos de lazer”. Os chameleiros ficaram assim conhecidos por executarem as chamelelas, um antigo instrumento de sopro que segundo Andrade (1989, p.129), “foi introduzida no Brasil no início do século XVII e estava entre os instrumentos europeus ensinados aos índios”.

O termo “banda”, que se fará presente ao longo desse trabalho, denomina para Reis (1962, p.10), “como um conjunto musical constituído de instrumentos de sopro (de madeira e de metal) e de percussão”, já, segundo o dicionário Grove de Música,

Em sua forma mais livre, “banda” é usada para qualquer conjunto maior do que um grupo de câmara. A palavra banda pode ter origem no latim medieval bandum (estandarte), a bandeira sob o qual marchavam os soldados. Essa origem parece se refletir em seu uso para um grupo de músicos militares, tocando metais, madeiras e percussão, que vão de alguns pífaros e tambores até uma banda militar de grande escala. Na Inglaterra do séc. XVIII, a palavra era usada coloquialmente para designar uma orquestra. Hoje em dia costuma ser usada com referência a grupos de instrumentos relacionados, como em “banda de metais”, “banda de sopros”, “banda de trompas” [...] (SADIE, 1994, p.71).

Outras nomenclaturas, também, são encontradas para designar uma banda. Neste trabalho, será recorrente o termo corporação<sup>1</sup> para definir esses grupos musicais.

No Brasil, infelizmente, ainda é pequeno o número de pesquisas sobre a formação das bandas escolares como as conhecemos hoje. Sabe-se que elas possuem na sua origem as bandas militares. Higino (2006) e Marconato (2014) apontam a Banda do Colégio Salesiano Santa Rosa de Niterói,<sup>2</sup> Rio de Janeiro, como sendo a banda escolar mais antiga do país, tendo sua fundação em 1888 e mantendo suas atividades ininterruptas.

No processo de formação das bandas no Brasil, não se pode deixar de destacar a importância de Don João VI quando trouxe de Portugal em 1808 a Banda da Brigada Real da Marinha Portuguesa que serviu de modelo para muitas bandas que foram fundadas no império e que, posteriormente, serviriam de modelo para formação e origem da Banda dos Fuzileiros Navais como aponta Reis (1962). No que se refere a formação de bandas civis e militares no Brasil, muitos autores já relataram sobre esse processo, e por conta disso, esses apontamentos não serão aprofundados neste trabalho. Binder (2006), por exemplo, descreveu muitos detalhes a respeito da formação das bandas militares no Brasil, com destaque para o decreto de 20 de Agosto de 1802 que determinou a organização de uma banda de música em cada Regimento de Infantaria no país. Maiores informações podem ser encontradas nas contribuições sobre o assunto através das pesquisas de Silva (2012), Fagundes (2010), Tacuchian (2008), Cardoso (2004), Gomes (2008), Veríssimo (2005), Costa (2011), Silva (2009), Brum (1988), Reis (1962) e Chagas (2015).

Durante a Era Vargas, período de governo do presidente Getúlio Vargas (1930 – 1945), foi criada por Anísio Teixeira, em 1932, no Departamento de Educação da Prefeitura do Distrito Federal – Rio de Janeiro, a Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA), com o intuito de objetivar uma diretriz artística educacional e desenvolver o estudo da música nas escolas primárias de ensino secundário e profissional. Segundo Paoliello (2006, p.153),

---

<sup>1</sup> Termo utilizado entre as bandas escolares no Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Fundada em 1888 pelo Pe. Pedro Rotta seu primeiro maestro, mantém-se em atividade ininterrupta até a presente data. Concede-se a ela, o título de “A Banda Colegial Mais Antiga do Brasil” – informações retiradas do site da escola. **Disponível em:** < <http://www.salesianoniteroi.com.br/SR/arte-cultura-esporte.php?pg=0&segmento=5#cecao> > **Acesso em:** 17 out. 2019.

A orientação dada ao ensino de música nas escolas do Distrito Federal visou, principalmente, a generalização desse ensino no Brasil, obedecendo, em linhas gerais a três grandes finalidades: disciplina, educação cívica, educação artística.

Em 1934, estando no SEMA, Heitor Villa-Lobos, implantou o Curso de Especialização de Música Instrumental para a formação de músico de banda<sup>3</sup> em algumas escolas técnicas. O curso fazia parte das Novas Diretrizes da Educação Cívico-Artístico Musical, aliado ao seu projeto de educação musical e ensino do Canto Orfeônico. De acordo com Silva (2010), Villa-Lobos organizou o curso nas escolas técnicas secundárias: Ferreira de Viana, João Alfredo e Visconde de Mauá.

O curso previa a formação do profissional em seis anos e estava relacionado à preparação profissional do executante de orquestra e do músico de banda. O período de profissionalização seria dividido em dois ciclos compreendendo três anos cada. As bandas seriam organizadas em Bandas Recreativas com até 30 músicos e, a partir dela, seria originada a Banda Técnica formada por até 50 integrantes que fariam o curso de teoria da música, além de um programa de ensino instrumental. Silva (2010), descreveu que Villa-Lobos estava propondo a criação de uma tradição de se formar bandas de música nas escolas brasileiras, todavia, o projeto em questão não teve continuidade. No período do governo de Getúlio Vargas havia um caráter disciplinador que era refletido nas escolas, dessa forma, a formação de uma banda marcial escolar poderia auxiliar para manter a ordem e disciplina dos alunos ao mesmo tempo que se trabalharia a música e o patriotismo dentro da escola. Logo, a ideia de Villa Lobos vinha ao encontro dessas características por conta de seu discurso que reforçava noções de ordem e civismo.

## 2.2 FORMAÇÃO DAS BANDAS ESCOLARES NO RIO GRANDE DO SUL

Essa pesquisa não tem a intenção de aprofundar-se em questões históricas da formação das bandas escolares no entanto, em nível de conhecimento, torna-se necessário trazer algumas colaborações a respeito do assunto e para isso, tomaremos

---

<sup>3</sup> Informações sobre o curso encontram-se na obra **Educação Musical**: presença de Villa-Lobos.

o movimento de bandas no estado a partir do final da década de 1950, pois foi quando começou-se a discutir sobre o termo banda marcial escolar, o que acabou por definir um novo caminho para muitas bandas escolares. Nesse contexto, a Banda do Corpo dos Fuzileiros Navais do Brasil serviu como um grande modelo para o impulsionamento da formação de bandas marciais escolares no Rio Grande do Sul.

Na Escola Lemos Junior em Rio Grande, região sul do estado, a Banda do Corpo dos Fuzileiros Navais motivou o diretor da escola Sr. Harry Kramer de Lima, que juntamente com o maestro Jorge Mario Augusto Schimdt, decidiram transformar a banda de tambores e cornetas existente na escola em banda marcial escolar. A banda marcial foi oficializada no ano de 1956 durante as comemorações do cinquentenário da escola transformando-se na primeira<sup>4</sup> formação de banda marcial escolar do estado do Rio Grande do Sul do qual se tem informações. Na mesma época, na cidade de Pelotas, vizinha de Rio Grande, o Irmão Feliciano do Colégio Lassalista Gonzaga entrou em contato com o Corpo dos Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro, solicitando a vinda de um integrante daquela corporação, pois seu intuito era, também, formar uma banda marcial em sua escola nos moldes da Banda dos Fuzileiros Navais. Dessa forma, chegou a Pelotas o Sargento Werneck que se tornou o primeiro maestro da Banda Marcial Gonzaga<sup>5</sup>, tendo sua fundação no ano de 1958.

No estado, outras bandas marciais escolares formaram-se em escolas públicas e privadas. Na região central, merece ser mencionada a Banda da Escola Manoel Ribas<sup>6</sup> de Santa Maria que foi fundada em 1956 como fanfarra, tornando-se marcial em 1961 e mantendo suas atividades ininterruptas. Na serra gaúcha temos a Banda da Escola La Salle Carmo de Caxias do Sul fundada em 1958, e na mesma cidade a Banda da Escola Cristóvão de Mendonza<sup>7</sup> fundada em 1965. Na capital, temos em 1958, a fundação da Banda da Escola La Salle Dores e da Banda da Escola La Salle São João

---

<sup>4</sup> Informações obtidas através de relatos de músicos e regentes de bandas que vivenciaram esse período de formação das bandas marciais escolares no Rio Grande do Sul. Informações referente a esse processo podem ser visualizadas no blog da Banda Lemos Junior. **Disponível em:** <<http://www.bandalemosjunior.com.br/>> **Acesso em:** 20 out. 2019. Informações, também, no blog Confraria dos Rio-Grandinos. **Disponível em:** <<http://rio-grandinos.blogspot.com/2009/12/primeira-banda-marcial-do-brasil.html>> **Acesso em:** 22 out. 2019.

<sup>5</sup> Mais informação referente a Banda Gonzaga estão **disponíveis em:** <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2019/04/conheca-a-banda-marcial-de-pelotas-tricampea-nacional-cju04092j006h01nv9bemncab.html>> **Acesso em:** 03 jan. 2020

<sup>6</sup> Maiores informações a respeito da Banda Manoel Ribas podem ser acessadas através de seu site. **Disponível em:** <<https://bandamarcialmaneco.wixsite.com/bmmr/about-us>> **Acesso em:** 03 jan. 2020.

<sup>7</sup> Maiores informações a respeito da Banda Cristóvão de Mendonza **disponível em:** <<http://bandamarcialcristovao.blogspot.com/p/historico.html>> **Acesso em:** 03 jan. 2020.

em 1960. Ainda em Porto Alegre, em 1961, houve a fundação da Banda Marcial da Escola Estadual Júlio de Castilhos. Na região metropolitana, na cidade de Gravataí, em 1966 a Banda da Escola Dom Feliciano<sup>8</sup> transformou-se em banda marcial, pois, desde os anos 1950, desenvolvia atividades como fanfarra. Outras bandas surgiram na capital e interior do estado como a Banda da Escola Parobé, Banda da Escola Anchieta e Banda da Escola Marista Rosário em Porto Alegre. Em Pelotas, Banda da Escola Técnica de Pelotas, que era uma grande concorrente da Banda Do Gonzaga e, na cidade de Rio Pardo, a Banda Dragões. Muitas outras foram criadas o que leva à necessidade de se realizar uma pesquisa exclusiva sobre todo o processo histórico de formação das bandas escolares no estado.

Infelizmente, no Rio Grande do Sul, é quase inexistente o número de publicações e trabalhos acadêmicos envolvendo bandas escolares. Por conta disso, para compor a construção dessa escrita foi necessário realizar inúmeras entrevistas com coordenadores, ex-integrantes de bandas, maestros e professores que vivenciaram o movimento de bandas escolares a partir da década de 1950 no estado. Um dos maiores colaboradores desse período está na pessoa do Sr. Sandro Pires. Sandro Pires foi professor de biologia e, posteriormente, formou-se em direito, trabalhou como advogado, professor universitário, promotor de justiça, procurador de justiça e foi presidente do Tribunal de Contas do Rio grande do Sul. O conhecimento e a paixão por bandas iniciaram ainda garoto quando presenciou uma apresentação da Banda do Corpo dos Fuzileiros Navais. A partir daí, por onde trabalhou, contribuiu e auxiliou na formação de muitas bandas pelo estado.

O Sr. Sandro Pires me recebeu em sua casa em uma manhã bastante chuvosa de inverno. Na ocasião, me mostrou muitas fotos, documentos e matérias publicadas em jornais sobre bandas escolares no final da década de 1950. Entre eles está uma matéria publicada na imprensa da cidade de Rio Grande, falando a respeito da presença da Banda Lemos Junior em Porto Alegre no qual se apresentaria na inauguração do novo prédio da Escola Estadual Júlio de Castilhos no ano de 1958,

---

<sup>8</sup> Em 1999 a Banda do Colégio Dom Feliciano recebeu Menção Honrosa do Gabinete da Prefeitura de Gravataí. **Disponível em:** < <https://leismunicipais.com.br/a/rs/g/gravatai/lei-ordinaria/1999/144/1439/lei-ordinaria-n-1439-1999-autoriza-o-poder-executivo-a-conceder-mencao-honrosa-a-banda-marcial-dom-feliciano> > **Acesso em:** 09 jan. 2020.

pois o antigo havia sido destruído em um incêndio ocorrido em 1951<sup>9</sup>. Segurando em suas mãos o antigo pedaço de jornal, Sandro Pires recitou a publicação:

A banda marcial do Colégio Estadual Lemos Júnior, seguirá amanhã para Porto Alegre onde se apresentará em dois grandes desfiles comemorativos na inauguração do novo edifício que passará a funcionar o novo colégio Júlio de Castilhos. Contando com 150 figuras, o admirável conjunto criado sob inspiração do admirável professor Harry Kramer de Lima, diretor do colégio, e dirigido pelo senhor Jorge Schimdt, seguirá em ônibus especiais e o instrumental em um caminhão da brigada militar, gentilmente, cedido. (Transcrição de leitura realizada pelo Sr. Sandro Pires, 03.09.18).

As bandas comportavam uma média de 100 – 150 componentes e a grande maioria desses grupos, além de tocar, realizavam coreografias, formando as iniciais de seus nomes ou outros símbolos e palavras como mostram as figuras a seguir:



Figura 1 – Coreografia Estrela Banda São João no pátio da escola, 1966.  
Fonte: Facebook da Banda.



Figura 2 – Coreografia Âncora pela Banda da Escola Júlio de Castilhos. Apresentação em Porto Alegre, 1966.

As corporações recebiam muitos convites para realizarem apresentações nas suas cidades e até mesmo em cidades longínquas. Alguns dos convites recebidos eram relacionados, por exemplo, a inauguração de estádios de futebol, inauguração de pontes e monumentos. As bandas eram convidadas a tocar para receber autoridades políticas ou alguma celebridade nacional. A Banda da Escola Júlio de Castilhos tocou na inauguração do Estádio Beira Rio em Porto Alegre e em algumas festividades referente ao aniversário do Jornal Correio do Povo na capital. A Banda

<sup>9</sup> Mais informações a respeito do incêndio na página da Fundação da escola. **Disponível em:** <<https://fundacaojulinho.wixsite.com/fundacaojulinho/galeriadefotos>> **Acesso em:** 04 jan. 2020.

da Escola Gonzaga de Pelotas participou da inauguração do Monumento ao Laçador<sup>10</sup> em Porto Alegre além da inauguração do Estádio Olímpico, também na capital. O maestro fundador da Banda São João, professor Otto Follmann, me recebeu em sua residência para realização de entrevista. Na ocasião, ele relembrou um fato histórico referente a uma apresentação da banda que acabou por não se concretizar:

Quando Jânio Quadros renunciou, estava marcado uma viagem dele para Porto Alegre. A Banda do São João estava preparando a recepção dele no aeroporto. Nós desenhamos a vassoura, que era o símbolo do Jânio, treinamos a vassoura no pátio essa coisa toda para recebe-lo no aeroporto quando veio a notícia de que ele renunciou. Nós estávamos com a vassoura pronta no pátio. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Otto Follmann 18.08.18).

As corporações participavam de festivais e concursos de bandas dentro e fora do estado como o promovido pela Rádio e TV Record em São Paulo no qual em 1972, 1973 e 1975 a Banda da Escola Gonzaga tornou-se tri campeã nacional. Os campeonatos da Record, como assim ficaram conhecidos, fizeram parte do contexto histórico de outras bandas no estado. Esse campeonato teve início no ano de 1957 e sua última edição em 1982. No decorrer de suas edições, participaram a Banda São João que se tornou bicampeã nacional nos anos de 1976 e 1978, Banda Cristóvão de Mendonza, Banda Izabel de Espanha de Viamão, região metropolitana de Porto Alegre, entre outras.

Na cidade de Porto Alegre, em 1960, ocorreu no Estádio Olímpico, um único concurso promovido somente para Bandas Lassalistas do qual saiu vencedora a Banda do Carmo de Caxias do Sul. Ainda em Porto Alegre, na década de 1960 iniciaram os concursos estaduais de bandas promovidos pelo Conselho Municipal de Turismo de Porto Alegre (COMTUR), que teve no corpo organizador do concurso o Sr. Sandro Pirez, tendo sua primeira edição no ano de 1966, porém sem obter continuidade nos anos de 1970.

Na semana da Pátria, as bandas escolares do Rio Grande do Sul participavam, em suas cidades, dos desfiles cívicos que eram chamados de “Parada da Mocidade”.

---

<sup>10</sup> O Monumento ao Laçador é um símbolo do gaúcho e encontra-se na entrada da cidade de Porto Alegre. Maiores informações **disponível em:** < <http://www.webpoa.com/cms/87-hist%C3%B3ria/origem/140-o-la%C3%A7ador.html> > **Acesso em:** 05 jan. 2020.

Nos desfiles da Parada da Mocidade era comum as bandas tocarem com suas respectivas escolas e, também, tocarem para outras, puxando o desfile daquelas que não tinham bandas. Em Porto Alegre, o Instituto de Educação Flores da Cunha, por exemplo, não possuía banda, então, a Banda da Escola Júlio de Castilhos tocava para acompanhar seu desfile. Sobre os desfiles da semana da pátria, o Sr. Sandro Pires contou sobre um convite recebido para sua banda “puxar o desfile” de outra escola:

Em 1957 eu remontei a banda do Colégio Anchieta em Porto Alegre e no ano seguinte nós fomos convidados pela madre superiora do Colégio Sévigné de Porto Alegre que não tinha banda. A escola ia desfilar e precisavam de uma banda. Assim, como o Colégio Bom Conselho se utilizava da banda do Colégio Rosário, para puxar o desfile, a banda do Colégio Anchieta foi convidada para puxar o Sévigné. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com o Sr. Sandro Pires, 03.09.18).



Figura 3 – Banda da Escola Júlio de Castilhos Parada da Mocidade na Av. Farrapos em Porto Alegre, 1966. Fonte: Acervo da Banda.

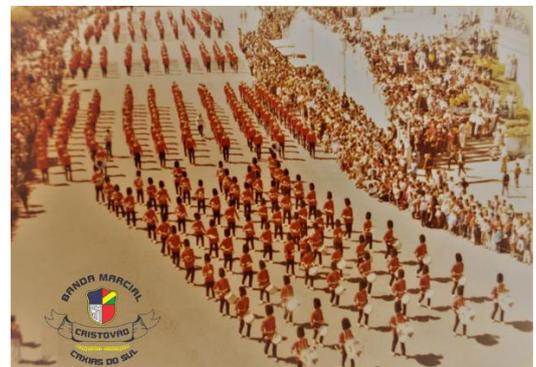


Figura 4 – Banda do Colégio Cristóvão de Mendonça no desfile pela semana da pátria em Caxias do Sul, 1978. Fonte: Facebook da Banda.



Figura 5 – Banda da Escola La Salle Dores no lançamento da pedra fundamental obras do Estádio Beira Rio, 1963. Fonte: Informações do jornalista Claudio Brito. Blog dos Ex- Alunos do Colégio Dores.



Figura 6 – Banda do Colégio Lemos Junior em seu primeiro desfile, 1956. Fonte: Facebook da Banda.



Figura 7 – Banda da Escola Gonzaga de Pelotas. Apresentação no pátio da escola, 1971.  
Fonte: Almanaque Jornal Zero Hora de 02 de abril de 2019.



Figura 8: Desfile Banda da Escola Manuel Ribas em Santa Maria no final da década de 1950. Fonte: Site da Banda.

Não se sabe ao certo quantas bandas escolares foram formadas a partir do final da década de 1950. A partir de relatos, sabe-se que a grande maioria das bandas existentes no estado eram compostas por bandas de percussão ou fanfarras. Sobre essas nomenclaturas,

Denomina-se fanfarra um conjunto musical constituído por palhetas (saxofones soprano, soprano, alto, tenor, barítono), por metais (trompetes, trompa, trombone, cornetim, saxhorn, barítono, bombardino), por percussão (caixa de rufo, caixa surda, bombo, pratos, tímpanos), podendo ser ainda constituída sem os saxofones e ainda sem os instrumentos de percussão (REIS, 1962, p. 08).

A fanfarra “é um conjunto composto por músicos executantes de instrumentos de sopro, apenas de metal e percussão [...], era uma banda de clarins que executavam músicas dos regulamentos militares nas tropas de cavalaria” (BRUM, 1988, p. 108). Para o mesmo autor, “as primeiras bandas marciais eram constituídas de cornetas de uma só tonalidade e tambores como a caixa clara, caixa de guerra e surdo” (BRUM, 1988, p.113).

As nomenclaturas usadas no Brasil para designar a modalidade de uma banda (fanfarra, marcial, percussão, musical, etc.), estão relacionadas diretamente ao instrumental utilizado. Ocorre que há diferenças de interpretação sobre a formação do instrumental em cada nomenclatura por parte de diferentes autores. Silva (2010, p.11), aponta que uma fanfarra “são grupos formados por percussão e instrumentos melódicos simples, tais como cornetas, liras, escaletas e pífaros”. Segundo relato de

um dos colaboradores dessa pesquisa, o músico, maestro, pesquisador e historiador André de Oliveira, em entrevista cedida ao Programa Músicas do Mundo: etnomusicologia na Rádio da Universidade<sup>11</sup>, sobre as nomenclaturas utilizadas no Brasil disse que:

No Brasil, alguns anos atrás talvez uns 40, 50 anos criou-se o termo banda marcial para falar só da banda de metais e percussão, mas isso internacionalmente não é aceito. Banda marcial é a banda que marcha e toca músicas em conjunto e faz movimentos. No Brasil se colocou o nome de banda musical à banda que tem madeiras, percussão e metais, só que no mundo inteiro essa continua sendo a banda marcial. Então, banda marcial é toda banda que toca em conjunto, faz coreografia e faz movimento. A fanfarra é um tipo de banda em que se usa instrumentos sem chaves ou sem pistos, usa-se cornetas, cornetões, instrumentos lisos ou com gatilhos e percussão. Banda de percussão é aquela que só tem instrumentos de percussão, o nome já diz. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, André de Oliveira, 16.07.18).

Nas décadas de 1960 e 1970, a ala da percussão, também chamada de bateria, era a que concentrava o maior número de componentes na banda. Esses eram distribuídos entre os instrumentos de bumbos, pratos, surdos e caixas. Os instrumentos de sopro variavam de uma banda para outra, mas, segundo relatos de ex-integrantes de bandas e maestros que vivenciaram esse período, era possível encontrar, pífaros, cornetas, clarins, trompetes, bombardinos, trombones e tubas. O Sr. Luís Gaspareto, coordenador e componente da Banda da Escola São João desde os anos 1980, falou a respeito da formação das bandas marciais escolares no estado e sobre o instrumental utilizado na época:

Até 1956 os colégios tinham grupos de percussão com bumbos, tarol, pratos e cornetas. Eram pequenas fanfarras que serviam para escola desfilarem no 7 de setembro. Somente em 1956 que se formou a 1ª banda marcial estudantil que foi o Lemos Junior em Rio Grande por influência dos Fuzileiros Navais. Essa banda marcial tinha instrumentos melódicos como trombones, trompetes, bombardinos, colocaram instrumentos melódicos ao invés de colocarem só cornetas. Depois de

---

<sup>11</sup> O Programa Músicas do Mundo é um programa de rádio dentro da programação da Rádio da Universidade / UFRGS. Vai ao ar toda segunda-feira às 20h30min pela AM 1080 ou pela página [www.radio.ufrgs.br](http://www.radio.ufrgs.br). O programa tem produção do ETNOMUS UFRGS/Núcleo de estudos em música do Brasil e América Latina coordenado pelo prof. Dr. Reginaldo Gil Braga. Entrevista completa **disponível em:** < <https://www.youtube.com/watch?v=0QUz8SmK-As&t=1s>>. **Acesso em:** 05 jan. 2020

Rio Grande, foi para Pelotas e em Pelotas fundaram a banda do colégio Gonzaga em 1958, depois, veio para Porto Alegre com a Banda do Dores, depois o Carmo em Caxias. Em 60 veio o São João, Julinho em 61, Manoel Ribas em Santa Maria. Algumas bandas vão dizer: não, mais a gente é mais antiga que isso! É que antes eles eram fanfarras. A Lemos Junior era reconhecida, não sei se é verdade, como a mais antiga do Brasil na formação marcial estudantil. Eu já ouvi falar muito sobre isso e isso pra mim é uma verdade. Em 65 aparece, também, a Banda Cristóvão de Mendonza em Caxias. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Luís Gaspareto, 16.04.18).

A maioria das corporações contavam, ainda, com a presença do mór<sup>12</sup>, mascotes<sup>13</sup>, rainha, ou, madrinha da banda e princesas<sup>14</sup>. As bandas eram compostas apenas por alunos matriculados da própria escola, logo, em escolas em que estudavam apenas meninos as bandas contavam somente com a presença de meninos, já naquelas escolas em que estudavam apenas meninas, as bandas eram compostas por elas. As madrinhas, rainhas e princesas eram selecionadas através de desfiles em festas promovidas pelas bandas ou por meio de convite, portanto, elas não necessitavam ser alunas da escola.

Nas apresentações das bandas escolares, os dobrados, muito executados pelas bandas militares, incorporaram-se ao repertório em deslocamento de marcha, ou, quando desenvolviam alguma coreografia. Sadie (1994), conceitua os dobrados como:

Um gênero de música de banda semelhante à marcha. Para alguns autores, o que as distingue é o fato de que no dobrado há dobramentos de instrumento ou desdobramento das partes instrumentais, o que justifica o nome. (SADIE, 1994, p.271).

As bandas, também, executavam músicas populares, Hinos de suas próprias escolas além do Hino Nacional Brasileiro.

---

<sup>12</sup> Pessoa que se desloca à frente da banda, apresentando os comandos de ordem unida (esquerda, direita e deslocamento do grupo). O mór é, também, responsável por sinalizar o início e encerramento do repertório executado em deslocamento.

<sup>13</sup> Criança normalmente com idade entre 6-8 anos que marcha ao lado da rainha e princesas.

<sup>14</sup> Era comum as bandas contarem com a presença de rainhas, madrinhas e princesas. Essas moças participavam das apresentações desfilando à frente do grupo.

Os processos do ensino musical davam-se entre os próprios componentes, ou seja, um aluno veterano, que havia adquirido seus conhecimentos com o maestro, repassava os ensinamentos aos novatos. Esses eram chamados de chefes de naipe<sup>15</sup>, líder do naipe ou mór do naipe. Na grande maioria das bandas não havia o ensino da música por meio de partitura musical, então, os maestros desenvolviam diferentes métodos para repassar o conhecimento. O mais tradicional era o ensino através de números, ou seja, os números substituíam as notas musicais como podemos observar, no anexo - 1, partitura para o instrumento bombardino na Banda da Escola Júlio de Castilhos. Os números correspondiam a posição que os músicos de sopro deveriam tocar, por exemplo, no bombardino, o número 0 (significava soprar no instrumento sem acionar pisto<sup>16</sup> algum), 1 (acionar somente o pisto de número 1), 2 (acionar somente o pisto de número 2), 12 (acionar os pistos 1 e 2 simultaneamente), 13 (acionar os pistos 1 e 3 simultaneamente), 23 (acionar os pistos 2 e 3 simultaneamente). Na ala da percussão não havia partitura e os componentes da banda aprendiam de ouvido, como relatou Carlos Rizzon, ex-integrante e atual coordenador da Banda da Escola Júlio de Castilhos:

Nós tínhamos os naipes, então, o regente escolhia uma música e treinava a parte do sopro. A parte da bateria a gente escutava o disco, a melodia, e cada mór da bateria fazia uma cadencia para acompanhar, depois juntava e dava certo. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Rizzon, 18.08.18).

O Sr. Marciano Renan Lisboa da Silva, ex-integrante e um dos fundadores da Banda Júlio de Castilhos, documentou no livro *O Bombardino Amassado* como se dava o processo de aprendizagem dos componentes que tocavam instrumentos de sopro:

Nos dobrados e marchas, os tocadores dos instrumentos de sopro com pistons (trompetes, trombones, bombardinos, tubas) decoravam um número, que correspondia a nota musical que deveria ser obtida em

---

<sup>15</sup> Nas bandas são chamados de naipes um conjunto de instrumentos de mesmo tipo ou família.

<sup>16</sup> Pisto ou piston usados nos instrumentos de metais é uma espécie de válvula que quando acionados, restringem a passagem de ar pelos tubos do instrumento, deixando o som mais grave ou mais agudo, resultando na sonoridade de alguma nota musical.

seu instrumento. Parece impossível, mas não é. E, funcionava bem, modéstia à parte. Para analfabetos musicais, como a maioria, bastava saber qual pisto deveria ser apertado para que o instrumento produzisse determinada sonoridade [...]. As partituras com números se constituíam, na verdade, em uma substituição das notas musicais por um conjunto de algarismos, representando pelos números de pistos que estavam sendo apertados [...] o nosso ouvido e as broncas do nosso regente acrescentavam as claves, os andamentos, as escalas e os demais elementos faltantes. (SILVA, 2013, p.21).

Com relação aos processos de ensino e aprendizagem nas bandas escolares no Rio Grande do Sul, Otto Follmann relembrou como foi seu começo como maestro na Banda São João:

Quando eu comecei na banda eu tinha 22 anos. Eu entrei na banda aprendendo como professor porque eu não sabia. Na escola, quando eu estudava, tinha aula de música. Aprendi a tocar piano e sabia as coisas básicas. Eu sabia alguma coisa de música. Os instrumentos, o trompete, por exemplo, tem uma afinação diferente do trombone e naquele tempo nós tínhamos só trompete, trombones, pífaros e cornetas na banda. Eu fui aprendendo, fiz cursos de harmonia. Então, eu aprendi a juntar, por causa da diferença de tom dos instrumentos, eu aprendi a fazer, porque eu tinha que fazer tudo. Não tinha música na banda, tinha que fabricar as músicas. Então, eu fui aprendendo com a banda, aprendi a fazer todos os arranjos. No início, todo mundo tocava junto, mas depois nos ensaios, a bateria ensaiava num lugar e o sopro em outro, depois, juntava todo mundo. Uma vez nós ensaiamos o Danúbio Azul que era uma valsa e naquele tempo muitos interrogavam: como que uma banda vai tocar uma valsa? Não achavam muito interessante, mas nós ensaiamos e eu me lembro de nós numa sala de aula, nós solfejávamos a música, é claro que dentro de 50 músicos tocando, nem todos sabiam, mas a maioria sabia, fazia e entendia, isso que era importante. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Otto Follmann 18.08.18).

Sandro Pires comentou sobre como os integrantes das bandas aprendiam a tocar:

Os instrumentos de percussão eram mais facilitados porque a intuição do batoque por assim dizer, e com facilidade ele se adequa a fazer o repicar do tarol ou a batida do surdo. O grande problema era a parte musical porque era muito difícil para muitos alunos aprenderem de uma hora para outra leitura de música. Então, por exemplo, se uma música iniciava com Dó, a gente fazia com número zero que são os 3 pistos soltos, Ré é 12, eles memorizavam a sequência. Depois de um tempo já na banda, ou ainda um pouco antes de sair da escola, nos últimos

tempos da banda, aquele menino que estava acostumado a decorar a numeração, ele já estava se acostumando a pedido meu, que um músico militar que eu contratava, colocasse no quadro negro um pentagrama e colocasse a clave de sol e as notas, aí eles iam pegando gosto, iam acostumando a ler, iam conhecendo o valor de cada notinha, o que era semibreve, mínima, semínima, e aí a coisa funcionou. Então, um grupo era artesão, por assim dizer, decorando números e o outro que tinha mais pendor, com mais facilidade, aprendia a leitura musical. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Sr. Sandro Pires, 03.09.18).

Nas décadas de 1950, 1960 e 1970, os alunos eram atraídos às bandas por fatores como formação de novas amizades, namoros, possibilidade de viajar e conhecer novos lugares. Muitos queriam fazer parte daquele grupo, aqueles que não conseguiam uma vaga na banda, ficavam na lista de espera ou tentavam novamente no ano seguinte porque, normalmente, quem entrava na banda, dificilmente saía. O colaborador Carlos Rizzon, comentou sobre a motivação dos componentes no início da década de 1960:

Era uma coisa muito admirada, muito apreciada nas comunidades e nas cidades, as bandas escolares. Dentro da escola, a banda dava um certo status para os integrantes, os alunos usavam uniforme, era uma coisa diferente. Os instrumentos eram disputados porque quem faltava aos ensaios perdia o instrumento, então, ninguém faltava e para quem faltava e chegava no ensaio: olha, teu instrumento já dançou. Os ensaios eram diários, as bandas treinavam na rua, saiam tocando e marchando e a comunidade gostava muito. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Rizzon, 18.08.18).

O Sr. Sandro Pires, também, contribuiu com suas colocações:

Na época áurea de 50 até 70 era um entusiasmo muito grande o voluntariado. Havia um irmão Marista na época, irmão Osvaldo no Colégio Rosário, encarregado do diretor de ficar organizando a banda. Ele brincava comigo e dizia que quando anunciavam que iam formar a banda e começar os ensaios, os alunos chegavam na portinhola da sala e diziam: tem tarol aí? Era muito entusiasmo e outra coisa que era importante nas bandas masculinas, quando iam para o interior do estado abrilhantar a semana da pátria nos desfiles da mocidade, queriam ir por um assunto, namorar as moças daquela cidade. Então, era muito interessante, terminado o desfile já iam em cima de onde estava um bolo de meninas e aí começavam. Veja o prejuízo que eles davam para a escola, eles olhavam na roupa das meninas, na

gravatinha uma estrelinha de metal e diziam: me dá uma estrelinha? E elas respondiam: só se tu me dar alguma coisa em troca, então, eles davam um par de baquetas, o bocal do instrumento, um botão da túnica. Então, quando via, tinha um rapaz que entrava no ônibus com uma boina de menina, mas em compensação, vinha sem as baquetas. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Sr. Sandro Pires, 03.09.18).

O Sr. Mastrascusa ou simplesmente Mastra, como prefere ser chamado, também ex-integrante da Banda da Escola Júlio de Castilhos e, atual membro da coordenação da banda, relembra seu sentimento de motivação em participar da banda: “a banda marcial era minha, nossa banda. O espírito que nos levava a tocar na banda era algo como ir para a guerra e lutar por seu país” (MASTRASCUSA, 2013, p. 189).

No Rio Grande do Sul, as bandas mantinham-se através de recursos da própria escola ou via recursos do estado. Foi apurado, através de relatos, que nos anos de 1950 e 1960 as bandas de escolas públicas conseguiam apoio financeiro por meio de suas secretarias estaduais e municipais de educação além de verba adquirida pela organização interna das associações de pais e mestres e do grêmio estudantil, “quando o governo considera que as atividades artísticas servem os interesses nacionais, concede o apoio financeiro que poderia vir de outras fontes, ou que é impossível obter de outro modo” (BECKER, 2010, p. 164). Nessa época interessava ao governo promover as bandas escolares pelo fato de que o país estava inserido em um regime militar, logo, as bandas, de certa maneira, contribuía para manter a ordem e o patriotismo nas escolas. Carlos Rizzon falou a respeito do assunto em entrevista cedida à Rádio da Universidade no Programa Músicas do Mundo<sup>17</sup>:

Era uma outra política, havia uma verba específica para isso nas secretarias municipais e, principalmente, nas estaduais. A banda marcial do nosso colégio, do Julinho, ela conseguiu as primeiras verbas na secretaria estadual, mas também tinha uma participação muito grande na associação de pais e mestres que colaborava muito para as bandas. Lá no Julinho, a primeira remessa grande de instrumentos foi com recursos da associação de pais e mestres e, também, do grêmio estudantil. Em 1964, quando a banda renovou seus instrumentos, o professor Magadan, que é tido como patrono da nossa banda, foi pessoalmente a São Paulo, com recursos da associação de pais e mestres, comprar os instrumentos. Então, os recursos vinham dali, mas

---

<sup>17</sup> Entrevista completa **disponível em:** < [https://www.youtube.com/watch?v=\\_jd-pPyAkN0&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=_jd-pPyAkN0&t=2s)> **Acesso em:** 04 jan. 2020.

a gente conseguia alguma coisa de verba institucional. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, Carlos Rizzon, 10.09.18).

No início da década de 1970 muitas bandas escolares encerraram suas atividades no estado, segundo depoimentos, parte disso, deveu-se a falta de recursos financeiros para manutenção das corporações. Outro fator que pode ter contribuído para o encerramento de atividades das bandas foi a situação política pela qual passava o país. Em 1968 temos no Brasil o Ato Institucional nº 5, o AI-5, durante o governo do General Costa e Silva. Esse momento é lembrado como um dos mais duros referente ao regime militar e, como nas bandas escolares exigia-se dos componentes boa postura, disciplina, respeito, ordem e hierarquia, esses fatores podem ter contribuído para que as bandas começassem a perder componentes e perder o apoio de suas instituições para sua manutenção. O maestro Otto Follmann relatou que para participar de uma banda tinha que ter disciplina, “marchar era disciplina e o pessoal aceitava aquela maneira de ser porque se alguém não aceitava, caía fora” (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Otto Follmann, 18.08.18). Com relação ao enfraquecimento do movimento de bandas, Carlos Rizzon comentou sobre o assunto:

O país passava pelo período da administração militar e tudo que lembrava a questão do militarismo não foi dado prioridade política, então, as verbas começaram a desaparecer. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, Carlos Rizzon, 10.09.18).

Apesar da falta de investimentos não houve o fim do movimento de bandas no estado. Chegado o final dos anos 1970 e início de 1980, novas bandas começaram a surgir em Porto Alegre como a Banda da Escola Pallotti em 1978 e, no mesmo ano, a Banda Marcial do Colégio Duque de Caxias. A Banda do Pallotti, inclusive, teve o professor Otto Follmann como maestro e uma das principais conquistas do grupo foi o título de campeã nacional no concurso promovido da Rádio Record em São Paulo no ano de 1982.

## 2.3 TRANSFORMAÇÕES NAS BANDAS ESCOLARES NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

O movimento de bandas escolares adaptou-se e prosseguiu através do surgimento de novas corporações a partir das décadas de 1980 e 1990, com a inserção de uma nova geração de crianças e jovens que passaram a integrar esses grupos. As bandas diminuíram seu contingente, passando a contar com uma média de 40 - 50 integrantes no corpo musical. Além das apresentações realizadas nos campeonatos de bandas, e nos desfiles cívicos, esses grupos musicais começaram a ocupar novos espaços para realizar suas apresentações como teatros, auditórios e salas de concerto. Isso era praticamente impensável em anos anteriores, já que as corporações contavam com um grande número de componentes. Vejamos algumas bandas que surgiram a partir desse período na região metropolitana de Porto Alegre: Banda da Escola Isabel de Espanha (Viamão), Banda da Escola Cristo Redentor (Canoas), ambas formadas no ano de 1980, Banda da Escola São Marcos de Alvorada em 1991, Banda da Escola CIEP<sup>18</sup> Morada do Vale de Gravataí em 1997. Na cidade de Rio Grande: Banda Marcial Tellechea fundada em 1986 e Banda da Escola França Pinto em 1996.

No quesito repertório, a execução de dobrados passou a ser menos frequente, dando lugar a temas de filmes e músicas populares. A marcialidade continuou sendo uma realidade, porém as bandas começaram a tocar paradas, deixando de fazer tantos movimentos e evoluções, aderindo à formação de concerto.

As motivações dos componentes para ingressar nas bandas mantiveram-se com algumas semelhanças. Vejamos alguns relatos de pessoas que vivenciaram esse novo período do movimento de bandas no Rio Grande do Sul:

Quando criança eu morei em Rio Grande e lá a tradição das bandas é muito forte, então, eram constantes as apresentações de bandas na cidade. Desde criança eu já tinha esse imaginário das bandas. Em 1977, eu conheci a banda do Colégio São João em Taquari na Festa Nacional da Laranja. A banda do Colégio São João passou na minha frente, aquilo ali foi amor à primeira vista, mas eu não morava em Porto Alegre, eu vim morar em Porto Alegre um ano depois e perto do Colégio São João. Em 1980, já no ensino médio, meu pai me matriculou no Colégio São João e imediatamente ingressei na banda e, de lá pra cá,

---

<sup>18</sup> Centro Integrado de Educação Pública - CIEP

não saí mais. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, Luís Gaspareto, 29.10.18).

André de Oliveira que foi componente na Banda da Escola Pallotti relembrou:

Há 30, 40 anos atrás o jovem e a criança não tinham opções de diversão tão grandes. As opções eram reduzidíssimas, tinha o cinema no domingo, tinha na televisão 3 ou 4 canais que a gente podia assistir. O desenho na televisão tinha horário certo, não é como hoje que tem desenho o dia todo. Então, as crianças não tinham opções de lazer. Claro, dá para se dizer que tinha a rua, a gente brincava na rua. Então, as bandas surgiram como uma boa opção, tanto de aprendizado, como de diversão, lazer. Era bom estar junto com o grupo, era bom criar laços de amizade, era bom para ver as meninas e as meninas verem os meninos, era um momento de se encontrar. Eu, por exemplo, passava as tardes na escola em função da banda. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com André de Oliveira, 24.03.18).

Na grande maioria das bandas, a aprendizagem musical através do sistema de números deu lugar ao ensino musical tradicional com leitura de partitura. Novos instrumentos de sopro e percussão foram adquiridos pelas bandas como saxofones, clarinetes, flautas transversas, trompas, tímpanos, vibrafones, entre outros.

Atualmente, as bandas tocam por partitura, isso fez com que a variação do repertório ficasse muito mais rico. Com o uso frequente de partituras, aumentou a variedade de instrumentos. Não se falava em trompa, oboé, fagote, porque não tinha pessoas que tocavam e não tocava-se por partitura. Então, agora, as bandas têm mais recurso e conseguem tocar um repertório melhor. As bandas ganharam muito em qualidade pela utilização da leitura musical e pela inclusão de novos instrumentos, especialmente as palhetas. (Transcrição de trecho de entrevista com Carlos Rizzon, 18.08.18).

João Camargo, maestro da Banda Morada do Vale, e André de Oliveira trouxeram suas percepções a respeito do desenvolvimento musical das bandas na atualidade:

Eu vejo que tecnicamente as bandas cresceram muito. Hoje, as bandas têm acesso a instrumentos que não tinham como tímpano, vibrafone, xilofone, marimba, hoje, as bandas usam esse tipo de instrumento.

Uma área que era muito abandonada nas bandas, a percussão, hoje, a gente sabe que o estudo da percussão é tão importante quanto do sopro. Às vezes, uma partitura de percussão é muito mais difícil de se ler do que uma partitura de sopro. Então, o instrumentista de percussão tem que ser tão bom e estudar tanto quanto o instrumentista de sopro. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, João Camargo 16.09.19).

Segundo André de Oliveira,

Hoje em dia, as bandas não só marcham, elas tocam como concerto. Então, o repertório das bandas, hoje, é muito diferente do que era há 40 ou 50 anos atrás. Hoje, as bandas tocam um repertório contemporâneo muito interessante. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, André de Oliveira, 16.07.18).

A grande maioria das bandas escolares, no Rio Grande do Sul, não contam mais, somente, com alunos matriculados em suas instituições de ensino. Elas são compostas, também, por ex-alunos e pessoas da comunidade em geral. Para muitos jovens, a banda tornou-se uma possibilidade de seguir uma carreira profissional na área da música, enquanto que para outros, continua sendo um hobby, um espaço para integração e socialização. Com relação ao assunto, Marciano disse que:

Nas bandas antigas que eram basicamente alunos de escola, o objetivo era participar de uma atividade, usar o uniforme, agradar o sexo oposto, desfilar com o uniforme, tudo era diversão. Hoje, tu falas com 50 integrantes da banda, tem os que gostam de banda porque gostam de música e, tem os que estão achando por ali um caminho para a vida inteira, uma profissão. Nós já tivemos vários alunos aqui no Julinho que são músicos do exército, da aeronáutica e que aprenderam aqui. Então, o componente da banda, hoje, é diferente daquele antigo que era só festa. Hoje, não vou dizer que é uma coisa profissional na banda, mas os integrantes têm outros objetivos. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Marciano Renan Lisboa da Silva, 18.08.18).

Atualmente, não se tem registro de quantas bandas escolares estão em funcionamento no estado. No site da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE)<sup>19</sup> consta um número de apenas 169 bandas cadastradas para todo o estado, dessas, somente 12 são bandas escolares. Em decorrência dessas informações, caberia uma pesquisa dedicada à catalogação das bandas escolares existentes no estado.

## 2.4 OS CONCURSOS E FESTIVAIS DE BANDAS

Com o fim dos campeonatos estaduais de bandas promovidos pelo Conselho Municipal de Turismo de Porto Alegre (COMTUR), no final da década de 1960, o estado passou a contar apenas com festivais promovidos por municípios que tivessem interesse em promover essa atividade. De acordo com informações fornecidas por André de Oliveira, no ano de 1982 ocorreu um concurso de bandas em Porto Alegre que não teve continuidade nos anos posteriores. Então, o Sr. Manoel Luiz Mota Dias, na época, maestro da Banda São João, juntamente com a professora Iara dos Santos Damasceno da Escola Duque de Caxias de Porto Alegre, começaram a organizar-se com o intuito de retomar as atividades dos concursos de bandas no estado no final dos anos 1980. Outros interessados do meio de bandas, também, juntaram-se a eles. Ainda mediante informações de André de Oliveira, em dezembro de 1990 ocorreu na cidade de Guaporé, serra gaúcha, o retorno dos campeonatos de bandas. André de Oliveira trabalhava como maestro nessa cidade e foi mediador para realização desse evento que contou com a participação efetiva do Maestro Manoel Luiz Mota Dias. Os concursos em Guaporé perduraram até meados dos anos 1990 com a formação de uma Associação Rio-Grandense de Bandas, associação essa que não teve continuidade, até que em 1995 surge a Federação de Bandas do Rio Grande do Sul (FEBARGS).

Atualmente, o Rio Grande do Sul conta as iniciativas da FEBARGS para continuar promovendo campeonatos no estado, além de outras associações que surgiram como a Associação Gaúcha de Bandas (AGB), fundada em 1997 e a Agência de Bandas Marciais do Litoral Norte (ABMLINORTE), criada em 2014.

---

<sup>19</sup> Maiores informações disponíveis em: <<http://sistemas.funarte.gov.br/consultaBandas/listagem.php?uf=RS>>. Acesso em: 02 mar. 2020.

Cada associação possui um regulamento no qual, para participar dos concursos, as bandas devem adequar-se dentro de alguma das categorias oferecidas. Tomemos como exemplo os regulamentos das duas organizações mais antigas do estado, FEBARGS e AGB. No regulamento<sup>20</sup> do último concurso estadual de bandas organizado pela FEBARGS em 2019, as categorias musicais eram divididas em: Fanfarra Rítmica, Fanfarra Simples (fanfarra rítmica com instrumentos melódicos simples), Banda Marcial Tradicional, Banda Marcial, Banda Musical, Banda de Concerto e Banda de Metais. Já a AGB segue as categorias musicais estipuladas pela Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras (CNBF) do qual é filiada. A CNBF é responsável por organizar os campeonatos nacionais no Brasil. Na AGB, segundo seu regulamento<sup>21</sup>, as categorias musicais oferecidas são: Percussão, Percussão Marcial, Percussão Sinfônica, Percussão com Instrumentos Melódicos Simples, Fanfarra Simples Tradicional, Fanfarra Simples Marcial, Fanfarra com 1 Pisto, Marcial, Brass Band, Musical de Marcha, Musical de Concerto e Sinfônica. Importante salientar que na FEBARGS e na AGB cada categoria musical enquadra-se, ainda, dentro de uma categoria por faixa etária dos componentes das bandas. Assim, antes de inscreverem-se para participar dos concursos, as bandas devem verificar em qual categoria musical e etária enquadram-se. Com relação as categorias etárias, há na FEBARGS: categoria mirim para corporações com componentes até 10 anos de idade, infantil para corporações com componentes até 12 anos de idade, infantojuvenil para corporações com componentes até 15 anos de idade, juvenil para corporações com componentes até 18 anos de idade e sênior para as corporações com componentes das categorias anteriores mais aqueles com idade superior a 18 anos. Na AGB as categorias etárias organizam-se em: infantil para componentes até 15 anos, infantojuvenil para componentes com até 18 anos, juvenil para bandas que possuem componentes com até 21 anos e sênior para as corporações com integrantes das faixas etárias anteriores mais aqueles com idade superior.

As categorias musicais são definidas pelo tipo instrumental que as bandas possuem. Essas informações foram extraídas dos regulamentos da FEBARGS e AGB, conforme podemos observar nas tabelas a seguir:

---

<sup>20</sup> Regulamento completo da FEBARGS 2019 disponível em: <<https://www.febargs.online/regulamento>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

<sup>21</sup> Regulamento completo da AGB 2019 disponível em: <[http://www.agbrs.org.br/uploads/5/1/7/6/51766469/regulamento\\_do\\_xxii\\_campeonato\\_estadual\\_da\\_agb\\_2019.pdf](http://www.agbrs.org.br/uploads/5/1/7/6/51766469/regulamento_do_xxii_campeonato_estadual_da_agb_2019.pdf)>. Acesso em: 09 jan.2020

<b>FEBARGS – Federação de Bandas do Rio Grande do Sul</b>	
<b>Categoria Musical</b>	<b>Instrumental</b>
<b>Fanfarra Rítmica</b>	Instrumentos de Percussão Obrigatórios: bombos, caixas e pratos. Instrumentos de Percussão Optativos: os demais instrumentos de percussão de som indefinidos e definidos.
<b>Fanfarra Simples (Rítmica com Instrumentos Melódicos Simples)</b>	Instrumentos Melódicos Obrigatórios: liras ou xilofones de 7, 25 ou 29 teclas e escaletas (mínimo de dois instrumentos por naipe). Instrumentos Melódicos Optativos: flauta doce, pífaro e gaita de fole. Instrumentos de Percussão Obrigatórios: bombos, caixas e pratos. Instrumentos de Percussão Optativos: os demais instrumentos de percussão de som indefinidos e definidos.
<b>Banda Marcial Tradicional</b>	Instrumentos Melódicos Obrigatórios: cornetas e cornetões lisos e/ou cornetas e cornetões com um pisto de qualquer tonalidade ou formato e/ou cornetas e cornetões com um pisto e gatilho de qualquer tonalidade ou formato (mínimo de 2 instrumentos por naipe). Instrumentos Melódicos Optativos: pífaros, gaitas de fole, liras, escaletas e os demais instrumentos de sopro de bocal lisos, com um pisto ou com um pisto e gatilho. Instrumentos de Percussão Obrigatórios: bombos, caixas e pratos. Instrumentos de Percussão Optativos: os demais instrumentos de percussão de som indefinidos e definidos.
<b>Banda Marcial</b>	Instrumentos Melódicos Obrigatórios: trompetes e trombones (mínimo de 2 instrumentos por naipe). Instrumentos Melódicos Optativos: bombardinos, tubas, sousafones, pífaros, flauta transversal, liras, escaletas e os demais instrumentos de sopro de bocal. Instrumentos de Percussão Obrigatórios: bombos, caixas e pratos. Instrumentos de Percussão Optativos: os demais instrumentos de percussão de som indefinidos e definidos.
<b>Banda Musical</b>	Instrumentos Melódicos Obrigatórios: trompetes, trombones, clarinetes e saxofones (mínimo de 2 instrumentos por naipe, sendo que no caso dos saxofones deverá ter no mínimo 1 sax alto e 1 sax tenor). Instrumentos Melódicos Optativos: bombardinos, tubas, sousafones, trompas, flauta transversal, pífaros, flautim, liras, escaletas e os demais instrumentos de sopro de bocal e de palheta simples. Instrumentos de Percussão Obrigatórios: bombos, caixas e pratos. Instrumentos de Percussão Optativos: os demais instrumentos de percussão de som indefinidos e definidos.
<b>Banda de Concerto</b>	Instrumentos Melódicos Obrigatórios: trompetes, trombones, clarinetes, saxofones e flautas transversas (mínimo de 2 instrumentos por naipe, sendo que no caso dos saxofones deverá ter no mínimo 1 sax tenor e 1 sax alto). Instrumentos Melódicos Optativos: bombardinos, tubas, sousafones, trompas, flautim, oboés, fagote, contrafagote, contrabaixo acústico, corne inglês, celesta, liras, xilofones, escaletas e os demais instrumentos de sopro de bocal e de palheta simples ou dupla. Instrumentos de Percussão Obrigatórios: bombos, caixas e pratos.

	<b>Instrumentos de Percussão Optativos:</b> os demais instrumentos de percussão de som indefinidos e definidos.
<b>Banda de Metais</b>	Instrumentos Melódicos Obrigatórios: trompetes e trombones (mínimo de 2 instrumentos por naipe). Instrumentos Melódicos Optativos: bombardinos, baixo-tuba, pifaros, gaitas de fole, liras, escaletas e os demais instrumentos de sopro de bocal. Instrumentos de Percussão Característicos: todos os instrumentos de percussão de som definido e indefinido. OBS: para esta categoria ficam dispensados os instrumentos de percussão obrigatórios.

Tabela 1: Apresenta as categorias das bandas divididas por instrumentos conforme regulamento da FEBARGS, 2019.

<b>AGB – Associação Gaúcha de Bandas</b>	
<b>Categoria Musical</b>	<b>Instrumental</b>
<b>Percussão</b>	Bombos, linha de surdos, prato a dois, linha de caixas, tenores e instrumentos de percussão sem altura definida.
<b>Percussão Marcial</b>	Bombos, linha de surdos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, liras e instrumentos de percussão sem altura definida.
<b>Percussão Sinfônica</b>	Bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones, liras, celestas e instrumentos de percussão sem altura definida.
<b>Percussão com Instrumentos Melódicos Simples</b>	Bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, instrumentos de percussão sem altura definida, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones e liras. Instrumentos Melódicos: escaletas, flautas doces, pifaros e gaitas de fole.
<b>Fanfarra Simples Tradicional</b>	Bombos, linha de surdos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, liras e instrumentos de percussão sem altura definida. Sopro: cornetas, trombones, bombardinos, sousafones e cornetões lisos de qualquer tonalidade sem utilização de recursos como gatilho ou vara.
<b>Fanfarra Simples Marcial</b>	Bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, instrumentos de percussão sem altura definida, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones e liras. Sopro: família dos trompetes naturais, cornetas, cornetões, bombardinos, trombones, sousafones, todos lisos (sem válvulas) de qualquer tonalidade ou formato e instrumentos de sopro das categorias anteriores, sendo facultada a utilização de recursos como gatilhos.
<b>Fanfarra com 1 Pisto</b>	Bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, instrumentos de percussão sem altura definida, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones, liras e instrumentos de percussão sem altura definida. Sopro: cornetas, cornetões, bombardinos, trombones, sousafones agudos e graves com uma válvula de qualquer tonalidade ou formato e instrumentos de sopro das categorias anteriores.

<b>Marcial</b>	Bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, instrumentos de percussão sem altura definida, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones e liras. Sopro: família dos trompetes, família dos trombones, família das tubas, saxhorn e instrumentos de sopro das categorias anteriores.
<b>Brass Band</b>	Bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, instrumentos de percussão sem altura definida, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones e liras. Sopro: família dos trompetes, família dos trombones, família das tubas e saxhorn.
<b>Musical de Marcha</b>	Bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones, liras e instrumentos de percussão sem altura definida. Sopro: família dos clarinetes, família dos saxofones e instrumentos de sopro das categorias anteriores. Instrumentos Facultativos: oboé, fagote, contrafagote, trompa, contrabaixo acústico e celesta.
<b>Musical de Concerto</b>	Bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones, liras e instrumentos de percussão sem altura definida. Sopro: família das flautas transversais, família dos clarinetes, família dos saxofones e instrumentos de sopro das categorias anteriores. Instrumentos Facultativos: piano, trompa, contrabaixo acústico, celesta, oboé, fagote e contrafagote.
<b>Sinfônica</b>	O regente poderá usar todos e quaisquer instrumentos que julgue necessário para a execução da sua peça musical, excluindo os instrumentos elétricos.

Tabela 2: Apresenta as categorias das bandas divididas por instrumentos conforme regulamento da AGB, 2019.

A partir das categorias apresentadas nas tabelas, com relação às fanfarras, o maestro Sepé Tiarajú, que iniciou sua trajetória musical como componente de banda nos anos 1980, disse que:

O problema é conceitual, tem que voltar na origem. O que eram as fanfarras? Os compositores escreviam peças musicais apoiadas em cima dos metais que era para ter aquela coisa altiva, aquela coisa vibrante do metal por quê? Porque era para a elite, o resto é banda. O nome fanfarras não tem nada a ver com a formação instrumental. E o seguinte, isso aí, é só aqui no Brasil. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Sepé Tiarajú em 08.09.18).

Com relação as competições de bandas promovidas por confederações e associações no Brasil, Lima (2007, p. 133) salienta que:

As bandas são submetidas a critérios rigorosos que vão além da execução musical, pois recebem pontuações conforme conservação, limpeza dos instrumentos e uniformes, além de serem avaliadas pelo modo como os componentes marcham e se expressam fisicamente.

No Rio Grande do Sul há nos campeonatos uma comissão avaliadora que julga vários quesitos para que uma banda torne-se campeã, estando entre eles os aspectos técnicos musicais e os aspectos de apresentação. As instituições organizadoras dos campeonatos oferecem prêmios através de troféus para as bandas que atingirem maior pontuação dentro de suas categorias através de 1º, 2º e 3º colocados. Também, são premiados balizas, corpo coreográfico<sup>22</sup>, mór e pelotão de bandeiras<sup>23</sup>. O pelotão de bandeiras é obrigatório nos concursos da FEBARGS e AGB, já baliza, corpo coreográfico e mór não são obrigatórios.

Anterior a realização das competições, a AGB promove workshops que visam a qualificação de maestros e componentes de bandas. Nos workshops são oferecidas oficinas específicas para os instrumentistas das bandas como: trompete, trombone, saxofone, percussão etc, além de oficinas para balizas, corpo coreográfico, mór e pelotão de bandeiras. A ABMLINORTE também vem promovendo workshops para regentes e componentes de bandas, porém é importante ressaltar que, em ambos os casos, essas formações são ocasionais não se enquadrando em um processo de formação continuada. Com relação ao trabalho das instituições representativas de bandas no Rio Grande do Sul André de Oliveira, que já foi presidente da AGB, comentou sobre o assunto:

Eu acredito que as associações deveriam, ao meu ver, mudar um pouco o enfoque do que elas fazem hoje. Fazem muitos trabalhos em relação a campeonatos, festivais, e fazem muito pouco em relação a formação. Não há cursos continuados sobre bandas, não há formação continuada para regentes, não há formação continuada para músicos. Eu acho que as associações e federações deveriam trabalhar sim na formação (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, André de Oliveira, 16.07.18).

---

<sup>22</sup> Grupo de dança composto em sua maioria por alunos da escola que acompanha a banda, realizando coreografias.

<sup>23</sup> O pelotão de bandeiras é um grupo que se desloca na parte da frente da banda, carregando as bandeiras do país, estado, município e instituição que representam.

Por outro lado, o atual presidente da AGB, João Batista Aeroldi Camargo argumentou sobre o assunto:

A AGB veio para cumprir uma coisa que a outra federação que tinha no estado, na época, não cumpria que era a questão da formação. Isso a AGB leva até hoje porque tem workshops, tem palestras, tem fóruns para discussão. O campeonato é a ponta final do teu trabalho, não é o inicial. Tu vais lá para mostrar o teu trabalho e se ele for bom, ganha, e se não for, vai ganhar outra banda. Tu tens dentro da tua avaliação o que foi dito para poder melhorar ou não. Tem gente que não lê, tem gente que lê e não ouve, não quer fazer aquele tipo de coisa, o que está no áudio, e tem gente que lê, ouve o que está no áudio e pega aquilo ali para melhorar e, no próximo ano, vem melhor (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, João Camargo 16.09.19).

Carlos Rizzon, também, apresentou suas colocações:

Eu acho que essas associações são indispensáveis porque em regiões geográficas distintas, elas promovem essas atividades das bandas escolares, organizam concursos. São indispensáveis como meio de divulgação das bandas, considerando que o maior número de bandas no estado é do interior, bandas que são, muitas vezes, incentivadas por esses encontros organizados pelas associações, entidades essas, que congregam uma quantidade enorme de aficionados por bandas todos os anos. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Carlos Rizzon em 31.08.19).

Observa-se nos campeonatos de bandas no Rio Grande do Sul um grande número de bandas participantes. No último campeonato realizado pela FEBARGS em 2019, 26 corporações estavam presentes<sup>24</sup>. No campeonato promovido pela AGB, também, em 2019, foram 37 bandas participantes<sup>25</sup>. Em ambos, participaram bandas oriundas de todas as partes do estado, sendo o campeonato da FEBARGS realizado em Santa Maria, cidade da região central do estado, e o da AGB realizado em Balneário Pinhal, litoral do estado. Isso demonstra que as bandas, apesar da distância

---

<sup>24</sup> Planilha com ordem de apresentação das bandas FEBARGS **disponível em:** <https://www.facebook.com/federacao.debandas.3/photos/pcb.1194700490722329/1194700444055667/?type=3&theater>. **Acesso em:** 10 jan. 2020.

<sup>25</sup> Planilha com ordem de apresentação das bandas AGB **disponível em:** <https://www.facebook.com/agbrs/posts/2466454113630239/>. **Acesso em:** 10 jan. 2020.

entre suas cidades e as cidades sedes dos campeonatos, empenham-se para participar desses eventos. Sobre as competições Reily e Brucher (2013, p.27, tradução nossa), enfatizam que:

Em preparação para uma competição, os músicos podem se sentir compelidos a aumentar o tempo de ensaio, esforçando-se mais do que o normal. As competições podem ocorrer em outra cidade, ou mesmo em outro país, oferecendo aos membros da banda oportunidades para viajar. Se vencerem, a banda volta com um troféu - um sinal concreto de seu sucesso e uma fonte potencial de considerável orgulho.

O Maestro Everson Silva, da Banda São Marcos, falou a respeito das motivações que os campeonatos promovem nas bandas:

Eu sou apaixonado por concurso na finalidade de motivação para a banda. Tua banda pode estar quebrada, tu falou em campeonato é outra coisa. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Everson Silva, 08.06.19).

Dentro do movimento de campeonatos de bandas temos o nome de Paulo Roberto Charão, fundador e primeiro presidente da AGB. Charão foi maestro em algumas bandas no estado, atualmente, mora na cidade de Campos do Jordão em São Paulo, mas segue acompanhando o desenvolvimento das bandas pois é, com frequência, convidado a integrar a comissão avaliadora em vários concursos de bandas na região sul. Sobre os campeonatos e festivais de bandas, ele disse:

Acredito que concursos e festivais, servem como vitrine e mostra dos trabalhos realizados por seus educadores musicais. Por outro lado, vejo como uma oportunidade dos alunos em conhecer outros universos musicais que não sejam o seu, poderem comparar e trocar conhecimentos, quando permitido e estimulados por seus educadores, pois nem sempre isto acontece. Em outros casos, muitas vezes, são as únicas oportunidades dos alunos a conhecer outras cidades ou viajarem para lugares que nunca pensaram em conhecer. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Paulo Roberto Charão, 13.01.20).

Os festivais de bandas, que não tem intuito competitivo, são promovidos, em sua maioria, pelas próprias cidades sedes. Um dos mais tradicionais do estado ocorre em São Lourenço do Sul, cidade situada na região sul do estado que sediou em 2019 seu 29º festival. O Festival de São Lourenço destaca em seu regulamento<sup>26</sup> que o evento tem por objetivo estimular a criação de bandas e fanfarras, promover o intercâmbio entre os integrantes, incentivando o interesse da população pela música como fonte de cultura e lazer.

Outras duas cidades do interior do estado merecem destaque na organização de festivais como Rio Pardo e Cachoeira do Sul que em 2019 sediou seu 13º festival. Com relação aos festivais, Carlos Rizzon relatou:

Ao meu ver, os festivais são mais interessantes porque tiram esse aspecto da competição que é perfeitamente dispensável, porque o objetivo não é esse. O objetivo é promover as bandas escolares e difundir os valores que as bandas tem no ensino da música, os valores que elas transmitem para os seus integrantes que servem para qualquer atividade futura, não só na música, mas em qualquer área. Por isso que eu acho que os festivais deveriam ser mais estimulados porque são mais interessantes. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Carlos Rizzon em 31.08.19).

O movimento das associações de bandas no estado bem como a organização de festivais são uma forma de manter viva a tradição das bandas, e, principalmente, apresentar para as comunidades que essa prática musical permanece forte no estado.

---

<sup>26</sup> Regulamento do 29º Festival de São Lourenço disponível em: <<https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/portal/noticias/0/3/2949/aberto-periodo-de-manifestacao-de-interesse-em-participar-do-festival-de-bandas>>. Acesso em: 09 jan. 2020.



Figura 9 – Corpo Coreográfico da Banda da Escola Manoel Ribas de Santa Maria no 28º Campeonato Estadual de Bandas promovido pela FEBARGS em 17.11.19.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 10 – Baliza da Banda da Escola Morada do Vale de Gravataí no 22º Campeonato Estadual de Bandas promovido pela AGB em 30.11.19.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 11 – Pelotão de Bandeiras Banda da Escola Júlio de Castilhos de Porto Alegre no 28º Campeonato Estadual de Bandas promovido pela FEBARGS em 17.11.19.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 12 – Banda Lemos Júnior de Rio Grande no 29º Festival de Bandas de São Lourenço do Sul em 18.08.19.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

### **3 BANDA JULIANA, BANDA MORADA DO VALE, BANDA SÃO JOÃO E BANDA SÃO MARCOS: BANDAS ESCOLARES DE PORTO ALEGRE E REGIÃO METROPOLITANA**

#### **3.1 A ESCOLHA DAS BANDAS**

O fato de conhecer muitas bandas e pessoas envolvidas nesses grupos pelo estado, seja por ter estado inserida nesse contexto por 17 anos, tocando em algumas corporações ou, trabalhando com elas, me deixou atenta para a prática da pesquisa por distanciamento,

Pois a proximidade social e cultural [...], produz uma forma de “evidencia” do campo que adormece a curiosidade e engana o olhar por demais habituado ao mundo que o cerca [...] é preciso tomar distância, afastar-se para “ver melhor” (BEAUD; WEBER, 2018, p. 10).

As impressões que eu tinha das bandas, enquanto componente, foram deixadas de lado para que a pesquisadora pudesse assumir o caminho dessa investigação. Para tanto, a escolha pelas corporações que compõe essa pesquisa não foi fácil, mas seguiram baseadas a partir de três fatores fundamentais.

O primeiro está relacionado ao fato de representarem dois períodos diferentes para o desenvolvimento do movimento de bandas escolares no Rio Grande do Sul, sendo eles as décadas de 1960 e 1990. A década de 1960 insere-se pelo crescimento do número de bandas escolares que passaram a se denominar bandas marciais. A década de 1990, por representar outro momento das bandas escolares com a formação de novas corporações que passaram a enfrentar uma nova realidade com transformações no repertório, dificuldade de investimentos financeiros, inserção de novos instrumentos, criação de novas categorias e nomenclaturas com o surgimento de instituições representativas de bandas no estado que passaram a promover as competições.

O segundo deriva-se do fato de que as quatro bandas vem representar, também, os cenários de escolas públicas e privadas em cada uma das décadas:

bandas das escolas São João e Júlio de Castilhos, com fundação no início dos anos 1960, sendo a primeira oriunda do setor de ensino privado e a segunda do setor público e as bandas das escolas São Marcos e Morada do Vale, com fundação nos anos 1990, sendo a primeira oriunda de escola privada e a segunda de escola pública.

O terceiro e último está na compreensão dos processos que levam as construções identitárias desses grupos a partir de suas práticas musicais e trajetórias percorridas ao longo de suas existências. Entendemos, aqui, as identidades dentro do conceito de Hall (1996, p. 17, tradução nossa), no qual o autor diz que:

Identidades nunca são unificadas e, nos tempos de modernidade tardia, elas estão cada vez mais fragmentadas e desfiadas; elas nunca são únicas, mas construídas de múltiplas maneiras através de discursos, práticas e posições diferentes [...].

Já o entendimento sobre a noção de trajetória se dá a partir de Bourdieu (2008, p.81), “como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes”. Wenger (2007), aponta, reitera e completa que o termo trajetória,

Não é um caminho que pode ser previsto ou mapeado, mas um movimento contínuo que tem um momento próprio além de um campo de influências. Tem uma coerência através do tempo que liga o passado, o presente e o futuro. (WENGER, 2007, p. 154, tradução nossa).

A noção de trajetória de Bourdieu (2008), foi apropriada por Wenger (2007), e está dentro de seu estudo sobre “comunidades de práticas”, na qual,

Uma comunidade de prática não é um refúgio de união nem uma ilha de independência isolada das relações políticas e sociais [...]. Uma prática compartilhada conecta os participantes uns aos outros de maneiras diversas e complexas. As relações resultantes refletem a total complexidade de fazer as coisas juntos. Eles não são facilmente redutíveis a um único princípio, como poder, prazer, competição,

colaboração, desejo, relações econômicas, arranjos utilitários ou processamento de informações. Na vida real, as relações mútuas entre os participantes são misturas complexas de poder e dependência, prazer e dor, sucesso e fracasso, acumulação e privação, alianças e competição, facilidade e luta, autoridade e coleguismo, resistência e conformidade, raiva e ternura, atração e repugnância, diversão e aborrecimento, confiança e desconfiança, amizade e ódio. Comunidades de prática têm tudo (WENGER, 2007, p.77, tradução nossa).

A partir de Wenger (2007), as quatro bandas escolares podem se configurar nessa investigação como pertencentes a “comunidade de práticas”. Nesse sentido,

Concentrar-se no nível das comunidades de prática não é glorificar o local, mas ver esses processos - negociação de significado, aprendizagem, desenvolvimento de práticas, formação de identidades e configurações sociais - como envolvendo interações complexas entre o local e o mundo global (WENGER, 2007, p.133, tradução nossa).

### 3.2 CONHECENDO AS QUATRO BANDAS

Uma banda origina-se a partir das pessoas que as compõe, pessoas com pensamentos, atitudes e vivências diferentes. Essas pessoas transitam por diferentes locais e com isso, levam e trazem suas percepções e conhecimentos da banda e para a banda. Cada banda conta sua própria história através de todos os participantes que fazem e que já fizeram parte de sua trajetória, enquanto grupo social, e para conta-la, as lembranças e memórias de cada um são fundamentais assim como suas práticas musicais.

As trajetórias de cada banda englobam conquistas, dificuldades, desafios, superação de obstáculos, reestruturações, conflitos, união, enfim, vários fatores que fazem parte da construção de um grupo e que se constituem ao longo de sua história. A fim de melhor compreender essas questões, vamos iniciar por uma introdução ao contexto das bandas escolares escolhidas para essa investigação.

### 3.2.1 Banda Juliana

A Banda da Escola Estadual Júlio de Castilho, conhecida como Banda Juliana ou Banda do Julinho, teve sua fundação oficial como banda marcial em 14 de outubro de 1961 conforme anexo - 2, permanecendo em atividade até 1972. O responsável por sua fundação foi o diretor da escola Sr. Werner Kiel que designou o professor Rubens de Souza para coordenar a banda. Durante o período em que permaneceu ativa, a Banda Juliana obteve apenas dois regentes, o Sr. Hélio Miranda e o Sargento Adalberto que era militar do exército brasileiro.

No ano 2006, depois de 34 anos sem atividades, a Banda Juliana foi reativada por alguns de seus ex-integrantes. Isso ocorreu devido a iniciativa de Carlos Rizzon que organizou um reencontro na escola com ex-integrantes da banda no dia 10 de junho de 2006. Carlos Rizzon mobilizou-se para encontrar e contatar seus ex-colegas através de e-mail, telefone além de publicar anúncios em jornal. Nessa data, foi preparado um memorial da banda, composto por vários materiais de seus ex-componentes como fotos, instrumentos, uniformes e gravações para que todos pudessem relembrar os momentos em que estiveram na banda. Este reencontro resultou na organização de 2 DVDs, conforme anexos 3 e 4, com gravações e fotografias do evento, na publicação do livro *O Bombardino Amassado*, e, principalmente, na reativação da Banda Juliana. O diretor da escola na época, Sr. João Alberto Figueiró apoiou o reencontro dos ex-alunos nas dependências da escola assim como a reativação da banda.

A ideia inicial de Carlos Rizzon, juntamente com seus colegas de banda, era reorganizar a corporação nos moldes da banda existente dos anos 1960, uma banda marcial com muitos componentes e com vagas destinadas apenas aos alunos da escola, porém a realidade encontrada foi um pouco diferente do planejado conforme relato:

Nós queríamos reviver a tradição, fazer uma banda nos moldes daquela que nós tínhamos participado. Uma banda de no mínimo 80 integrantes com alunos do colégio. Qual foi a primeira dificuldade? Na nossa época os alunos entravam com a idade de 9 - 10 anos o que, hoje, é o ensino fundamental. Então, ficavam mais tempo na escola e portanto, tinham mais disponibilidade de participar da banda. Agora,

mudou a realidade. O colégio só tem o ensino médio que são pessoas que já estão envolvidas em ajudar na renda familiar, estão com emprego. Não tem mais a gurizada. Então, a primeira decepção nossa: não conseguimos o efetivo. Aos poucos, fomos vendo que os alunos não se interessavam, que não tinham disponibilidade. Tivemos que abrir para a comunidade e outras pessoas interessadas e, obviamente, o número de integrantes caiu muito. Nunca conseguimos fazer uma banda de 80 integrantes. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Carlos Rizzon, 18.08.18).

Mastra que participa ativamente da coordenação da banda comentou sobre a ideia inicial de retomada do grupo:

Os moldes de banda que a gente tinha idealizado não deu para se fazer, a musicalidade era outra. Nós tivemos, junto com os dobrados, que botar músicas, né? Porque os concursos exigiam, mas nós fizemos uma coisa diferenciada: colocamos dentro de uma escola estadual uma escola musical que, hoje, é coordenada pelo Renato Rizzon e isso efetivou essa gurizada toda que está aí tocando, proporcionou a descoberta de novos músicos. O colégio não nos proporcionou alunos suficientes para que se pudesse formar a banda. A gente abriu para a comunidade e foi aí que a gente conseguiu formar a banda, mas nada no nosso padrão. O nosso padrão era assim: o mór estava lá e dizia pra frente, pra trás, sentido, para, toca, e se o cara desobedecesse, ele atirava o bastão nos caras, eram as coisas da época. Nós gostávamos daquilo, riamos das coisas que aconteciam então, também, mudou isso, trabalhar com novas músicas, com o uso de partituras. Já que não deu para só tocar dobrado, só marchar, a gente teve que mudar. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Mastra, 18.08.19).

Na nova fase da banda a partir de 2006, o maestro Vainer Ramos foi contratado para dar início às atividades da banda. O maestro iniciou suas atividades musicais, na década de 1970, como componente na Banda Alberto Pasqualini na cidade de Viamão. Com o passar dos anos, tornou-se músico militar, maestro de bandas escolares e formou-se no curso de licenciatura em música no Centro Universitário Metodista – IPA<sup>27</sup> em Porto Alegre. O maestro já conquistou vários títulos com a Banda Juliana, entre eles, o título de Banda Ouro na FEBARGS em 2018 pelo fato da banda permanecer nove anos invicta como campeã na categoria musical sênior. Vainer relembrou como foi o início de seu trabalho na Banda Juliana e qual a primeira música que a banda tocou, após sua reestruturação:

---

<sup>27</sup> Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista

Nós fizemos uma reunião e no final da reunião eles me disseram: está contratado, quando iniciamos? A reunião foi numa segunda e no sábado eu estava aqui. Eu disse: olha, vamos fazer uma chamada na escola, inscrever o pessoal da escola. Vamos começar com aula de música e vamos tentar fazer um primeiro ensaio com o que tem. Eu reuni alguns alunos meus, e, assim houve. No primeiro ensaio eu consegui trazer nove remanescentes de outra banda onde trabalhei e pensei: eu vou ter que levar alguma coisa, como eu sei que eles gostam muito de dobrados, eu vou levar alguma coisa para dar um incentivo pro pessoal da velha guarda. Eu fiz um arranjo adaptado, para esse grupo, do Dobrado Oficial de Dia. Daí tinha uma percussão ali, os veteranos pegaram, tinha mais os nove, pessoal do sopro e foi tocado. Então, a primeira música da reativação da Banda do Julinho foi Oficial de Dia. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Vainer Ramos, 01.06.19).

A Banda Juliana, para reestruturar-se, necessitou contar com alguns apoios financeiros cruciais para retomar suas atividades conforme descreveu Carlos Rizzon:

Inicialmente, quem nos deu apoio, foi a fundação do Colégio Júlio de Castilhos porque o colégio em si não tinha recurso nenhum. A fundação que é uma organização dentro da escola que apoia as atividades da escola, de forma independente, recebeu a banda muito bem e até hoje apoia. Então, inicialmente, a fundação deu apoio, nos acolheu. Depois, nós criamos a nossa própria associação, nos desvinculamos da fundação. Essa associação tem, então, pessoas que fazem contribuições mensais de qualquer valor e dali nós tiramos os recursos para contratar o regente, comprar e renovar os instrumentos. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, Carlos Rizzon, 10.09.18).

Na banda há uma escola de música que é coordenada por Renato Carvalho Rizzon, antigo componente da banda e irmão de Carlos Rizzon. A escola de música desenvolve suas atividades aos sábados pela manhã das 9h às 12h e quem ministra as aulas é o próprio maestro. Alguns alunos possuem seu instrumento próprio, outros, utilizam os da banda.

A escola de música é aberta à comunidade e funciona como uma porta de entrada da banda para aqueles que tem interesse em participar do grupo, mas não leem partitura e para aqueles que querem reforçar seu conhecimento musical. O maestro organiza todos os alunos em uma sala e ensina o grupo dentro do nível de conhecimento de cada um. Na sala da escola de música há um quadro negro e cadeiras com tampo embutido para apoiar materiais de escrita. Entre os alunos que compõe a turma estão crianças, adolescente e adultos. O maestro leva impresso, ou,

escreve no quadro pequenos trechos musicais para trabalhar exercícios rítmicos e melódicos através de solfejo ou com a utilização dos instrumentos. Ao longo da manhã, os alunos aprendem sobre teoria musical, realizam práticas em conjunto em duetos, naipes de instrumentos ou com todo o grupo. No período da tarde, aqueles que já conseguem acompanhar a banda, participam do ensaio geral com o grande grupo que ocorre das 14h às 17h na sala de ensaios da banda.

A Banda Juliana é composta por, aproximadamente, 30 componentes músicos, além do mór, baliza e pelotão de bandeiras. A faixa etária de seus participantes está entre 12 – 50 anos de idade. Os instrumentos principais utilizados pela banda são: trompete, trombone, sousafone, bombardino, trompa, oboé, saxofone, clarinete, flauta-transversa, tímpano, marimba, bumbo, prato, caixa tenor e bateria.

A escola oferece uma boa infraestrutura à banda. Localizada no 3º andar de um dos dois prédios da escola, a banda conta com sala para guardar os instrumentos, sala dos uniformes, sala de aula para escola de música, duas salas para ensaio, sala da coordenação da banda e escola de música integradas e banheiros feminino e masculino. Na sala da coordenação há materiais de escritório, um computador, impressora e uma mini cozinha com fogão e vários utensílios.

Renato Rizzon é, também, encarregado por cuidar da sala dos instrumentos, já os uniformes, ficam a cargo de Maria Helena, mãe de uma ex-integrante da banda que trabalha como voluntária, mesmo sua filha não fazendo mais parte do grupo. Maria Helena realiza reparos nos uniformes e os mantém sempre limpos com o auxílio de uma máquina de lavar instalada na sala dos uniformes.

A Escola Júlio de Castilhos situa-se nas proximidades de grandes avenidas da capital que ligam vários bairros ao centro de Porto Alegre. Nas imediações da escola há um shopping, muitos estabelecimentos comerciais, hospitais, além de muitos prédios residenciais.



Figura 13: Localização da Banda Juliana.  
Fonte: Google Maps.

O fato da escola estar localizada em uma região de fácil acesso para moradores de Porto Alegre e região metropolitana, possibilita, também, a participação de componentes vindos da capital, cidades vizinhas e interior do estado.

Anualmente, a banda recebe convites para apresentações na capital, região metropolitana e interior do estado, mas como, na maioria das vezes, não recebe cachê para tais apresentações, necessita recusar alguns convites por não ter recursos para deslocamento tratando-se de locais distantes. A banda procura manter algumas apresentações em seu calendário anual como a participação no Festival de Bandas na cidade de Cachoeira do Sul e os concursos de bandas promovidos pela FEBARGS e ABMLINORTE.



Figura 14 – Sala de ensaios Banda Juliana.  
Fonte: Imagem do site oficial da banda.



Figura 15 – Sala da coordenação da Banda Juliana. Fonte: Imagem do site oficial da banda.



Figura 16 – Sala da escola de música.  
Fonte: Imagem do site oficial da banda.



Figura 17 – Uniformes utilizados pela banda de 1961 – 1972 que estiveram expostos no reencontro dos ex componentes da banda.  
Fonte: Imagem do site oficial da banda.

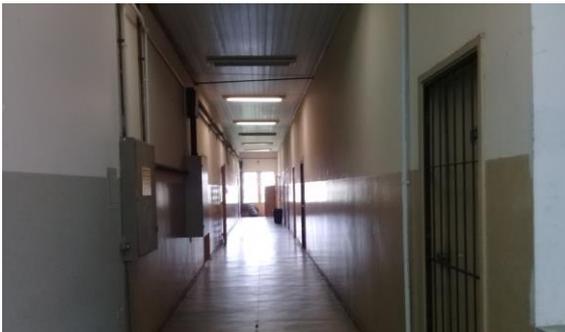


Figura 18 – Corredor de acesso para as salas da banda. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 19 – Sala dos uniformes da banda. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

### 3.2.2 Banda Morada do Vale

A Banda do CIEP Morada do Vale de Gravataí foi criada em 18 de agosto de 1997, tendo como maestro, desde o ano 2000, João Batista Aeroldi Camargo que iniciou suas atividades musicais em 1988 como componente da Banda da Escola Santa Catarina – ESCA em Cachoeirinha, região metropolitana de Porto Alegre. Ainda na Banda do ESCA, João Camargo começou a desenvolver atividades como maestro na banda mirim da escola.

A Banda Morada do Vale possui em média 30 componentes distribuídos entre músicos, baliza e pelotão de bandeiras. A faixa etária dos integrantes vai dos 11 – 30 anos de idade e os principais instrumentos utilizados pela banda são: trompete, trombone, bombardino, sousafone, saxofone, clarinete, bumbo, prato, caixa tenor e bateria.

Na banda há uma escola de música, aberta à comunidade, que foi idealizada pelo maestro, da qual, participam crianças e jovens que estejam interessados em ingressar na banda. Na escola de música, os alunos aprendem teoria musical, praticam os instrumentos e, conforme o desenvolvimento musical de cada um, são inseridos na banda para acompanhar o grupo. Na escola de música, o maestro conta com o apoio de Douglas Ruan Moraes, instrumentista da banda que auxilia no ensino musical dos alunos e, também, no ensaio geral da corporação. Os encontros com os alunos da escola de música ocorrem em alguns dias da semana no final da tarde, após o horário de aula na sala da banda, e aos sábados das 14h às 17h. O espaço físico destinado à banda localiza-se na parte superior do ginásio da escola, um local que foi cedido pela direção para que a banda pudesse se organizar. Neste ambiente, há uma sala para ensaio e uma sala onde ficam guardados os instrumentos, uniformes, troféus, documentos, partituras, ou seja, todo o material da banda.

A Banda Morada do Vale já participou de inúmeros campeonatos estaduais, nacionais, sul brasileiro, sul americano e mundiais, tendo obtido os seguintes resultados: hexa campeã estadual como banda marcial, tetra campeã estadual como banda de percussão, tri campeã estadual como banda de concerto, tri campeã sul brasileira como banda marcial, tri campeã sul brasileira como banda de percussão, bi campeã sul brasileira como banda de concerto, primeiro lugar no Campeonato Cone-Sul como banda musical, 7º melhor banda do 9º Campeonato Mundial de Bandas realizado em 2005 na cidade de Taubaté, São Paulo, campeã nacional nas categorias metais e percussão no Campeonato Nacional de bandas realizado na cidade de Macaé, Rio de Janeiro.

A corporação não conta com quaisquer recursos financeiros provenientes da escola, logo, o grupo estrutura-se a partir da organização de eventos promovidos pelos próprios componentes e seus familiares como almoços e jantares, a fim de angariar fundos para a banda. No entanto, a instituição oferece livre circulação para a banda em suas dependências nos dias de ensaio, podendo usufruir do estacionamento, ginásio de esportes, pátio e do auditório - um espaço que possui retroprojektor, televisão e ar condicionado. O maestro percebe isso como uma credibilidade adquirida pelo grupo dentro da instituição:

Hoje, a gente tem todas as chaves da escola e a diretora é super acessível. A gente sabe que tem realidade no estado que a banda depende do guardinha da escola para ensaiar, se o guardinha não vai abrir a escola, a banda não entra e, pra nós, isso não acontece. A gente tem uma credibilidade grande dentro da escola. O trabalho tem que ser sério porque se o trabalho for sério, se adquire a credibilidade. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, João Camargo, 16.09.19).

Na banda não há uma equipe coordenadora, logo, o maestro João Camargo é responsável pelo contato direto com a direção da escola e por cuidar sozinho das questões administrativas da banda. Ele conta com o auxílio de Andréa Oliveira, mãe de uma menina que é componente da banda. Apesar de Andréa trabalhar aos sábados, dia de ensaio da banda, sempre que possível, tenta se fazer presente para auxiliar na manutenção dos uniformes, além de acompanhar a banda nas apresentações.

A Escola Morada do Vale está inserida em um bairro residencial bastante populoso da cidade de Gravataí, tendo em seu entorno pequenos comércios locais. A escola atende alunos locais e oriundos de outros bairros da cidade.



Figura 20: Localização da Banda Morada do Vale.  
Fonte: Google Maps.



Figura 21 – Foto porta de entrada da escola, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 22 – Foto do pátio da escola, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 23 – Foto da sala de ensaio da Banda, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 24 – Foto da sala de materiais e troféus da banda, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

### 3.2.3 Banda São João

A Banda da Escola La Salle São João teve sua fundação no dia 04 de outubro de 1960 pelo irmão Lassalista Feliciano André, desde então, a banda mantém suas atividades ininterruptas. O primeiro maestro da banda foi Otto Follmann que trabalhava na escola como professor. Ele formou-se em letras e trabalhou em outras escolas de Porto Alegre, lecionando língua portuguesa além de ter sido, também, maestro nas Bandas da Escola Estadual Gonçalves Dias e Escola Vicente Pallotti. Na escola São João, assumiu a função de maestro da banda e do coral de crianças chamado Canarinhos do São João. No início de seu trabalho na banda, teve a companhia de um integrante da banda dos fuzileiros navais que o auxiliou na organização da banda, conforme relatou o próprio maestro:

Ele trabalhou em conjunto conosco tocando pífaro, que era o instrumento da época, e que se alinhava aos instrumentos de uma banda marcial. Esse fuzileiro naval ficou lá vários dias. Foi nas férias, nós chamávamos os alunos, eles ficavam lá ensaiando e ele fazia a marcha. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Otto Follmann 18.08.18).

A banda em sua fundação, com autorização da associação de pais e mestres, adquiriu cerca de 80 instrumentos para iniciar suas atividades. Ao longo de sua trajetória, a banda conquistou muitos títulos. O primeiro deles veio em 1966 quando a banda conquistou o título de Banda Ouro no campeonato promovido pela COMTUR, título que, também, foi concedido três vezes pela FEBARGS nos anos de 1999, 2002 e 2005, após vencer três séries consecutivas na categoria marcial. Nos anos de 1997, 2002 e 2004 venceu o Campeonato Estadual promovido pela AGB na categoria marcial sênior e em 2006, a FEBARGS concedeu à Banda São João o título de Banda Hour Concours. Atualmente, a corporação não tem participado de campeonatos de bandas, suas apresentações têm sido direcionadas para festivais ou a convites para participações em eventos na capital, região metropolitana e interior do estado.

No ano de 1975, o maestro Manuel Luís Mota Dias assumiu a Banda São João vindo, anteriormente, da Banda Gonzaga de Pelotas. O maestro Mota, como era conhecido, esteve presente na banda até o seu falecimento no ano de 2009. Ele era uma pessoa muito respeitada dentro da escola e dentro do movimento de bandas escolares no estado.

No ano de 2011 foi inaugurada no São João a escola de música Maestro Mota. A escola de música surgiu com a intenção de promover a renovação e continuidade da banda por meio da preparação de crianças para tornarem-se futuros músicos na banda sênior. Nessa época, a Banda São João contava com uma banda mirim, sob a instrução de Serginho, filho do maestro Mota. A banda mirim passou, então, a fazer parte da escola de música que em 2012 recebeu o professor Renã Covolan para assumir e conduzir o trabalho, permanecendo, desde então, em atividade. Atualmente, a escola de música é destinada somente aos alunos da instituição.

Fazem parte da Banda São João uma média de 25 músicos com idades entre 16 – 50 anos sob a regência do maestro Renato Dall Ago. Os instrumentos, normalmente, utilizados pela banda são: trompete, trombone, bombardino, tuba,

bumbo, prato, caixa tenor, marimba e bateria. Outros instrumentos são agregados, dependendo da apresentação a ser realizada.

O maestro Renato iniciou sua vida musical na Banda São João ainda menino, formou-se em composição pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e trabalha, também, como arranjador para bandas, orquestras, big bands e grupos instrumentais.

A corporação não recebe da escola investimentos financeiros para sua manutenção, então, para que a banda possa continuar com seu trabalho e desenvolvendo suas atividades, foi organizada uma associação, a ACOBAN<sup>28</sup>. Sobre a associação, o coordenador da banda informou:

Nós temos a Associação dos Componentes a ACOBAN que tem nos ajudado muito na manutenção e preservação da banda. Os caches que a banda recebe, a ACOBAN administra. A ACOBAN tem feito a manutenção dos uniformes, do instrumental, despesas com transporte da banda, enfim, tudo isso aí é mantido pela ACOBAN. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, Luís Gaspareto, 29.10.18).

A Banda São João conta com uma coordenação constituída pelo casal Luís Gaspareto, componente da banda desde os anos 1980, e sua esposa Luciane Gaspareto. Eles são responsáveis por cuidar da agenda da banda e, junto com a ACOBAN, da manutenção da mesma.

No segundo semestre de 2019, a escola solicitou que a banda entregasse as chaves das salas que ocupava para guardar seus materiais pois o prédio passaria por reformas estruturais. Nesse prédio, a banda ocupava dois ambientes: uma sala destinada à coordenação e outra, com amplo espaço, onde a banda guardava seus materiais, uniformes e instrumentos. Nesse espaço eram realizados os ensaios da banda até meados dos anos 2000, época em que a banda foi impedida pela escola de tocar nesse ambiente por conta de uma reclamação proveniente de um vizinho. Em última visita realizada na banda no mês de dezembro de 2019, o prédio estava começando a ser demolido e na ocasião, a banda não tinha recebido um espaço dentro da escola para realizar o traslado de seus materiais.

---

<sup>28</sup> Associação dos componentes da Banda Marcial São João

A escola está localizada no bairro São João, zona norte de Porto Alegre, próximo a avenidas que ligam a capital a algumas localidades da região metropolitana. Nas suas proximidades encontra-se um shopping, um clube, prédios comerciais, residenciais e escolas de educação infantil.

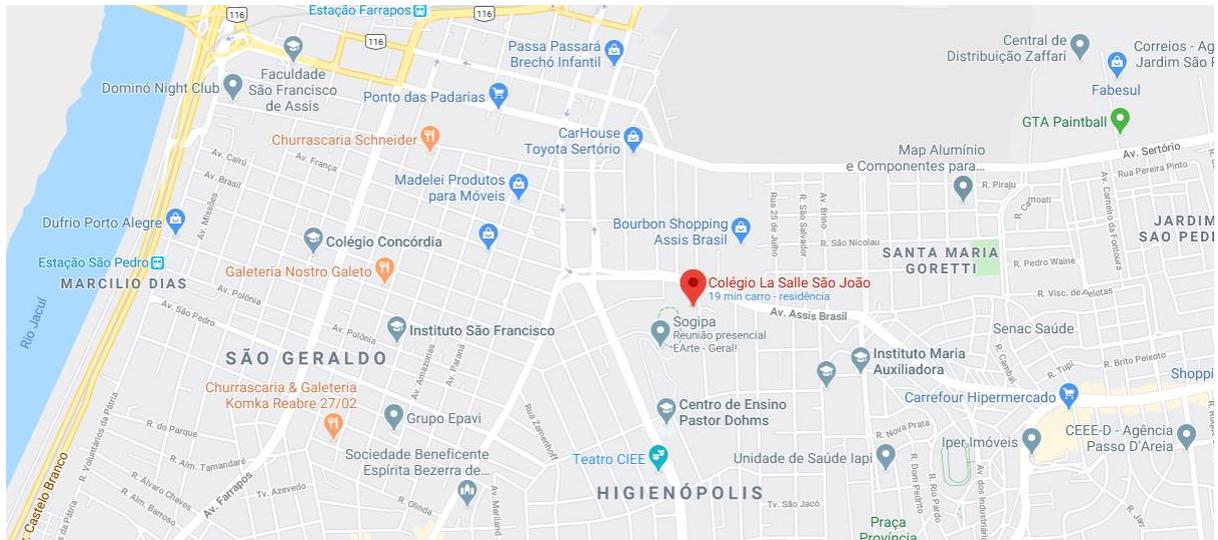


Figura 25: Localização da Banda São João.  
Fonte: Google Maps.



Figura 26 – Sala que era destinada aos ensaios da banda até meados dos anos 2000.  
Fonte: Galeria de fotos, Facebook da banda.



Figura 27 – Frente da Escola La Salle São João em Porto Alegre. Fonte: Site da escola.



Figura 28 – Porta de entrada da coordenação da banda durante reforma do prédio, 2019.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 29 – Pátio interno da escola, 2019.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

### 3.2.4 Banda São Marcos

A Banda da Escola Luterana São Marcos de Alvorada iniciou suas atividades em 19 de abril de 1991 a partir do interesse do diretor da escola, na época, Sr. Ari Pfluck em constituir uma banda em sua instituição de ensino. Os instrumentos foram adquiridos com verbas oriundas dos pais dos componentes que, também, realizaram eventos para compra do material. O maestro André de Oliveira, que era professor de história na escola, assumiu as atividades, estando, desde então, à frente da banda. Ele iniciou seus estudos musicais com o maestro Otto Follmann na Banda da Escola Vicente Pallotti, tendo participado, também, como componente da Banda São João sob a regência do maestro Mota. A partir de 2011, Everson Silva, um dos alunos fundadores da Banda São Marcos, passou a trabalhar como maestro na corporação a convite de André de Oliveira e juntos, dividem o ensaio da banda. Everson Silva é responsável pela formação e ensaios da banda mirim cujos componentes tem idade entre 9 – 12 anos.

Ao longo de seus 29 anos, a banda passou por várias reestruturações. Uma delas ocorreu em 2011 com a formação de uma banda mirim para dar seguimento ao trabalho, isso porque a maioria dos componentes haviam saído da banda e já não havia quórum suficiente para mantê-la em atividade. Entre os anos de 2011 e 2012, a Banda São Marcos teve que reiniciar suas atividades musicais do zero para atender as novas crianças que estavam chegando, iniciando, assim, um novo ciclo.

No decorrer de sua trajetória, a Banda São Marcos participou de muitos festivais e competições como o Festival de Bandas da cidade de Melipilla no Chile em 1998, o Campeonato Nacional promovido pela Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras (CNBF) em Florianópolis, 2001, o Campeonato Sul Americano de Bandas em Taubaté, 2004, promovido pela World Association of Marching Show Bands (WAMSB) na qual André de Oliveira era o presidente e, no ano seguinte, o 9º Campeonato Mundial de Bandas, também, em Taubaté promovido pela Wamsb Brasil.

O novo grupo, formado a partir de 2011, já adquiriu títulos nos campeonatos estaduais promovidos pela AGB, mas a sua maior experiência foi o intercâmbio realizado com algumas bandas americanas no estado do Texas, EUA nos anos de 2015 e 2018. Durante esse intercambio, a Banda São Marcos visitou as bandas das escolas Coronado High School, Lubbock High School, Monterrey High School, além

da Texas Tech University. Todos os anos, a banda procura manter no calendário de apresentações sua participação no Festival de São Lourenço do Sul e nos campeonatos promovidos pela AGB, além de realizar apresentações na cidade e em outras localidades.

Atualmente, o grupo conta com aproximadamente 30 componentes que se dividem entre músicos, mór e pelotão de bandeiras. A média etária do grupo é de 12 – 24 anos. Os instrumentos utilizados pela banda são: trompete, trombone, bombardino, trompa, saxofone, clarinete, flauta transversa, sousafone, tuba, bumbo, caixa tenor, quadriton, prato, tímpano, marimba, bumbo sinfônico e bateria.

Na Banda São Marcos os dois maestros se dividem para condução do ensaio. Um dos maestros ensaia com o grupo enquanto o outro observa, ou, participa, tocando com os componentes. Um maestro não intervém no trabalho do outro e o grupo respeita os dois igualmente.

Financeiramente, a corporação sustenta-se mediante pagamento de mensalidades por parte dos componentes. O valor arrecadado mensalmente é revertido para aquisição e manutenção de instrumentos, uniforme e para custear o deslocamento da banda em apresentações. Além disso, a banda promove eventos ao longo do ano como almoços e jantares para arrecadação de fundos. Na banda existe uma comissão de pais que se organiza com o intuito de dividir as tarefas administrativas do grupo para que os maestros possam se dedicar e trabalhar exclusivamente na parte musical. Essa comissão é responsável por cuidar da manutenção dos uniformes, contratação de ônibus e veículo auxiliar para levar os instrumentos do grupo em viagens, cobrança de mensalidade, organização financeira da banda, organização de lanches e água para os componentes nas apresentações, atualização da página da banda nas mídias sociais, organização de eventos e acompanhamento do grupo nos ensaios e apresentações. Uma das integrantes da comissão de pais é Joelma D. Matos responsável pela comunicação da banda nas redes sociais. Joelma faz parte da banda apesar de seu filho já ter deixado a corporação há dois anos, mas mesmo assim, decidiu permanecer no grupo para colaborar voluntariamente.

A comissão de pais se faz presente na banda desde a sua fundação, substituindo seus participantes com o tempo da mesma forma como ocorre com os componentes, ou seja, uns vão embora enquanto outros chegam. Pensando as bandas como “comunidades de práticas”, elas não dependem de uma afiliação fixa,

as pessoas entram e saem. Segundo Wenger (2007, p.99, tradução nossa) “um aspecto essencial de qualquer prática duradoura é a chegada de novas gerações de membros”. Com relação aos ciclos ocorrentes com a chegada e saída de participantes Joelma D. Matos argumentou:

Eu me imagino que um dia eu vou chegar aqui, daqui uns 5 ou 10 anos pra visitar, e vai estar a banda tocando com outro pai ou outra mãe na minha função, talvez, não com a mesma intensidade que tem hoje ou, talvez, com mais. A banda é um ciclo. O Everson fez parte do primeiro ciclo quando era componente e esse ciclo se fechou com aquela banda sênior no qual todo mundo estava indo trabalhar, estudar e não tinham mais tempo pra banda. O ciclo recomeçou em 2011 e aí ele veio ajudar o maestro André. Parece que agora está fechando o ciclo dessa geração, é a impressão que eu tenho. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Joelma 19.10.19).

A Banda São Marcos realiza suas atividades em uma sala ampla, dividida em dois ambientes que foram cedidos pela escola. No primeiro, ficam os armários onde os materiais são guardados: uniformes, instrumentos, partituras. No segundo, ocorre os ensaios da banda. Quando o ginásio e a quadra de esportes da escola estão desocupados, a banda pode utiliza-los para ensaios.

A instituição de ensino São Marcos situa-se no bairro Americana em Alvorada. Esse bairro, se comparado a outros do município, compreende uma população que possui um poder aquisitivo relativamente bom em relação aos demais, já que Alvorada comporta muitos bairros carentes e com pouca infraestrutura. A escola fica próxima à região central da cidade onde está localiza a prefeitura e comércios em geral.

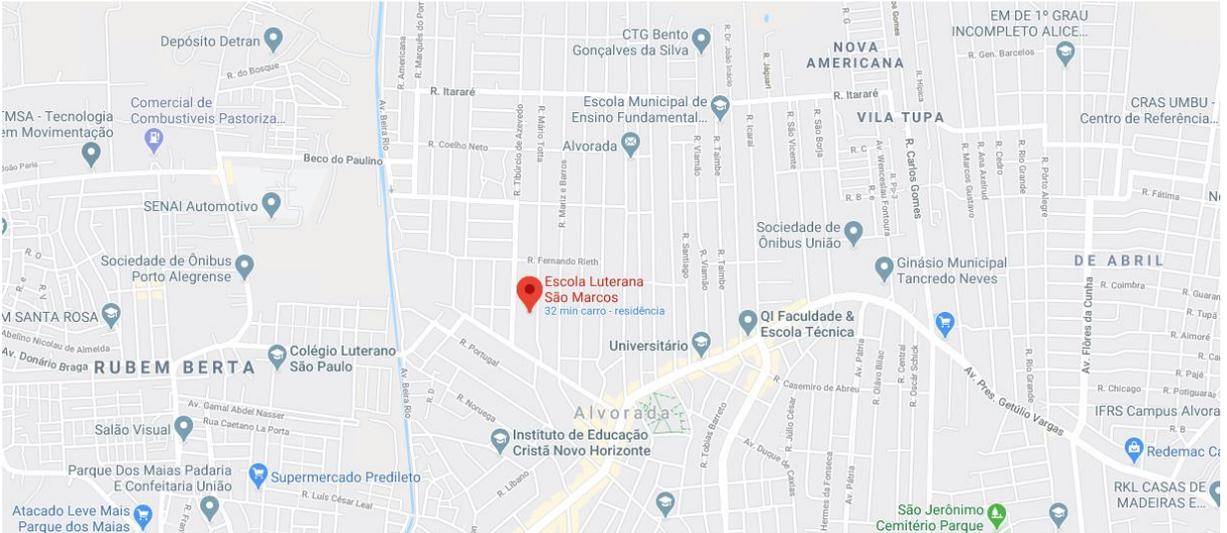


Figura 30: Localização da Banda São Marcos.  
 Fonte: Google Maps.



Figura 31 – Mór e pelotão de bandeiras na quadra de esportes da escola, 2019.  
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 32 – Ensaio da banda no ginásio da escola.  
 Fonte: Galeria de fotos, Facebook da banda.



Figura 33 – Dia de ensaio na sala da banda, 2019.  
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



Figura 34 – Área externa da sala da banda.  
 Fonte: Google Maps.

### 3.3 APRESENTAÇÕES

A fim de conhecer um pouco da dinâmica e organização de cada banda, fora dos muros da escola, serão apresentados quatro momentos diferentes vividos pelas corporações e na qual, tive a oportunidade de acompanhá-los. Esses momentos referem-se a apresentações realizadas no contexto de competição, festival e apresentação beneficente-social.

Na manhã do dia 18 de agosto de 2019, a Banda São Marcos preparava-se para sua saída rumo ao 29º Festival de Bandas de São Lourenço da Sul. Os maestros da banda organizaram os componentes “em forma”<sup>29</sup> no saguão da escola por volta de 8h da manhã. No local, os maestros passaram recomendações e informações ao grupo quanto ao tempo médio de viagem, número de paradas que seriam realizadas até o destino, bem como quais os procedimentos a serem tomados na chegada da banda ao destino. O maestro André de Oliveira tinha em suas mãos uma lista com o nome de todos os viajantes e, conforme o nome era chamado, a pessoa era informada de qual coletivo iria seguir viagem, devendo embarcar naquele momento no ônibus que estava estacionado em frente à escola. Devido ao grande número de pessoas entre componentes e acompanhantes, dois ônibus realizaram o deslocamento. Na distribuição dos ônibus, os maestros dividiram-se um para cada coletivo. Os pais foram divididos de maneira que houvesse uma quantidade semelhante de responsáveis em cada ônibus. O valor das conduções foi dividido entre todos passageiros que pagaram, antecipadamente, a Joelma, organizadora do transporte. Dentro do coletivo cada componente poderia sentar onde quisesse a partir da terceira fileira de bancos pois nos primeiros acentos, normalmente, viajavam alguns integrantes que faziam parte da comissão de pais além do maestro.

No ônibus onde viajei, o clima era de descontração. Algumas pessoas conversavam, alguns componentes circulavam de um lado para outro enquanto que outros estavam sentados com seus celulares e fones de ouvido. Realizamos uma parada na metade do caminho no Paradoiro Grill, cidade de Cristal. Terminado o tempo estipulado para descanso, retornamos para os coletivos e a viagem seguiu. Todos os componentes, maestros e a maioria dos pais estavam usando camiseta da

---

<sup>29</sup> Na banda escolar entrar em forma significa que os componentes estão perfilados uns atrás dos outros organizados em 3 ou 4 filas de acordo com a organização instrumental que a banda segue.

banda e, por conta da baixa temperatura que se fazia, alguns estavam com casacos da banda.

Ao chegar na cidade, já era próximo ao meio dia. Alguns componentes e acompanhantes procuraram algum local para almoçar, mas a maioria do grupo não almoçou porque, após a apresentação do grupo, estava previsto e organizado um lanche coletivo para a banda. O horário de apresentação da banda estava marcado para 16h, então, às 14h, a banda começou a se preparar. Os instrumentistas da percussão, com o auxílio de alguns colegas do sopro e alguns pais, descarregaram o caminhão de instrumentos, que foi fretado para levar os materiais, já que os mesmos não cabiam no bagageiro do ônibus devido ao tamanho e quantidade. Enquanto o caminhão era descarregado, os demais componentes trocavam-se dentro do ônibus, colocando seus uniformes. Os meninos se vestiram em um dos ônibus e as meninas no outro. O uniforme utilizado pela banda era composto por macacão cinza, túnica bordô, barrete branco com penacho branco e sapato preto. Estando todos prontos, a banda entrou em forma na raia de apresentação e, passados alguns minutos, iniciou sua apresentação.

Nessa ocasião, duas peças musicais, entre as quatro executadas, foram conduzidas por dois componentes da banda: Desyerre Faliguski, percussionista da banda, regeu *Avenger: Age of Ultron*<sup>30</sup> (Brian Tyler e Danny Elfman) e Guilherme Camargo, trombonista da banda, regeu *Águas de Março*<sup>31</sup> (Antônio Carlos Jobim). Após finalizar a apresentação e guardar os instrumentos e materiais no caminhão e nos ônibus, toda comitiva da banda se juntou em um local próximo ao estacionamento dos ônibus para desfrutar do lanche coletivo. A organização do lanche deu-se através da solicitação da comissão de pais no grupo de WhatsApp da banda, na semana que antecedia o evento, para que cada componente contribuísse, levando um prato de doce, salgado, suco ou refrigerante para compartilhar entre todos. Finalizado o lanche, todos embarcaram em seus respectivos ônibus, seguindo viagem de retorno para Alvorada.

---

<sup>30</sup> Regência Desyerre **disponível em:** <<https://www.youtube.com/watch?v=TxcK2F1lzMg>>. **Acesso em:** 14 mar. 2020.

<sup>31</sup> Regência Guilherme **disponível em:** <<https://www.youtube.com/watch?v=CBiceMJ0vKl>> **Acesso em:** 14 mar. 2020.

Ao desembarcar na escola, o caminhão fretado com os instrumentos aguardava para que os componentes fizessem a descarga e, após o material descarregado e guardado, todos foram para suas residências.



Figura 35 – Banda São Marcos no 29º Festival de Bandas da cidade de São Lourenço do Sul em 18.08.19. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

No início da tarde do dia 24 de agosto de 2019, às 13h30min, a Banda São João realizou apresentação na praça de alimentação de um shopping em Porto Alegre no evento McDia Feliz<sup>32</sup>.

O shopping estava com o estacionamento lotado e, por conta disso, demorei um pouco para encontrar uma vaga e estacionar. A banda já estava executando sua primeira música quando cheguei na praça de alimentação. Nessa data, os componentes chegaram ao local de maneira individual, não havia um transporte único para leva-los, logo, os instrumentos foram transportados nos carros dos integrantes e, ao finalizar a apresentação, levados de volta à escola.

A banda tocou sentada em formação de concerto. O uniforme utilizado era traje social preto para os rapazes com gravata vermelha e terninho preto para as meninas.

---

<sup>32</sup> Campanha beneficente da empresa McDonald's com renda de lanches revertida para instituições de combate ao câncer infantil.

A apresentação durou 45min e nesse período, o grupo executou várias músicas de seu repertório popular como *Havana*<sup>33</sup>, *Get Luck*<sup>34</sup>, *Flash Dance*<sup>35</sup>, *Bad Romance*<sup>36</sup>, *Aqueles Olhos Verdes*<sup>37</sup> entre outras. A banda tocou uma música atrás da outra com, apenas, uma pausa entre a penúltima e última música quando o maestro agradeceu o convite de participação no evento. Durante a apresentação, a maioria do público que se fazia presente estava ocupando os espaços da praça de alimentação, todavia, haviam pessoas assistindo a banda próximo ao grupo, muitos, familiares dos próprios componentes. Cadeiras prateadas, iguais as usadas pela banda, foram dispostas em frente à banda para que as pessoas pudessem acomodar-se, mas a maioria delas estavam vazias porque as pessoas próximas, que assistiam a apresentação, estavam em pé.

Finalizada a apresentação, o grupo dispersou-se rapidamente. Os componentes levantaram-se de seus lugares, guardaram os instrumentos em seus respectivos cases e estojos, recolheram as estantes de partituras e, tão logo isso finalizado, dirigiram-se com seus materiais para o estacionamento. Outros, porém, foram ao encontro dos familiares que se faziam presentes no local. Terminada a apresentação, cumprimentei alguns integrantes, conversei rapidamente com o maestro e, em seguida, deixei o local.

---

<sup>33</sup> Composição de Camila Cabello, Jefferey Williams, Louis Bell, Kaan Gunesberk, Adam Feeney, Brittany Hazzard, Ali Tamposi, Brian Lee, Andrew Watt, Pharrel Williams.

<sup>34</sup> Composição de Thomas Bangalter, Guy-Manuel de Homem-Christo, Pharrel Williams, Nile Rodgers.

<sup>35</sup> Composição de Giorgio Moroder.

<sup>36</sup> Composição de Stefani Germanotta, Nadir Khayata.

<sup>37</sup> Composição de Nilo Menendez, Adolfo Utera.



Figura 36 – Banda São João no McDia Feliz. Evento realizado em um shopping de Porto Alegre em 24.08.19. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

No dia 17 de novembro de 2019, a Banda Juliana participou do 28º Campeonato de Bandas promovido pela FEBARGS em Santa Maria. A banda saiu da escola pouco antes das 9h da manhã. Os componentes foram organizados pela coordenação da banda em um ônibus e um micro-ônibus. A lista de passageiros estava com os motoristas dos transportes, então, cada componente verificava diretamente com os motoristas seu nome na lista e ingressava na condução. Fui designada a ir no micro-ônibus onde estavam quatro dos seis integrantes da coordenação da banda e alguns componentes. Nas viagens da banda, os primeiros assentos são destinados aos coordenadores e, no restante, os componentes organizam-se por conta própria. Nessa viagem, poucos familiares acompanharam o grupo.

No caminho de ida, a banda realizou uma parada em um parador localizado na metade do caminho. Após descanso de 25min, a banda seguiu viagem, chegando em Santa Maria às 13h. Ao chegarmos, seguimos para um clube da cidade onde estava sendo servido almoço para todas as corporações participantes da competição. O valor pago pelo almoço foi 10 reais e o acerto ocorreu, antecipadamente, aos coordenadores da banda juntamente com o valor do transporte.

A apresentação da banda estava prevista às 16h, então, às 14h, os componentes começaram a colocar seus uniformes e pegar seus instrumentos. O maestro organizou os instrumentistas de sopro para aquecer e afinar os instrumentos daqueles que já estavam prontos, pois às 15h, a banda deveria estar posicionada próximo a raia de apresentação. Os rapazes dirigiram-se ao ônibus e as meninas ao micro-ônibus para vestir-se. O uniforme da banda era composto por calça e túnica azul marinho, cinto branco e quepe com o emblema da banda ao centro.

A banda se apresentou em frente ao palanque onde encontravam-se autoridades do município e comissão julgadora. As músicas executadas foram *Majestia*<sup>38</sup> (James Swearingen) e *Aladdin*<sup>39</sup> (Alan Menken, Tim Rice).

A convite da coordenação da banda, auxiliei o grupo na hora de sua apresentação, colocando as estantes de partituras para os músicos e entregando as pastas com o repertório isso porque, após estarem posicionados em frente à comissão julgadora, os músicos não podem mais sair de suas posições. Como na banda não há uma comissão de pais, são os participantes da coordenação da banda que fazem o papel do “apoio<sup>40</sup>”. Para fazer parte do apoio, em competições, é necessário estar caracterizado com camiseta, casaco ou boné da banda, caso contrário, a corporação pode ser penalizada. Nesse caso, Carlos Rizzon me forneceu um boné da banda para que eu pudesse auxiliá-los.

Terminada a apresentação, todos guardaram seus instrumentos e materiais no ônibus. O maestro e os integrantes que estavam na lista do ônibus ficaram até o final do evento para presenciar a divulgação do resultado da competição. Os integrantes do micro-ônibus retornaram a Porto Alegre logo após a organização da banda. Esse procedimento de retorno dos ônibus, não mais em comitiva, é comum na Banda Juliana quando, após a apresentação, restam, ainda, algumas horas até serem divulgados os resultados.

No retorno a Porto Alegre, alguns integrantes do micro-ônibus conversavam enquanto que outros jogavam cartas. No caminho, ficamos sabendo do resultado. A Banda Juliana havia ficado em 2º lugar em sua categoria, depois de nove anos, sendo

---

<sup>38</sup> *Majestia* Banda Juliana **disponível em:** < <https://www.youtube.com/watch?v=2ku3UwqiT-o>>. **Acesso em:** 14 mar. 2020.

<sup>39</sup> *Aladdin* Banda Juliana **disponível em:** < <https://www.youtube.com/watch?v=vX7iuihcRkK>>. **Acesso em:** 14 mar. 2020.

<sup>40</sup> O termo “apoio” nas bandas escolares é destinado às pessoas que colaboraram voluntariamente, auxiliando as corporações em eventos e apresentações.

campeã ininterruptamente. O resultado não abalou o grupo que estava presente no micro-ônibus, eles agiram com muita maturidade, respeitando a decisão do júri e procurando avaliar o que tinham deixado a desejar em sua apresentação para tal resultado. O coordenador da Banda, Carlos Rizzon, disse aos presentes que a Banda Juliana deveria orgulhar-se do trabalho realizado e que a banda vencedora se empenhou muito e por isso levou o título.



Figura 37: Banda Juliana no 28º Campeonato Estadual de Bandas promovido pela FEBARGS na cidade de Santa Maria em 17.11.19. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Passados alguns dias do campeonato da FEBARGS, houve no dia 30 de novembro de 2019 o campeonato da AGB na cidade de Pinhal.

A banda saiu da escola em um único ônibus às 11h da manhã, chegando às 13h na cidade do evento. A banda não tinha um grupo de apoio pois, apenas, duas mães acompanharam o grupo, Andréa Oliveira e a mãe de uma integrante do pelotão de bandeiras que estava presente pela primeira vez. Então, Andréa me forneceu uma camiseta da banda para que eu pudesse participar do apoio.

No ônibus, os primeiros bancos foram destinados à comissão do apoio que acompanhava, ou seja, as duas mães e eu. Os materiais e instrumentos da banda foram organizados dentro do ônibus junto aos componentes e no bagageiro. Meninos e meninas sentaram separados. Na parte da frente para o meio do ônibus sentaram as meninas e, do meio para o fundo do veículo, os meninos.

Durante o deslocamento, o clima estava muito descontraído entre o grupo. Os componentes foram conversando, cantando e tocando violão e pandeiro. Ao chegarmos no destino, a banda realizou um lanche coletivo com alimentos que foram

levados pelos componentes conforme organização e solicitação de Andréa. O maestro João Camargo não participou da viagem pois ele já estava no local da competição fazia dois dias por conta de ser o presidente da AGB. Após a realização do lanche, a banda foi para o ginásio municipal da cidade, local onde as bandas poderiam realizar os últimos ajustes e ensaios antes da apresentação.

No ginásio, a banda permaneceu por 2h e durante esse tempo, o componente Douglas Ruan Moraes conduziu e organizou o ensaio até a chegada do maestro que ocorreu 30min antes da corporação deixar o local. No ginásio, Andréa passou os uniformes com ferro quente e me solicitou ajuda para fazer a barra de algumas calças e costurar outras que estavam rasgadas. Terminados os últimos ajustes nos uniformes e no ensaio, a banda foi para o local de apresentação vestindo camiseta da banda, calça preta, sapatos pretos e chapéu com penacho amarelo. Muitos componentes não tinham sapatos, então, esses foram emprestados por componentes de outras bandas minutos antes da Banda Morada do Vale se apresentar. O maestro João, sabendo que não teria sapatos para fornecer a todos componentes, solicitou o empréstimo, previamente, a outras corporações.

O horário de apresentação da banda estava marcado para 18h20min, mas houve atraso e a banda acabou apresentando-se às 19h10min. O grupo executou as músicas *Guardians of the Galaxy* (Arr: Michael Brown) e *Na Baixa do Sapateiro*<sup>41</sup> (Ary Barroso). Após a apresentação, a corporação guardou os materiais no ônibus, devolveu os sapatos emprestados e aguardou até o final do evento para o anúncio do resultado da competição. A banda recebeu o título de campeã em sua categoria.

Ao chegar na escola, apesar da solicitação de Andréa, durante o retorno, para todos auxiliarem a descarregar o ônibus, alguns componentes desceram, guardaram apenas o seu instrumento, indo embora e deixando o restante do trabalho para um pequeno grupo de componentes que guardaram e organizaram tudo na sala da banda. Auxiliei a descarregar o ônibus e quando o veículo já estava vazio, me despedi dos que ficaram e fui embora.

---

<sup>41</sup> Guardians of the Galaxy e Na Baixa do Sapateiro **disponíveis em:** <<https://www.facebook.com/BandaMoradadoVale/videos/1422007714616658/>>. **Acesso em:** 14 mar. 2020.



Figura 38: Banda Morada do Vale no 22º Campeonato Estadual de Bandas promovido pela AGB na cidade de Pinhal em 30.11.19. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

### 3.4 OS ENSAIOS

Ao longo do ano de 2019, acompanhei muitos ensaios nas bandas pesquisadas, presenciando muitas situações e momentos de descontração, conflitos, desentendimentos, reuniões, tomadas de decisões, preparação de repertório para apresentações em festival, concursos, eventos públicos e sociais, resolução de problemas, enfim, foram muitas as situações observadas. Dentre os ensaios, apresento, aqui, um de cada corporação, assim como suas organizações e conduções.

Os ensaios da Banda São Marcos ocorrem nas sextas-feiras das 18h às 20h e aos sábados das 14h às 17h. Nos encontros realizados na sextas-feiras há desfalques de alguns componentes pelo fato de estarem trabalhando ou estudando ao contrário dos sábados, quando a banda ensaia, na maioria das vezes, com o grupo completo. Os componentes, em sua maioria, respeitam o horário de ensaio, chegando na escola minutos antes de seu início. As pastas com o repertório musical ficam na sala da banda, então, os componentes recebem cópias das músicas para estudarem

individualmente. A execução musical é prioridade nos ensaios, logo, a marcha e ordem unida são ensaiadas, somente, quando a banda necessita realizar alguma apresentação que as exija.

Tarde de sábado do dia 27 de abril de 2019, cheguei à escola às 13h50min a porta da sala da banda estava fechada e só havia um menino, instrumentista do naipe de percussão, no pátio da escola. Aos poucos, os demais componentes foram chegando, mas só puderam entrar na sala de ensaios às 14h20min quando o maestro André de Oliveira chegou. Um dos componentes, ao chegar na escola, estava usando uma camiseta de seu time de futebol e foi repreendido por outro colega que disse: *Hoje é ensaio da banda, tem que vir com a camiseta da banda! Aqui, sempre se diz que dia de ensaio, sempre que possível, tem que vir com a camiseta!* Nesse momento, olhei em volta e percebi que todos estavam com a camiseta da banda.

O maestro André iniciou o ensaio, realizando exercícios de aquecimento com os integrantes do sopro que tocaram notas longas. As notas executadas eram ditadas pelo maestro enquanto que a percussão realizava uma sequência rítmica com divisão de colcheias sob a regência do maestro. Terminado esse exercício, ele propôs outra dinâmica: um percussionista criava quatro compassos, dentro de uma divisão quaternária, e os demais colegas de naipe deveriam imitar. Após finalizar os exercícios, o maestro André iniciou o ensaio do repertório musical. A primeira música executada foi *You've Got a Friend in Me* (Randy Newman). Assim que a banda começou a tocá-la, o maestro fez uma interrupção porque percebeu que os naipes de trombones e bombardinos não estavam executando a peça de forma adequada, então, ele utilizou uns 15min do ensaio para correção de alguns trechos da música com esses naipes. A segunda música foi *Bohemian Rhapsody* (Queen). Nessa música, o maestro Everson Silva sentou-se com o naipe de saxofones e tocou com eles. A terceira música foi *Believer* (Imagine Dragons). Após a execução das três músicas, o maestro André externou uma preocupação com todos. Segundo ele, havia uma apresentação da banda marcada para algumas semanas à frente e um grupo formado por componentes mais experientes não estavam participando dos ensaios. De acordo com o maestro, sua dificuldade estava no fato de que boa parte dos presentes, nessa data, eram menos experientes, apresentando dificuldades para tocar algumas músicas como as duas primeiras ensaiadas. Assim, a escolha do repertório seria um problema para a banda caso os demais componentes não comparecessem aos ensaios. De acordo com André, a apresentação em questão duraria 30min e o

grupo precisaria de no mínimo 10 músicas para executar dentro desse tempo. Mediante as palavras do maestro, alguns componentes manifestaram-se, dizendo que entrariam em contato com seus colegas, então, o maestro disse: *preciso de todos aqui!* Havia 25 componentes no ensaio.

No dia 19 de abril a banda havia completado 28 anos e em comemoração, a comissão de mães havia preparado uma festinha com bolo, velas, refrigerantes, sanduiches e biscoitos. O aniversário da banda foi celebrado no intervalo do ensaio. Todos cantaram parabéns e os dois maestros apagaram as velas. Ao finalizar a comemoração, me ofereci para auxiliar as mães que estavam guardando as mesas, toalhas, recolhendo pratos, copos e guardanapos descartáveis. Eu não havia estabelecido, ainda, uma relação de proximidade com elas e pensei ser aquele um bom momento para começar. Enquanto os maestros retornavam para a sala de ensaio com os componentes, iniciei uma conversa com as mães, elogiando a organização da festa. Passamos o restante do ensaio conversando. As mães começaram a falar sobre seus envolvimento com a banda sem mesmo eu precisar questioná-las. Uma delas informou que havia sido componente de banda em outra escola, coincidentemente, na mesma banda onde eu comecei tocando. Outra mãe disse que tinha sido componente da Banda São Marcos, então, a partir desse dia, consegui estabelecer uma aproximação com o grupo.

Na Banda Juliana, boa parte dos componentes chegam no ensaio às 14h, horário marcado para seu início, mas há alguns que chegam após e, à medida que isso ocorre, entram na sala direcionando-se para seus lugares mesmo, estando o maestro regendo alguma música. Alguns componentes levam seus filhos para os ensaios, por não terem com quem deixá-los. Nesses casos, as crianças ficam presentes na sala de ensaio entretendo-se com jogos nos aparelhos celulares de seus pais.

Durante o ensaio, o maestro prioriza a parte musical, logo, a marcha e ordem unida são ensaiadas em datas próximas da participação da banda em competições ou festivais. Os componentes não levam as pastas com as partituras musicais para casa, elas ficam organizadas e guardadas na sala de ensaio para evitar extravio do material. No decorrer do ensaio, é comum o maestro corrigir algum trecho da peça musical que não está sendo executada corretamente por algum instrumentista, ou, naipes de instrumento.

No dia 10 de agosto de 2019, véspera do dia dos pais, passei acompanhando a Banda Juliana em turno integral pois, nessa data, o grupo preparava-se para, no dia seguinte, participar do 5º Campeonato de Bandas Marciais e Fanfarras promovido pela ABMLINORTE na cidade de Xangrilá, litoral norte do estado.

Cheguei na escola às 9h10min, haviam dois componentes na sala da coordenação, sendo eles um trompetista e uma flautista. O trompetista tentava imprimir uma nova cópia de uma de suas partituras porque, segundo ele, a sua encontrava-se ilegível. A flautista demonstrava estar cansada e com muito sono, pois debruçou-se sob a mesa da coordenação. Conversando com ela, descobri que residia na cidade de São Lourenço do Sul distante 200km de Porto Alegre e que, naquela madrugada, havia se deslocado em viagem noturna de ônibus via rodoviária de sua cidade para participar da banda. Ela comentou que sempre que a banda participava de festivais ou concursos, fazia esse deslocamento para ensaiar e se apresentar com a Banda Juliana. Segunda ela, inicialmente, pernoitava na casa de um irmão que morava em Porto Alegre, mas ele havia se mudado e a partir daí, passou a ficar na casa de algum componente da banda que lhe abrigasse. Situação semelhante ocorria com outro componente que se deslocava de Caxias do Sul, percorrendo 128km de distância para tocar com a Banda Juliana. Na banda, seu instrumento é o sousafone, e, fora da Juliana, é maestro da Banda Cristóvão de Mendonza de Caxias do Sul. Confesso que fiquei impressionada com a disposição dos dois em participar da banda, voluntariamente, por conta das distancias e deslocamentos entre suas cidades e Porto Alegre.

Voltando a observar o que acontecia naquela manhã, percebi que Carlos Rizzon estava carregando vários utensílios de cozinha da sala da coordenação para o refeitório da escola, localizado no térreo do prédio, onde iria preparar um almoço para os componentes. O fogão do refeitório não estava funcionando, então, Rizzon solicitou ajuda de alguns componentes para descer o fogão da sala da coordenação, por 3 andares de escada, até o refeitório.

Nessa data não houve atividades com a escola de música. O maestro ensaiou, na parte da manhã, com os integrantes que puderam se fazer presentes dos naipes de sopro, já que muitos estavam trabalhando. As músicas que estavam sendo preparadas para o concurso eram *Aladdin* (Alan Menken, Tim Rice, Arr. John Glenesk Mortimer) e *Sinatra in Concert* (Arr. Jerry Nowak).

Na sala dos uniformes estava Maria Helena, cuidando da manutenção e organização dos uniformes para o dia seguinte. Ela andava de um lado para outro atrás de alguns componentes que precisavam experimentar e fazer ajustes em seus uniformes.

Fiquei por um tempo observando o ensaio dos instrumentistas de sopro, quando resolvi dar uma olhada no refeitório. Ao entrar, me deparei com Carlos Rizzon preparando o almoço sozinho, então, me ofereci para lhe ajudar. O cardápio do dia era carreteiro de carne, salada de tomate e pão. Rizzon havia trazido de casa a carne já cortada em cubos e, no refeitório, preparou os temperos e cozinhou. Ao meio dia todos que estavam presentes na banda dirigiram-se ao refeitório para almoçar. Durante o almoço, os componentes conversavam entre si. Terminado o almoço, Rizzon reorganizou o refeitório e solicitou auxílio de alguns componentes para levar o fogão da banda de volta à sala da coordenação. Após colocar tudo no lugar, ele foi realizar a furação de alguns cintos brancos que fazem parte do uniforme da banda. Os componentes utilizam esse cinto por cima da túnica e, segundo Rizzon, em cada apresentação, é necessário ajustar vários cintos porque alguns componentes aumentam ou diminuem suas medidas.

No período da tarde, a banda realizou ensaio no saguão da escola em formação de concerto, ou seja, todos tocando parados, em pé, como se estivessem na frente da comissão julgadora. O mór da banda ensaiava os movimentos e ordens de comando de voz, incessantemente, com o pelotão de bandeiras, repetindo várias vezes os movimentos a serem executados no dia seguinte. Após a banda repassar as músicas várias vezes e o maestro realizar correções na execução, os músicos deslocaram-se para o pátio da escola para realizar o ensaio de marcha e ordem unida com o mór e pelotão de bandeiras que já estavam lá. A banda tocou *Officer of the Day* (Robert Browne Hall) e *Washington Post* (John Philip Souza) músicas de marcha para entrada e saída da banda no concurso. Estavam presentes nesse ensaio 35 pessoas entre músicos, mór e pelotão de bandeiras. Os músicos estavam distribuídos entre os naipes de trompetes, trombones, trompas, clarinetes, flautas transversas, sousafones, fagote, saxofones, bombardinos e percussionistas.

Na Banda São João, o ensaio geral ocorre todas as sextas-feiras das 19h às 20h30min. Nas segundas e quartas, no mesmo horário, o maestro Renato Dall Ago realiza ensaios de naipes para reforçar algumas passagens musicais.

No decorrer dos ensaios observados, o maestro poucas vezes realiza interrupções para realizar alguma correção, parte disso, deve-se ao fato da banda contar com músicos bastante experientes. Uma boa parcela do grupo já está junto há mais de 20 anos, tendo, inclusive, componentes com 40 anos de banda. A experiência do grupo é percebida através da emissão sonora que o coletivo produz, os componentes buscam por precisão técnica na emissão do som e nas dinâmicas que a partitura musical exige. O maestro também colabora para que tudo saia da melhor maneira possível, enviando as partes musicais para os componentes estudarem através de partituras e áudios produzidos por ele.

No ensaio do dia 30 de agosto de 2019, realizado no auditório da escola, a banda se preparava para realizar uma apresentação em comemoração à semana da pátria em outra cidade. O ensaio iniciou às 19h25min com a música *Love's Theme* (Barry White). Essa música já faz parte do repertório da banda há muitos anos, mas mesmo assim, o maestro interrompeu sua execução, dizendo que ela não estava sendo executada no andamento de marcha. Ao retoma-la, alguns músicos, mesmo estando sentados, começaram a movimentar seus pés como se estivessem marchando. Os componentes da percussão, que estavam em pé, também, começaram a marchar parados (marcando passo) em seus lugares. A segunda música ensaiada foi *Swat* (Barry De Vorzon) e da mesma forma como na primeira, os músicos marcavam o tempo da marcha com os pés. A terceira música foi *Semper Fidelis* (John Philip Souza) durante sua execução, o maestro parou o ensaio algumas vezes para corrigir as finalizações de frases da percussão e do naipe de trompetes que não estavam corretas, segundo ele. Após as devidas correções, o ensaio seguiu com o seguinte repertório: *Washington Post*, *Guile's Teme* (Yoco Shimomura), *Esporte Espetacular* (Keith Mansfield) e *Tema da Vitória* (Eduardo Souto Neto).

Antes de finalizar o ensaio, Renato pediu para que todos os componentes ficassem em pé e se posicionassem em formação marcial, ou seja, um atrás do outro em filas. Nesse ensaio estavam presentes 17 componentes, então, o maestro queria verificar quantas fileiras a banda iria montar para realizar o desfile devido ao número de integrantes presentes. Alguns componentes informaram que outros não puderam estar no ensaio, mas iriam na apresentação. Após conversarem sobre o assunto, e realizarem os últimos acertos, o maestro encerrou o ensaio.

Na Banda Morada do Vale, os ensaios ocorrem aos sábados das 18h às 20h. A definição desse horário é decorrente do fato de que muitos componentes trabalham

aos sábados, fazendo o deslocamento do trabalho para banda. Normalmente, o maestro cede alguns minutos de tolerância por conta dos componentes que tem dificuldade em chegar no horário, contudo, a partir das 18h, o maestro inicia o trabalho com os presentes.

Nos ensaios que observei, inicialmente, o maestro realiza correções de alguma passagem musical com os naipes, ou, repassa instruções referente a alguma peça musical que será ensaiada. Durante o ensaio, mesmo assim, é comum que sejam realizadas paralizações da regência para corrigir trechos musicais individuais, principalmente, quando se trata de algum repertório novo, nesses casos, por vezes, os naipes dividem-se para estudar seus trechos isoladamente. Nesses momentos, João Camargo auxilia um ou mais músicos na sala da banda enquanto que os componentes que possuem mais experiência, também, auxiliam os colegas com dificuldades em outros espaços da escola. Os momentos individuais duram o tempo que o maestro julgar necessário para realizar as correções, retomando o ensaio com todos, posteriormente.

As pastas de ensaio são encadernadas e permanecem na sala da banda para evitar extravio. Os componentes recebem via e-mail, ou, através do grupo de WhatsApp, cópias de suas partes para estudarem individualmente.

No ensaio do dia 26 de outubro de 2019 às 18h, haviam apenas cinco componentes na sala da Banda Morada do Vale: 3 saxofones, 1 trompete e 1 sousafone. No ginásio da escola ensaiavam mais cinco componentes do pelotão de bandeiras. A partir das 18h20min, começaram a chegarem os demais componentes. Na ocasião, a banda preparava o repertório para participação no 22º Campeonato de Bandas, sendo promovido pela AGB, que se realizaria no final do mês seguinte. Nessa data, a banda dedicou-se a ensaiar somente duas músicas: *The Guardians of Galaxy* e *Treasure*<sup>42</sup>. O maestro fez várias correções durante o ensaio, observando erros de divisão rítmica, problemas de emissão de notas erradas, compassos fora do tempo, problemas de andamento e solicitou várias vezes para que alguns naipes executassem suas partes individualmente. A primeira peça exigia mais concentração dos componentes por ter maior dificuldade de execução em relação a segunda, então, o maestro a dividiu em três partes. Ele ensaiou com o grupo uma parte por vez e só

---

<sup>42</sup> Composição de Bruno Mars, Philip Lawrence, Ari Levine, Phredley Brown, Thibaut Berland, Christopher Khan.

passava para a seguinte, após o grupo já ter conseguido tocar a parte proposta. Assim, no final do ensaio, João conseguiu fazer com que a banda tocasse a peça musical do início ao fim. Os componentes ficaram felizes e satisfeitos por terem conseguido tocar toda música de maneira coletiva.

## 4 “MUNDO MUSICAL DAS BANDAS ESCOLARES”: CARACTERÍSTICAS

### 4.1 MUNDO ARTÍSTICO, MUNDO MUSICAL E BANDAS ESCOLARES

Para as pessoas que estão envolvidas no “mundo musical das bandas escolares”, esses grupos acabam representando muito mais do que um espaço para o fazer musical ou um espaço para os processos de ensino e aprendizagem musical. O termo “mundo musical das bandas escolares” parte da ideia de “mundo artístico” de Becker (1977, p.9), “um mundo artístico será constituído do conjunto de pessoas e organizações que produzem os acontecimentos e objetos definidos por esse mesmo mundo como arte”. O mundo artístico está dentro daquilo que o autor definiu como “mundos da arte”:

São constituídos por todas as pessoas cujas atividades são necessárias à produção das obras que esse mundo, bem como outros, define como arte. [...] A questão aqui não se prende em traçar uma linha de demarcação entre um mundo da arte e o resto da sociedade, mas sobretudo como assinalar grupos de indivíduos que cooperam tendo em vista a produção de coisas que, pelo menos para eles, são aceites como arte (BECKER, 2010, p. 54).

A ideia de “mundo”, proposta por Becker (2010, p. 304),

Contém pessoas, todo o tipo de pessoas, que estão a fazer alguma atividade que lhes exigem que prestem atenção umas às outras, que tenham em consideração a existência dos outros e que ajam tendo em conta o que os outros fazem.

O termo “musical” é adicionado ao “mundo” a partir de Finnegan (2007), que chamou de “mundos musicais” as diferentes características e práticas encontradas nos grupos musicais considerados em sua pesquisa na cidade inglesa de Milton Keynes. A autora, também, utiliza a noção de “mundo” a partir de “mundos da arte” de Becker. Nos “mundos musicais” de Finnegan (2007), cada um dos grupos

pesquisados constituía uma história e seguia um caminho musical percorrido por pessoas dos próprios bairros onde estavam inseridos ou por pessoas de outras localidades. Já o “mundo da banda” proposto por Reily e Brucher (2013, p.4, tradução nossa), “constitui um espaço para a redefinição de sensibilidades e identidades estéticas, dada sua capacidade de situar repertórios e práticas nos ambientes sociais em que são encontrados”. Concordamos com Reily e Brucher (2013), e acrescentamos ao “mundo musical das bandas escolares” que as pessoas envolvidas nesse “mundo” acreditam que o trabalho em conjunto reflete na vida dos envolvidos, contribuindo com a formação identitária do indivíduo e do grupo, agregando valores e ensinamentos que farão parte da vida de cada um.

No “mundo musical das bandas escolares” muitas crianças e jovens aprendem sobre trabalho coletivo e alguns descobrem, ainda, uma possibilidade de carreira profissional como músico. Segundo relatos dos próprios maestros, os integrantes aprendem a cumprir regras, respeitar limites e a desenvolver trabalho em equipe. Certamente, as bandas fornecem caminhos para aprender muitas habilidades não musicais e normas sociais necessárias para negociar relacionamentos dentro de conjuntos individuais e além (REILY; BRUCHER, 2013, p.25, tradução nossa). Nas bandas escolares, observa-se que acaba por ocorrer uma certa “seleção natural”, pois aqueles indivíduos que não conseguem se adequar as normas estabelecidas, acabam por deixar o grupo. No entanto, indivíduos que, a princípio, interessaram-se pela banda apenas pelo fato de fazer e aprender música, deparam-se com um contexto maior no qual acabam por envolver-se em um meio social exigente.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, os maestros, componentes e coordenadores ressaltaram algumas “funções” das bandas enquanto grupos sociais como Vagner Maserá, componente da Banda São Marcos e maestro da Banda Mario Quintana de Alvorada:

Pra mim, a banda foi uma mudança. A banda em que comecei, na Escola Mario Quintana, lá em Alvorada, fica numa região bem da periferia, então, nós não tínhamos contato com instrumento. A música que se tinha era a que se ouvia no rádio. Eu tinha 13 anos quando entrei na banda e, hoje, toda a minha vida é voltada para as bandas. Banda escolar foi muito importante pra mim e eu tento fazer ser importante para outras crianças e outras pessoas também. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, Vagner Maserá, 16.12.19).

Já para Renato Dall Ago, maestro da Banda São João:

Eu acho que é uma oportunidade de ser, enquanto ainda jovem, estudando numa escola, uma atividade extra curricular bem interessante e que abre possibilidades para uma nova micro sociedade porque não só na parte da música, mas, também, tem a parte do convívio com as outras pessoas, o respeito, a disciplina. Então, tu tens que se adaptar a essa sociedade, conviver e até cativar amizades que duram para a vida inteira. É uma oportunidade de crescimento pessoal, não só na parte musical, porque todo mundo está lá por causa da música, mas acaba tendo esses vínculos que são saudáveis. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, Renato Dall Ago, 16.12.19).

Para Douglas Ruan Moraes, componente da Banda Morada do Vale:

Banda escolar é a base porque é dali que tu vai ter um contato social de amizade a tua profissão. Eu acho que todo mundo que já passou por banda, por mais que não tenha seguido na música, vai ter lembranças para o resto da vida, lembranças positivas, e isso influencia muito na formação de caráter da pessoa, do ser humano. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, Douglas Moraes, 16.12.19).

Na percepção de Rakel Dutra, componente da Banda Juliana:

Eu acho que a banda é super importante, principalmente, por causa das lembranças. É uma oportunidade de inclusão social dos jovens, podendo ter uma boa educação através do meio artístico. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, Rakel Dutra, 16.12.19).

André de Oliveira, maestro da Banda São Marcos, disse que:

A função da banda é ensinar o jovem, a criança, a ter um espírito de grupo, um espírito de congregação, de amizade, de apoio, de suporte. Não o espírito de egoísmo como se vê em muitas crianças por aí que não dividem nada. Na banda, tu és obrigado a dividir, a compartilhar, a ajudar, na banda tu não faz sozinho as coisas, tu precisas de alguém pra fazer junto e isso é fundamental nas bandas. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com André de Oliveira, 24.03.18).

Outro colaborador, que não será identificado, contribuiu com suas percepções dentro do que observou ao longo de seu percurso dentro da banda da qual faz parte:

Estou na banda há anos e muito daquela coisa de certo e errado eu aprendi aqui, trouxe pra minha vida daqui. A música é uma das formas de trazer as pessoas pro lado do bem, mostrar o caminho correto das coisas. A música traz tranquilidade, paz de espírito. Vou te dizer que muitos que passaram por aqui, se não tivessem passado, hoje, estariam presos ou mortos porque nós tínhamos uma sociedade que não favorecia, mas, hoje, são pessoas muito bem sucedidas e agradecem pelo valor e importância que isso aqui foi para a vida deles. A banda faz um papel que muitas vezes o estado deixa de fazer e a gente encontra aqui. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Colaborador 1, 24.07.19).

O maestro João Camargo, que está à frente da Banda Morada do Vale, comentou sobre o que ele conseguiu identificar sobre o papel da banda na vida social dos jovens em duas décadas de trabalho:

A banda, hoje, é o movimento mais agregador que a gente tem porque na banda tu vai pegar um cara de uma família X, tu vai pegar um cara de uma família Y, tu vai pegar um cara de uma família com uma situação financeira um pouco mais baixa, tu vai pegar um cara de uma situação financeira um pouco mais alta e tu vai colocar todos eles no mesmo grau de importância, além das outras coisas né? Estímulo ao estudo. O cara vai pra banda e é tímido, vai aprender a se portar perante os outros, vai ter que ser melhor articulado porque ele está em grupo, então, vai aprender a falar mais fácil, vai ter que se comunicar melhor e isso tudo dentro da escola, dentro da funcionalidade que a gente tem, isso agrega muitos valores para vida dele. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, João Camargo, 16.09.19).

Assim, no “mundo musical das bandas escolares” teremos relacionamentos que poderão contribuir para o crescimento do indivíduo a partir dos caminhos pelos quais cada um decidir seguir. Identifica-se que os componentes das bandas além de estarem ligados pela música, fazem parte de algo onde podem compartilhar emoções, conhecimentos e práticas sociais.

## 4.2 AS BANDAS E AS COMUNIDADES: O BAIRRO E A ESCOLA

Diferentemente do que ocorria nas décadas de 1960, 1970, 1980 e até mesmo nos anos de 1990 no Rio Grande do Sul, quando as bandas ensaiavam nas ruas e nos arredores de suas instituições de ensino, a partir dos anos 2000, as bandas ficaram mais reclusas em suas escolas, seja por questões de mobilidade urbana, seja por questões de segurança. Esses fatores, no entanto, não significam que as pessoas no entorno das escolas não conheçam as bandas e não apreciem o trabalho que é realizado por elas. Carlos Rizzon relatou como era a relação das pessoas que residiam próximo a Escola Júlio de Castilhos na década de 1960, e como a Banda Juliana é percebida, atualmente. Nessa passagem, ele comentou sobre a arrecadação de dinheiro com o livro ouro<sup>43</sup> da banda:

Quando nós tínhamos que comprar instrumento, eu saía com o livro ouro nesses edifícios da redondeza, eu fui a todos. Nós saíamos com o livro a pedir dinheiro. Eu ia em edifício por edifício, entrava nos apartamentos, ganhei muito dinheiro pra banda com o livro. O pessoal apreciava muito a banda e colaborava com a banda. Hoje, eles desconhecem a banda porque a banda não saiu mais do colégio. E por que a banda não saiu mais do colégio? Porque não pode sair, então, a banda fica enclausurada. Só ouve a banda quem mora aqui perto e nós já ouvimos muitos elogios dos vizinhos porque é música de boa qualidade. Em geral, é muito bem aceito. Quando o pessoal vê a banda, o pessoal gosta. Só que a banda, hoje, tem essas restrições aí de ordem de mobilidade pública. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Carlos Rizzon 18.08.18).

Na Banda Morada do Vale, no ano de 2017, foi organizado um desfile pelo bairro para comemorar os 20 anos de trabalho da banda com a presença de ex-integrantes. Douglas Ruan Moraes, componente da banda, lembra como foi a recepção das pessoas pelas ruas onde a banda desfilou:

Mesmo a gente não tocando mais aqui na volta, o pessoal se lembra da banda. A banda tem uma aceitação, é a banda do CIEP Morada do

---

<sup>43</sup> O livro ouro era um caderno utilizado pela banda para recolher assinaturas e donativos financeiros em benefício da banda.

Vale. Quando a gente fez o desfile, parou a Morada do Vale, ninguém esperava. Quando a banda arrancou lá da avenida e a gente veio tocando, tinha gente que chorava na rua e a gente não sabia o motivo, depois, vieram falar: ah, isso me lembra dos desfiles que a banda fazia! Então, a comunidade gosta muito da banda. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Douglas Ruan Moraes 20.07.19).

Vejamos outro caso, na Banda São Marcos, o grupo é regularmente convidado pela escola para tocar na Feira São Marcos<sup>44</sup> que ocorre mensalmente no largo da prefeitura de Alvorada no centro da cidade. Em duas dessas apresentações, pude acompanhar a banda, sendo uma no mês de junho e a outra no mês de agosto de 2019. Nas duas ocasiões, a banda deslocou-se da escola até o local em um ônibus escolar cedido pela prefeitura. Na primeira apresentação, a banda tocou no período da manhã e na segunda, à tarde.

A apresentação do mês de junho ocorreu em uma manhã fria, tempo nublado com ocorrência de chuvisqueiros repentinos mas, mesmo assim, muitas pessoas circulavam pelo local fosse para prestigiar a feira ou por estarem de passagem. No semblante de muitas pessoas percebia-se uma surpresa por ver uma banda tocando. Algumas pararam para assistir à apresentação da banda, outras, prestigiavam um pouco e seguiam seu rumo, algumas, faziam fotos e vídeos. As crianças olhavam admiradas e passavam apontando seus dedinhos para a banda. Nessa ocasião, passava pelo local um dos pais fundadores da banda que ficou emocionado ao ver a banda tocando. Ele foi cumprimentar os maestros, então, André de Oliveira aproveitou o momento para fazer uso do microfone e apresenta-lo a todos os presentes.

Na apresentação do mês de agosto, a receptividade do público foi semelhante, mas atentei para observar a reação das pessoas que passavam e paravam em frente ao local dentro de coletivos urbanos, já que havia uma parada de ônibus em frente ao espaço onde a banda realizava sua apresentação. Dentro dos ônibus, as pessoas levantavam de seus assentos, abriam as janelas e apreciavam a apresentação por alguns instantes. Nessa data, transitava pelo local outro pai que havia sido membro

---

<sup>44</sup> A feira conta com programações de pelo menos um sábado por mês na Praça Leonel Brizola, junto a prefeitura. Participam pessoas da comunidade luterana São Marcos e artesãos da cidade de Alvorada. Os segmentos atendidos vão desde artesanato, moda, acessórios, alimentação, decoração, cosméticos e até serviços. Informações **disponíveis em:** < <https://www.facebook.com/FeiraSM/> > **Acesso em:** 15 mar. 2020.

da comissão de pais anos atrás e, da mesma forma como ocorrido em junho, o maestro André fez questão de fazer uso do microfone para apresenta-lo a todos.

A interação entre bairro e banda acontece, também, na Banda São João que tem como vizinha uma igreja católica que leva o mesmo nome, Igreja São João. A igreja realiza festividades, anualmente, para comemorar a data de 24 de Junho, dia de São João. Nas comemorações é comum a banda realizar apresentações no bairro, a convite da igreja, como relatou o maestro da banda Renato Dall Ago:

No bairro São João tem a igreja próxima ao colégio e a banda é sempre convidada pela igreja para recepcionar a procissão no dia da festa. Então, a banda toca algumas músicas e é bem interessante e comovente de estar tocando para a própria comunidade, não ficar só dentro das paredes do colégio. A gente, sempre depois da apresentação, é interpelado por alguma pessoa que diz: eu toquei na banda, ou, então, meu pai tocou na banda, ou, meu filho tocou na banda, enfim, onde vocês vão se apresentar de novo? Quando vai ter de novo? Isso é uma coisa que nos comove bastante. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, Renato Dall Ago, 16.12.19).

Nas décadas de 1970 e 1980 a Banda São João era mais próxima da comunidade na zona norte de Porto Alegre pois eram, frequentemente, convidados a se apresentar na inauguração de vários comércios locais, parques e shoppings como relatou Fernando Noronha, mór da Banda São João desde 1978:

A banda era uma coisa que fazia parte da comunidade do bairro São João e da Zona Norte de Porto Alegre. Muitos ensaios da banda se faziam na rua com a banda marchando nos quarteirões das imediações da escola. A comunidade participava, se sentia incluída e a banda incluía a comunidade. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Fernando Noronha 11.05.18).

A partir desses e de outros relatos, foi possível perceber que as bandas são bem recebidas por suas comunidades nos bairros onde suas escolas estão inseridas, mas mesmo assim é possível que ocorram alguns conflitos que envolvam a escola, a banda e vizinhos próximos como apontou o maestro André de Oliveira da Banda São Marcos:

De um modo geral, as pessoas participam e gostam das bandas, mas claro que, pontualmente, nós temos problemas, principalmente, com vizinhos. Nas escolas que estão no meio de bairros, os vizinhos não aceitam o som que vem das bandas e isso é um problema grave e sério de conscientização da população de não entender que essa é uma forma de expressão muito importante. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, André de Oliveira, 16.07.18).

Nessas questões de conflito entre vizinhos e banda, a escola pode fazer o papel de mediadora para tentar resolver o impasse ou decidir abster-se da situação, procurando maneiras de remediar o problema sem que sua reputação seja prejudicada por conta da banda. Nesse caso é possível que a banda venha a ser afetada, podendo desencadear uma situação desagradável entre banda e escola onde, de um lado há a ponta mais “forte”, a escola, e de outro, a ponta mais “fraca”, a banda. A necessidade da banda em permanecer na instituição fará com que ela aceite a decisão imposta pela escola. Essa relação de forças pode ser pensada a partir da ideia de Bourdieu (2008), sobre “campo de forças” e “campo de lutas”,

Cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou transformação da sua estrutura (BOURDIEU, 2008, p.50).

No intuito de melhor exemplificar essa relação de “forças” entre banda e escola vejamos o seguinte caso ocorrido na Banda São João. Um vizinho abriu uma ação judicial contra a escola por conta do som promovido pelos ensaios da banda. Ocorre que a banda ensaiava sempre no mesmo horário e local há 50 anos, uma sala destinada à banda para realização de ensaios e organização de materiais e instrumentos (sala da banda). Essa sala localizava-se dentro das dependências da escola cuja parede externa ficava em uma área próxima à residência desse vizinho. Com a reclamação, a escola optou por proibir a banda de ensaiar em sua sala e, também, de ensaiar no pátio da escola. A banda tentou argumentar com a escola, mas não obteve sucesso. A escola, então, decidiu que a banda ensaiasse no auditório que se encontra em outro prédio dentro de suas dependências, porém longe da divisa

da residência desse vizinho. Por conta disso, em todos os ensaios, os músicos precisavam buscar os instrumentos, estantes de partituras e todos os materiais na sala, levar para o auditório e fazer o processo inverso no final do ensaio.

A proibição na utilização da sala da banda afetou as crianças que frequentam as aulas da escola de música. As crianças não podem utilizar a sala da banda, então, o professor Renã necessita fazer um translado dos materiais dentro da escola.

No final da tarde de uma sexta-feira, cheguei à escola no exato momento em que o professor Renã estava dentro da antiga sala da banda, separando os instrumentos e estantes de partitura que iria utilizar com seus alunos, sendo eles cinco trompetes, um bombardino e a bateria. Renã colocou todos os instrumentos do lado de fora da sala e comentou que pediria a ajuda das crianças para carregar os materiais a medida que eles fossem chegando, antes porém, ele teria que verificar qual local poderia levar as crianças, pois a sala que ele normalmente vinha ocupando seria utilizada naquele dia. A sala que, normalmente, era utilizada por ele, é a mesma sala onde ocorrem as aulas curriculares de música da escola. Essa fica situada no terceiro andar de outro prédio. Assim, ele dirigiu-se ao local onde costumava ensaiar para verificar qual sala estaria disponível para uso. Passados uns 15min, Renã conseguiu uma sala ao mesmo tempo que seus alunos começaram a chegar dirigindo-se para a sala onde estavam acostumados a comparecer. Então, o professor informou que teriam que usar, naquele dia, outro espaço, uma sala de aula com classes e cadeiras e que para tanto, teriam que se adaptar ao local antes, porém, deveriam descer até o outro prédio para lhe auxiliar a carregar os materiais que já estavam separados. No prédio não havia elevador, então, era necessário subir com todos os materiais pela escada até o segundo andar. Passados 20 minutos do horário que deveria ter iniciado o encontro com as crianças, todos estavam exaustos pelo translado de subir e descer escadas com os materiais. Após o carregamento dos materiais, ainda era preciso empurrar classes e cadeiras para montagem da bateria e organização do grupo. O ensaio com as crianças começou com quase 30 minutos de atraso. O professor Renã comentou que a dificuldade de não terem uma sala para ensaio com as crianças dificultava o trabalho porque em todos os encontros havia o translado e com isso, as crianças ficavam cansadas e desmotivadas.

Com relação ao fato da banda não poder mais ocupar seu espaço, alguns componentes da banda manifestaram-se. A fim de preservar suas identidades, seus nomes não serão revelados:

O vizinho alegou que a banda atrapalha ele, essa sala aqui a gente usa desde que a banda foi fundada e agora a gente não pode usar. Ele mora aqui e nunca teve problema, agora, do nada, ele entrou na justiça. Daí, a direção do colégio, para evitar atritos, não fez defesa na justiça e fizeram um acordo, proibindo a banda de ensaiar na sua sala. A gente propôs para a escola fazer um isolamento acústico, mas nenhuma das opções que demos para a escola foi aceita. Então, a gente é nômade, quando não dá para usar o auditório, a gente tem que ir pra outra sala e sempre tendo que carregar tudo. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Colaborador 2, 23.08.19).

Com relação ao assunto outro colaborador disse que:

Às vezes nos perguntam: por que vocês não saem da escola? Só que no momento que a gente sair, a gente perde a identidade, nós somos a banda da escola, eles nos dão o espaço. Mal ou bem é o espaço que a gente usa. A escola paga o maestro coisa que nós não teríamos como pagar, mas não vejo um futuro promissor nessas circunstâncias. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Colaborador 3, 10.09.19).

Devido ao ocorrido e a partir de uma nova situação que lhe foi imposta, a banda necessitou adaptar-se à nova situação a fim de permanecer na escola. Becker (2010), a partir da obra *Mundos da Arte*, aponta questões sobre conflitos existentes a partir de queixas relacionadas a produção sonora de músicos:

Os cidadãos podem queixar-se de que o trabalho de um artista interfere com o livre e legítimo exercício dos seus direitos e apresenta queixas contra o artista em questão. Muitas queixas são resultado de desconforto físico e de várias contrariedades. Uma delas é a de que os músicos que ensaiam durante várias horas incomodam os vizinhos. [...] Perante a lei, esses artistas são comparados aos poluidores industriais e passíveis das mesmas sanções. A diferença entre os artistas e os industriais, não reside na natureza do delito, mas nos meios de defesa que dispõem. (BECKER, 2010, p. 161).

Após essa passagem e, a fim de se chegar a um acordo entre as partes, são descritos pelo autor algumas soluções para resolução do conflito como o pagamento de indenização para os reclamantes ou uma reestruturação no local de ensaio. No

caso da Banda São João, a escola optou por remover a banda de seu espaço e eliminar o conflito com o vizinho.

Observa-se nas bandas pesquisadas, de uma forma geral, que as escolas se limitam apenas a ceder os espaços físicos para que as corporações ensaiem e guardem seus materiais e, em alguns casos, pagam o salário dos maestros. Em contrapartida, as bandas levam o nome da instituição por todos os locais e espaços por onde circulam seja dentro da própria cidade, no estado ou fora dele. Nas quatro corporações foi verificado que as escolas não contribuem com qualquer parcela de incentivo financeiro para manutenção dos grupos. Após realizada uma pesquisa nos sites das instituições privadas, observou-se a figura da banda como um atrativo, uma atividade complementar para promover a instituição. Já no caso das instituições públicas, a banda ao retornar de campeonatos com troféus pelas conquistas obtidas, os mesmos são expostos no saguão das escolas, na sala de professores, sala da direção, uma exposição dos frutos que a banda conquistou sozinha. É sabido que as escolas públicas não recebem verbas para investimento nas bandas, e que o sistema público de ensino enfrenta muitas dificuldades, mas parece que as bandas estão órfãs dentro de suas próprias instituições.

Através de relatos dos participantes das quatro bandas, apurou-se que a escola (direção, professores, funcionários e alunos que não participam da banda), muitas vezes, desconhecem o trabalho que é realizado pelas bandas, muitos indivíduos, inclusive, nem sabem da existência da banda dentro da instituição, ou, não se interessam em saber. Na Banda Juliana, em visita realizada em um ensaio no mês de abril de 2019, estava na sala da coordenação da banda em companhia do maestro Vainer, Renato Carvalho Rizzon e Mastra quando entrou na sala um casal acompanhando seu filho. Eles se apresentaram e disseram que o motivo de suas presenças era devido ao fato de seu filho ter interesse em tocar na Banda Juliana. Segundo informações da mãe, o menino tinha experiência porque havia tocado em uma banda na cidade onde residiam, anteriormente, no interior do estado. O garoto segurava um trompete em mãos, então, Vainer pediu para que ele tocasse algo a fim de ouvi-lo. Após a execução do menino, a mãe comentou que ele estava muito ansioso para voltar a tocar pois desde que chegaram de mudança à Porto Alegre, procuravam uma banda. Ela seguiu dizendo que havia entrado em contato, via telefonema, com a Escola Júlio de Castilhos no ano anterior, mas haviam dito a ela que não havia banda na escola. O maestro, nesse momento, ficou espantado e disse: *O que? Você tem*

*certeza disso? A mãe confirmou: Sim, liguei pra cá ano passado e me disseram que não tinha banda aqui.*

Muitos participantes das bandas escolares manifestaram-se, ao longo da pesquisa, em relação aos seus descontentamentos com suas instituições de ensino. Sem identificar o nome dos colaboradores e das corporações, vejamos alguns. Com relação ao conhecimento da direção sobre os espaços que a banda ocupa na escola:

A administração anterior aqui na escola queria nos tirar espaço, mas ela não tinha a mínima noção do espaço que nós tínhamos, porque ela nunca foi lá. Nos dois anos em que ela ficou aí, ela nunca foi lá olhar a banda, daí, queriam ocupar os espaços ociosos da escola e teriam dito pra ela que a banda ocupava dez salas. Ela não se dignou nem a subir lá para olhar, ela me passou uma mensagem perguntando: quantas salas a banda ocupa? Ou seja, ela não tinha a mínima noção, nunca se interessou. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Colaborador 4, 14.09.19).

No que se refere a fornecimento de auxílio financeiro para manutenção de material:

A escola poderia apoiar mais a banda, por exemplo, as nossas bandeiras, foi pedido pra direção uma ajuda para adquirir bandeiras novas e a direção disse que não tinha verba. A gente vai ter que pedir emprestado para alguém porque as nossas bandeiras estão desbotadas. Eu acho, também, que a escola poderia incentivar mais os alunos a participar da banda. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Colaborador 5, 26.10.19).

A aproximação entre escola e banda:

Acho que a escola poderia apoiar mais a banda e até mesmo aproximar a escola da banda e a banda da escola porque são coisas bem afastadas uma da outra. Eu não sei o que acontece, a direção da escola apoia nas questões dos espaços. Às vezes, a gente vai para um campeonato e cada um paga a sua parte e eu penso: poxa, nem o ônibus? Quando a banda volta com troféu a escola pública nas redes sociais. Será que a escola não conseguiria bancar o ônibus ou pelo menos ajudar nos custos? (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Colaborador 6, 29.10.19).

## A banda enquanto vitrine:

A escola tem um produto pronto que não sabe aproveitar, se eles soubessem a importância que tem a banda e como as pessoas nos veem fora daqui. Ficam inventando coisas e outros grupos para fazer marketing e os caras tem o produto e não sabem aproveitar, mas já teve outros ciclos. Conforme muda a direção, cada um tem um olhar, uns apoiaram a banda e outros não. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Colaborador 1, 24.07.19).

As bandas acabam organizando-se dentro de suas escolas, criando “espaços” com suas regras, buscando recursos financeiros para sua sobrevivência e manutenção, divulgando seu trabalho através de mídias sociais, levando o nome da escola e usufruindo de sua infraestrutura ao mesmo tempo que se tornam independentes. A independência não é total porque seu nome está atrelado ao da escola e é dentro de suas dependências que se preparam para aparições externas. Nessa “independência” das bandas, é possível que ocorra um distanciamento entre banda e escola pelo fato de que a banda não se apropria do ambiente escolar em sua vida diária. Esses distanciamentos podem trazer consequências negativas para as bandas, desencadeando dificuldades internas. Vejamos o caso de cada uma das bandas: a Banda Juliana ensaia aos sábados e raramente algum professor ou aluno está pela escola nesse dia, a mesma situação ocorre com a Banda Morada do Vale. Na Banda São João, o ensaio geral acontece sexta-feira à noite, nesse horário, em minhas visitas, só encontrei circulando pela escola alunos que participam de alguma atividade extra classe disponível na escola naquele horário.

No caso dessas três bandas, percebeu-se que esses grupos não são vistos pela comunidade escolar (pais, alunos, professores e corpo diretivo). Já no caso da Banda São Marcos ocorre o contrário, há uma aproximação maior da escola com a banda. A banda realiza seu ensaio fora do horário de circulação dos alunos, mas a banda, todos os anos, é convidada pela escola para tocar no início do ano letivo com o intuito de recepcionar os alunos e familiares. No final do ano, a banda se apresenta nas cerimônias de formatura dos alunos e, no decorrer do ano, há inserções da banda em eventos da escola como festa junina, apresentações natalinas ou em alguma outra situação em que a escola a convide. Assim, a banda é vista pela comunidade escolar.

Nas quatro bandas pesquisadas uma das preocupações dos maestros e coordenadores para manter seus grupos ativos e promover a renovação dos músicos está na falta de interesse dos alunos matriculados na escola em participar das corporações. Essa preocupação ocorre porque é comum que, anualmente, alguns componentes deixem de participar das bandas por conta de questões familiares, ingresso no mercado de trabalho, mudança de cidade ou início de uma carreira acadêmica. Logo, toda preocupação dos maestros não é em vão, pois se há pouco interesse por parte dos alunos que estão próximos as bandas, esse interesse será ainda menor por parte das pessoas que estão fora do contexto escolar.

A falta de interesse dos alunos pode estar relacionada a muitos fatores como: questões de ordem e disciplina impostas pelas bandas, podendo provocar receio nos alunos, variedade de distrações promovidos pelo acesso às tecnologias e mundo virtual, ou, simplesmente, pelo fato de não conhecerem a banda escolar. Através de relatos dos próprios envolvidos nas bandas, verificou-se que boa parte dos alunos matriculados das escolas não conhecem a banda. O motivo pode estar atrelado ao fato das bandas ensaiarem ou circularem pela escola em horários em que os alunos não estão presentes. Dessa forma, talvez fosse necessário, atualmente, haver uma maior aproximação entre a banda e a comunidade escolar.

Nas décadas de 1960 e 1970 as bandas tocavam nas proximidades de suas escolas e dentro de suas dependências, sendo mais próximas da comunidade escolar. A partir dos anos 1990 e, principalmente, a partir dos anos 2000, essa visibilidade foi diminuindo e com isso, o número de componentes nas bandas foi caindo. Observou-se entre as quatro bandas pesquisadas, entre os anos de 2018 e 2019, que a Banda São Marcos concentrou o maior número de componentes oriundos da própria escola com um percentual aproximado de 85%, um número muito elevado se comparado às demais. As Bandas Juliana e São João, em 2019, contavam com apenas um aluno da escola enquanto que, a Banda Morada do Vale, com oito. Considerando que cada uma dessas corporações possui em média 30 componentes, então, essa proporção é muito baixa. Dessa forma, promover a aproximação da banda com a comunidade escolar pode vir a motivar o interesse, por parte dos alunos, em participar da banda.

### 4.3 AS BANDAS POR SI MESMAS: INTERAÇÕES E CONFLITOS

Nas bandas escolares é comum ocorrerem conflitos internos entre os próprios componentes, ou, entre componentes e maestros. Isso ocorre porque cada banda é um grupo diverso, onde circulam pessoas com características, personalidades e vivências musicais distintas. Cada banda possui características próprias para o desenvolvendo de seus trabalhos, logo, o que funciona bem em uma determinada corporação pode não se aplicar para outra. As relações musicais e sociais dos músicos dentro e fora da banda e a percepção de como os músicos se qualificam podem gerar conflitos dentro e entre as bandas, “embora a música possa ser sociável e participativa, muitas vezes também é atormentada por problemas de poder, conflito e competição” (BAKER, 2014, n.p, tradução nossa). No caso de uma resolução de conflitos internos, o poder das tomadas de decisões pode estar nas mãos das coordenações, ou, pode haver um trabalho colaborativo entre maestro e coordenação. Há casos em que todas as decisões são tomadas exclusivamente pelo maestro e em outras, ainda, há uma participação nas tomadas de decisões por parte de uma comissão de pais, juntamente com o maestro.

As divergências entre componentes podem se dar em diferentes esferas. Uma delas e a mais comum, está relacionada ao próprio estudo musical individual dos componentes. Aqueles integrantes que se destacam na leitura e performance musical ocupam posições dentro de seus naipes, seja, de primeira voz de seus instrumentos na execução musical, seja, realizando solos em trechos musicais pré-determinados. Ocorre que, muitas vezes, esses músicos assumem um papel de “liderança” dentro de seu grupo, podendo auxiliar seus colegas nos estudos, ou, dependendo de suas atitudes, intimidar e criar conflitos dentro do grupo. Então, dentro das bandas, essa “liderança” pode desencadear em um sério problema de relacionamento entre componentes, configurando-se em conflitos internos além de ser uma forma de tentar se impor perante os demais colegas. Nos depoimentos dos colaboradores, foram encontrados casos que exemplificam essas situações. Vejamos algumas narrativas de componentes que presenciaram situações de conflitos em suas bandas:

Quando entrou um grande grupo de componentes novos na banda, não teve uma adaptação, tinha músicas muito difíceis. Não tinha aquilo tipo assim: não consegue tocar? Senta aí que eu te ajudo. Não! Era assim: senta aí e toca. Daí, depois os mais velhos reclamavam que os mais novos não estudavam, mas não era isso, reclamavam, mas não ajudavam. Então, aqueles que se sentiram deslocados foram embora da banda. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Colaborador 7, 18.07.19).

#### Outro colaborador:

Eu queria tocar, praticar o instrumento, então, conheci um componente da banda que me disse: vai lá que tu vai gostar. Quando cheguei na banda, percebi meio que um teste por parte de alguns componentes, talvez para tentar manter o nível. Pra mim, banda é um lugar que tu precisas de gente, eu fui bem recebido, mas percebi que para outras pessoas o tratamento foi diferente, foram espantadas da banda. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Colaborador 8, 27.07.19).

Ao longo de dois anos de pesquisa, presenciei situações em que alguns componentes, durante o ensaio, apontavam erros de seus colegas de naipe e de outros naipes na execução de trechos musicais. Na grande maioria das vezes, os maestros retomavam o trecho e verificavam que de fato alguma coisa havia sido executada erroneamente. Nesses casos, pediam para determinados naipes tocarem sozinhos ou repassavam o trecho musical com todo o grupo. Essas situações por um lado podem ser interessantes pelo fato de que há componentes atentos e interessados pela boa execução musical, mas por outro, essas colocações em excesso podem vir a provocar uma indisposição entre componentes por sentirem-se menosprezados, acarretando até em uma ruptura do grupo. Na Banda São Marcos, intervenções de componentes ao longo do ensaio, por conta da execução de trechos musicais executadas erroneamente por seus colegas, foram observadas diversas vezes. Em todas elas, eram sinalizadas por pessoas que, também, praticavam a música fora do ambiente da banda escolar, circulando por outros ambientes musicais como orquestras e outras bandas. Um dos componentes da banda, em entrevista, manifestou-se sobre o que estava presenciando nos ensaios:

Tem esse problema aqui na banda de uns músicos que querem ser profissionais achar que todos querem ser também. Às vezes, as pessoas só estão aqui por hobby, gostam de tocar, querem estar aqui e 70% das pessoas que estão na banda são assim. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Colaborador 9, 10.06.19).

No mesmo dia da manifestação do colaborador 9, o maestro Everson Silva, ao iniciar o ensaio na Banda São Marcos, conversou com o grupo a respeito da situação. Assim que todos entraram na sala de ensaios, o maestro dialogou com o grupo a respeito da cobrança musical que alguns componentes estavam exercendo sobre outros, gerando descontentamento e desavenças dentro do grupo. O maestro completou dizendo:

Cada um tem que cuidar da sua parte e se preocupar menos com a parte do outro e com os erros dos colegas. Eu gostaria que todos estudassem e se dedicassem de forma igual, mas não é assim que funciona. Vocês que estudam mais, logicamente irão apresentar melhor resultado, mas isso não significa que podem julgar os colegas. (Transcrição de trecho de conversa realizada entre o maestro e banda, diário de campo 10.06.19).

Nas quatro bandas escolares, encontramos componentes que tocam apenas em suas corporações e outros que transitam e relacionam-se em outros grupos musicais como bandas municipais, orquestras e bandas militares. Foi verificado que entre os componentes das bandas há professores de música, maestros que regem outras corporações e músicos militares. Na Banda São João, por exemplo, temos o caso de um trompetista que é músico concursado na Banda Municipal de Porto Alegre<sup>45</sup>, uma trompetista que trabalha como professora de música em escola de ensino regular e um trombonista, doutorando em música e professor na Universidade Federal de Santa Maria. Na Banda São Marcos, temos um trompetista que é músico militar na Banda do 3º Batalhão da Polícia do Exército, um instrumentista que é maestro em outra banda escolar além de alguns músicos que integram a Orquestra

---

<sup>45</sup> Fundada em 1925, a Banda Municipal é uma referência cultural e social da cidade. O grupo realiza apresentações periódicas na capital e em diferentes locais. Maiores informações sobre a Banda Municipal **disponível em:** <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p\\_secao=319](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=319)> **Acesso em:** 27 fev. 2020

Jovem do Rio Grande do Sul<sup>46</sup> e outros que participam da OSPA Jovem<sup>47</sup>. Na Banda Juliana há um trompetista que integra a Banda do Exército e, também, toca em outros grupos musicais, além de músicos que participam da Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul e da OSPA<sup>48</sup> Jovem. Na Banda Morada do Vale, temos um tubista que, também, integra a Banda do 3º Batalhão da Polícia do Exército além de ser instrumentista em grupos de samba e pagode.

Ocorre que os músicos que foram aqui citados acabam por se relacionar em outros grupos musicais e, dentro de suas corporações, alguns deles, são percebidos como músicos “profissionais”, enquanto que outros são vistos como “amadores”. Finnegan (2007), a partir de seu trabalho realizado em Milton Keynes, discutiu sobre a complexidade de se estabelecer um conceito sobre o que se denomina um músico “profissional” e um músico “amador”, por conta de um continuum complexo com muitas variações, ou seja, os músicos podem transitar e passar de um status para o outro dependendo da forma como se veem e como se relacionam com a música. Cottrell (2004), também aborda a questão de músico profissional e amador em *Professional Music-Making in London* através de trabalho realizado com músicos em Londres, dizendo que “profissional é um termo flexível e negociável cujo significado, é inerente ao uso, e não por uma definição inequívoca” (COTTRELL, 2004, n.p, tradução nossa). No “mundo musical das bandas escolares” essas diferenciações estão diretamente relacionadas ao trabalho musical remunerado. A visão sobre trabalho nas bandas escolares é semelhante aos apontados pelos músicos investigados por Cottrell (2004), no qual o “trabalho” está relacionado à produção musical paga, seja em concertos, ensaios, gravações ou outros empreendimentos similares. Assim, Cottrell (2004, n.p, tradução nossa), descreve o conceito de “trabalho”, “como sendo um símbolo compartilhado por músicos profissionais que os une no que pode ser razoavelmente interpretado como uma comunidade”. A fim de melhor exemplificar, o autor segue:

---

<sup>46</sup> A Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul – OJRS – foi criada em 2009 com foco na formação musical voltada, prioritariamente, para o atendimento de crianças e adolescentes de famílias de baixa renda e integrantes da rede escolar dos 10 aos 24 anos. Maiores informações **disponível em:** <<http://orquestrajovemrs.com.br/portal/a-orquestra/sobre-a-ojrs/>>. **Acesso em:** 27 fev. 2020.

<sup>47</sup> A Ospa Jovem é a Orquestra Sinfônica do Conservatório Pablo Komlós da Escola de Música da Ospa. Maiores informações **disponíveis em:** <<http://www.ospa.org.br/educacao/ospa-jovem/>>. **Acesso em:** 27 fev. 2020.

<sup>48</sup> OSPA: Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

Para um músico em um show de longa data no West End, “trabalho” pode ser uma ocupação relativamente estável, ocorrendo em horários fixos e que se tornou um hábito, se não uma tarefa; para o músico orquestral permanente, o “trabalho” ocorre em grande parte com o mesmo grupo de pessoas, frequentemente envolvendo o mesmo repertório e regido pelo cronograma distribuído a cada mês; para o aspirante a profissional, “trabalho” é qualquer tipo de emprego musical pago, por pior que seja, e assim por diante. Para todos eles, no entanto, são as percepções deles de que ser pago para se apresentar não é apenas central para o seu bem estar econômico, mas também um componente significativo de sua auto concepção, que os distingue de outros músicos. Além disso, o “trabalho” é concebido não apenas em termos do que é, mas também do que não é: ensino, prática, ensaios não pagos e assim por diante. (COTTRELL, 2004, n.p, tradução nossa).

Dentro das bandas escolares os termos “amador” e “profissional” recebem diferentes interpretações, vejamos o que pensam componentes e ex-integrantes das quatro bandas sobre o assunto. Segundo Yuri Mesquita, trompetista e componente da Banda Juliana:

Nas bandas escolares existe músico profissional que é aquele que toca com compromisso. Isso pra mim é um músico profissional e o não profissional é aquele que não quer nada com nada e ainda critica o trabalho dos outros. Amador é aquele que está começando. Eu sou músico profissional, hoje, porque eu vivo da música, mas eu digo que sou amador porque estou sempre aprendendo. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Yuri Mesquita músico da Banda do Exército Brasileiro e trompetista na Banda Juliana 10.08.19).

Na opinião de Diego Ramires da Banda São João:

Isso é bem delicado. Assim, em teoria, um profissional é aquele que tem uma formação superior, pensando em outras profissões. Nas artes é um pouco diferente porque tem a questão da prática que às vezes supera quem tem nível superior, mas como músico profissional, eu diria que é uma pessoa que tem um conjunto de técnicas, saberes musicais e habilidades para a prática musical no caso da performance. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Diego Ramires, músico trombonista da Banda São João e professor na Universidade Federal de Santa Maria 15.07.19).

Para Eduardo Farias, ex-integrante da Banda São Marcos:

Pra mim o músico profissional tem que estar preparado para tudo. Por exemplo, amanhã alguém pode me ligar e dizer: vamos gravar num estúdio e a música é essa. No dia seguinte: tem uma ópera que eu tenho que tocar, ou, ainda, tenho que dar uma aula. Tu és o especialista naquela área, então, tu tens que estar confiante de que tu vais conseguir fazer. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Eduardo Farias, trompetista, ex-integrante da Banda São Marcos, professor adjunto de trompete na Saginaw Valley State University 19.06.19).

A definição sobre músico “profissional” e “amador”, no contexto das bandas escolares, gera polemicas pois o ponto de vista de cada um pode variar, não é algo com uma definição fechada. Isso vai muito ao encontro de como os músicos se veem. Sobre esse assunto foram ouvidas opiniões dos maestros, componentes que realizam esses trânsitos musicais e componentes que participam somente das bandas escolares e, a partir das respostas da maioria, o músico “profissional” seria aquele que, além de ter uma renda fixa com a música, como no caso de um músico de banda militar, acabaria, também, transitando por vários lugares. Por outro lado, o músico “amador”, que deseja se tornar um “profissional”, também faria parte desses trânsitos, procurando tocar em diferentes espaços e com várias pessoas para ser visto e lembrado. Logo, foram considerados músicos profissionais os músicos militares e músicos concursados. Os participantes da Orquestra Jovem e da OSPA Jovem se enquadrariam no grupo dos amadores que são aspirantes a profissionais, mesmo que alguns deles já realizem apresentações com recebimento de cachê em outros locais. Os professores de música ligados a educação não se enquadrariam no grupo de profissionais a não ser que realizassem trabalhos como instrumentistas.

#### 4.4 COMPETIÇÃO, RIVALIDADES E REDES DE RELACIONAMENTOS

Os concursos de bandas realizados no Rio Grande do Sul desencadearam aspectos positivos e negativos nas trajetórias das bandas escolares ao longo dos anos. Positivamente, as competições acabaram tornando-se agentes motivadores para aquisição de instrumental diversificado além de promover o crescimento das bandas em termos de qualidade técnica musical. No entanto, a busca pelo título

provocou alguns conflitos e desentendimentos entre bandas e maestros. Alguns maestros não admitiam e, ainda, não admitem a derrota, sentem-se lesados, roubados, não aceitam o fato de que outra corporação se preparou mais do que a sua para o campeonato e por conta disso obteve uma melhor classificação.

No período entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000 essa rivalidade fazia-se presente constantemente nas competições, ocorrendo, inclusive, situações de agressões físicas entre integrantes de diferentes bandas. Alguns maestros instigavam seus componentes a manter uma rivalidade com outras corporações fora da raia de apresentação, insinuando, por exemplo, que sua banda “A” era melhor do que a banda “B”. Isso refletiu e ainda reflete negativamente dentro dos grupos, causando desavenças internas já que alguns componentes defenderão a ideia de rivalidade, enquanto outros discordarão. Situações semelhantes ainda ocorrem porque dentro das corporações existem integrantes que vivenciaram esse período e seguem com o pensamento de rivalidade. Alguns colaboradores manifestaram-se após já terem presenciado situações como essas em suas bandas: colaborador 7 (18.07.19), “pra que competir? Ah, competir é legal, mas precisa odiar a outra banda? Ficar falando mal? Acho que pode haver uma troca entre as bandas de conhecimentos”. Colaborador 8 (27.07.19), “esse negócio de rivalidade sempre me incomodou, tu tens que fazer o teu melhor e não querer ser melhor do que o outro”. Colaborador 10 (10.08.19), “rivalidade de banda é nós contra nós mesmos, a gente ganha e a gente perde sozinho”.

A não aceitação da derrota por parte dos maestros pode estar relacionada ao fato de que muitos buscam, através das competições, uma forma de serem reconhecidos na profissão. Essa necessidade, pela busca de reconhecimento, foi apontada por Lima (2007, p. 130), em estudo realizado no estado de São Paulo:

Se compararmos a profissão de regente de bandas com as de médico, advogado e engenheiro, por exemplo, deduziremos que os profissionais inseridos nestas últimas são diplomados e gozam, portanto, da legitimidade que os diplomas de nível superior conferem aos seus portadores, bem como do reconhecimento, também social, da profissão e de suas organizações em associações, sindicatos ou ordens. Tal dedução não é possível quando se trata dos regentes de bandas, (estes podem ou não ter diplomas), que não tem a profissão reconhecida pelo Estado, não estão organizados em sindicatos ou ordens. Essa configuração provoca insegurança entre os regentes de bandas, estimulando-os a uma busca por distinção e maior reconhecimento social. Essa busca dinamiza o jogo de inter-relações

que culmina na tentativa dos regentes de se esforçarem para alcançarem o grupo dos premiados em competições.

Essas questões acabam gerando conflitos que enfraquecem o movimento de bandas pois, ao invés de haver uma união dentro e entre as corporações e uma busca por melhor qualidade musical, ocorre distanciamento entre e dentro dos grupos, diferentemente do que pressupõe O' Connel (2010, pg. 4, tradução nossa):

Em termos de contextos musicais, o conflito é ativamente negociado em concursos musicais, muitas vezes reformulando antigos antagonismos dentro dos limites estruturados de eventos competitivos, substituindo a tragédia da violência pelo triunfo da virtuosidade.

No Rio Grande do Sul, a Associação Gaúcha de Bandas (AGB) foi criada mediante conflitos. Isso ocorreu porque alguns maestros sentiram-se incomodados com a maneira de como os campeonatos eram conduzidos pela Federação de Bandas do Rio Grande do Sul (FEBARGS) e, por conta disso, resolveram criar uma nova instituição:

A criação da AGB se deu por uma insatisfação com a Federação de Bandas do Estado, pois cheguei a ouvir do Presidente da época que, deveriam deixar os outros também ganhar os concursos de forma a estimular as outras corporações. Os resultados eram manipulados e desta forma, resolvi, junto com outros colegas, idealizarmos uma outra instituição que primasse pela qualidade e honestidade, pois éramos os mais interessados no desenvolvimento através da disputa sadia sem interferências ou prejuízo dos investimentos. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com maestro Paulo Roberto Charão 13.01.20).

A partir do momento em que surgem novas instituições promotoras de concursos de bandas, automaticamente, novos “líderes” surgem à sua frente. Esses acabam sendo alvos de críticas e até despertando certo descontentamento e desconfiança dentro do movimento de bandas porque trazem consigo novas ideias, traçando “estratégias” para apresentar algo novo, ou, remodelando o que já vinha sendo realizado. Para De Certau (1998, p. 99), a estratégia “é o cálculo (ou a

manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado”. Toda liderança assume responsabilidades e, automaticamente, certo “poder” para representar e estar à frente de algum grupo, logo, no caso das bandas, não é diferente. Assim,

As estratégias são portanto ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. (DE CERTEAU, 1998, p. 102).

Apesar dos desentendimentos já ocorridos no campo das competições, as bandas são livres para participar de qualquer concurso, independente de quem organiza, portanto, uma mesma banda pode participar dos campeonatos promovidos pela AGB, FEBARGS e ABMLINORTE. Na prática, porém, ocorre que a grande maioria das bandas optam por participar de concursos promovidos apenas por uma organização. Logo, as estratégias a serem definidas pelo líder (presidente) da instituição organizadora irão definir quais grupos se agregarão a ela, já que as bandas deverão seguir e concordar com as normas propostas no regulamento imposto para participação dos campeonatos.

Fora do campo das competições, há momentos de união e interação entre bandas escolares. Um dos maiores exemplos disso ocorreu em várias edições do Festival de Bandas da cidade de São Lourenço do Sul quando, ao final do evento, as bandas tocavam juntas, formando uma grande banda.

No final dos anos 2000, iniciou em Porto Alegre o projeto Bandas Marciais em Concerto organizado pelas próprias bandas participantes e, em todas as edições, pelo menos duas das quatro bandas que integram essa pesquisa fizeram-se presentes. Na sua 7ª edição ocorrida em Outubro de 2019, o projeto Bandas em Concerto contou com a participação das Bandas Juliana, São João, Cristóvão de Mendonza e Banda Sinfônica da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. No concerto, todas as bandas realizaram performances individuais e, ao final, todas retornaram ao palco para tocarem a última peça em conjunto. Na execução final, alguns integrantes da Banda São Marcos, também, fizeram-se presentes pelo fato de integrarem a Banda Sinfônica

da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Logo, havia no palco uma grande prática musical coletiva sendo realizada por integrantes de diferentes corporações.

A questão das rivalidades entre as bandas escolares vem atenuando-se com a chegada de uma nova geração de músicos que começaram a perceber que, para o movimento das bandas ser valorizado e crescer, é necessário deixar a rivalidade somente para a raia de apresentação nas disputas dos concursos. Outro fator atenuante está em um grande grupo de jovens que transitam por diversos locais e, coletivamente, praticam a música em outros grupos musicais como no caso da Banda Sinfônica da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. De acordo com Wenger (2007, p. 102, tradução nossa),

A prática é um processo contínuo, social e interativo [...]. O fato de os membros interagirem, fazerem coisas juntos, negociarem novos significados e aprenderem uns com os outros já é inerente à prática - é assim que as práticas evoluem.

As relações entre os músicos das bandas escolares e os caminhos que os componentes de diferentes bandas seguem e mantêm fora de suas corporações, como no caso da Banda Sinfônica da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, criam redes de relacionamentos musicais. Assim, os músicos das bandas acabam transitando em diversos locais não pertencendo, apenas, ao “mundo musical das bandas escolares”. Da mesma forma, Finnegan (2007) observou em Milton Keynes através dos músicos que ocupavam diferentes espaços, diferentes “mundos musicais” e transitavam por diferentes locais, demonstrando uma flexibilidade de seu fazer musical através de diversas atividades que desenvolviam. Finnegan chamou de “pathways”, os caminhos pelos quais os músicos amadores tornavam-se ativos na cena musical local “[...] o que define seus caminhos musicais habituais são suas ações coletivas, compartilhadas e intencionais” (FINNEGAN, 2007, p. 305, tradução nossa).

As ações coletivas entre os componentes das bandas escolares tem sido um mediador para atenuar as relações de conflitos entre as corporações, assim como os trânsitos musicais realizados entre diferentes localidades. A relação entre localidades não está inserida no aspecto geográfico do bairro ou município, por exemplo, mas dentro da noção de que “são construções das interseções e interações de relações

sociais concretas e processos sociais em uma situação de copresença” (MASSEY, 1991, p. 277, tradução nossa).

A partir dessas ações, as pessoas acabam se conhecendo e criando vínculos de relações pessoais afetivas e até mesmo redes de trabalho. Os músicos que passam a fazer parte dessa rede de relacionamentos musicais, apresentam seu trabalho para outros músicos, acabam tornando-se conhecidos localmente e, conseqüentemente, fora. As relações os levam a conquistar trabalhos, ou, pelo menos serem lembrados por outros músicos que se encontram em posições mais privilegiadas. Becker (2008), chamou essas relações de “panelinhas”:

Os membros apadrinham-se uns aos outros na obtenção de emprego, seja contratando-se uns aos outros quando tem poder para tanto, seja recomendando-se uns aos outros para aqueles que fazem as contratações para uma orquestra. A recomendação é de grande importância, pois é assim que indivíduos disponíveis tornam-se conhecidos pelos que contratam; a pessoa desconhecida não será contatada, e o pertencimento a essas “panelas” assegura a um músico que ele tem muitos amigos que o recomendarão para as pessoas certas (BECKER, 2008, p.114).

No “mundo musical das bandas escolares” conflitos estão presentes de forma constante seja dentro das corporações ou entre elas. Todos buscam por um lugar de destaque seja os maestros que almejam títulos nas competições de bandas para provar a competência de seu trabalho e, com isso, adquirir o reconhecimento de sua corporação e do meio de bandas, seja nas práticas musicais dos componentes daqueles que aspiram seguir uma carreira profissional musical.

As rivalidades existem na raia de apresentação, mas a partir do momento em que uma corporação passa a ver a outra como inimiga, o movimento de bandas enfraquece e os maestros incentivadores dessa prática perdem prestígio assim como seus seguidores.

## 5 BANDAS ESCOLARES: IDENTIDADES EM TRÂNSITO

### 5.1 ADVERSIDADES FINANCEIRAS

Entre as bandas “escolares” pesquisadas uma característica comum entre todas é a falta de investimentos financeiros por parte dos governos (seja municipal ou estadual) e, ou, das instituições de ensino onde estão inseridas. Por mais paradoxal que isso possa parecer, elas ainda levam o título ou a alcunha de escolares, como fiz questão de frisar, anteriormente. Diante desse cenário, as bandas escolares enfrentam dificuldades para manutenção e continuidade de seus trabalhos.

No ano de 2006, quando houve a reativação da Banda Juliana, Carlos Rizzon tentou angariar algum recurso financeiro para a corporação através da secretaria estadual de educação e obteve a seguinte resposta:

Em 2006 quando a banda foi reativada, eu fui atrás de recurso para a banda e nós tivemos uma entrevista com a, então, secretária de educação do estado. Eu expliquei qual era o objetivo, que era a inserção social, introduzir a música e com a música os valores que ela traz que são importantes não só para o músico, mas em qualquer seguimento profissional como a ordem, disciplina, hierarquia, trabalho em conjunto. Fiz um esforço enorme para explicar que nós queríamos praticar a música e somente a música e ela encerrou a entrevista dizendo para nós, o que foi uma grande decepção: esse tipo de iniciativa não interessa porque militariza muito os alunos. Com isso, nós entendemos que nunca iríamos conseguir recurso. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, Carlos Rizzon, 10.09.18).

Sendo a Secretaria Estadual de Educação o órgão regional que administra o sistema estadual de ensino e que viabiliza os recursos financeiros para as escolas através do estado e, não havendo interesse desse setor em promover a prática das bandas escolares, as corporações provenientes de escolas estaduais tornam-se um alvo fácil para extinção de suas práticas. Nesse sentido, a decisão do estado, de não apoiar as bandas financeiramente, tem um papel determinante para desvalorização desses grupos musicais. Segundo Bourdieu, (2008, p.51),

O estado tem a capacidade de regular o funcionamento dos diferentes campos, seja por meio de intervenções financeiras, (como no campo econômico, os auxílios públicos, a investimentos ou, no campo cultural, os apoios a tal ou qual forma de ensino), seja através de intervenções jurídicas, (como as diversas regulamentações do funcionamento de organizações ou do comportamento dos agentes individuais).

A fala da, então, secretária de educação, deixa claro sua ideia de que banda escolar remete a práticas militares e, por conta disso, não há interesse do poder público em apoiar qualquer tipo de manifestação nesse sentido. Nas bandas, porém essa visão não procede. As bandas veem suas práticas musicais como práticas culturais e sociais e as regras, hierarquias e formas de desenvolver o trabalho são necessárias a fim de se poder melhor organizar um grande grupo e produzir bons resultados musicais, não muito diferente do que ocorre nas orquestras e bandas sinfônicas. O que se vê nas bandas, como saídas para a manutenção das práticas musicais, são tentativas isoladas de buscas por financiamentos. Cada banda faz seu projeto e tenta captar recursos individualmente. Não há uma organização e união entre as bandas a fim de trabalharem de forma coletiva para o crescimento do movimento de bandas. As próprias associações e confederações de bandas (AGB, FEBARGS e ABMLINORTE) não se unem para buscar recursos para as bandas, pensar alternativas de melhorias para o grupo como um todo e de forma conjunta. As bandas escolares, no Rio Grande do Sul, perderam o prestígio perante o poder público. Por outro lado, alguns municípios do estado fazem investimentos na criação e manutenção de bandas e orquestras municipais, mas não investem em bandas escolares em seus municípios, portanto, uma mudança importante vem ocorrendo e isso é um ponto conflitante e revelador já que boa parte dos músicos que compõe os grupos citados, são oriundos de bandas escolares. Lima (2007, p. 130), apresenta essa realidade quando diz que:

Os prefeitos e demais políticos profissionais interessados, que tanto gostam de publicidade para as suas gestões, querem apoiar as bandas que apareçam como empreendimentos de sucesso, símbolos de vitória, atrelando o sucesso dos grupos às suas administrações.

A percepção que se tem é de que as bandas escolares são percebidas como um grupo recreativo dentro da escola, um grupo que serve para ocupar o tempo ocioso dos alunos e, por conta disso, não há motivo para investimentos além do fato de não trazerem nenhum retorno para o poder público.

Assim, as bandas escolares sobrevivem a partir de recursos próprios originados por criação de suas próprias associações, cobrança de mensalidades ou realização de eventos. Sartori (2013, p. 183), enfatiza que:

As transformações sociais ocorridas no Brasil, durante o decorrer do século XX trouxeram implicações diretas para as bandas de música em seus modos de atuação e de relacionamento com a sociedade.

Na relação entre arte e estado Becker (2010, p.153) diz que, “ o estado defende os seus interesses apoiando aquilo que aprova e colocando obstáculos àquilo que desaprova”. Com relação a essas questões, o coordenador da Banda São João, Luís Gaspareto comentou:

No Rio Grande do Sul não existem políticas públicas para as bandas marciais sobreviverem. São sempre grupos de pais, grupos de abnegados que tentam sustentar e manter as bandas em atividades, se depender de política pública no Rio Grande do Sul, morto. Não tem nada, não tem nenhum projeto que ampare as bandas. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Luís Gaspareto, 16.04.18).

Carlos Rizzon, também, tem sua opinião com relação aos incentivos que são dados às bandas:

Não há nas escolas, no currículo, ou, nas atividades extra curriculares, uma formalidade e um apoio financeiro. Não existe por parte dos governos estadual e municipal uma rubrica que garanta a contratação de um maestro e a aquisição de instrumentos. Isso é o que a gente tem notado na maioria das bandas. Falta uma programação formal curricular para manter uma banda. Não faz parte do plano pedagógico e devia existir. As escolas têm se limitado a disponibilizar as áreas físicas, mas não disponibilizam recursos. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Carlos Rizzon, 31.08.19).

As bandas oriundas de escolas privadas não recebem incentivos financeiros de suas instituições e as bandas provenientes de escolas públicas não recebem incentivos do estado, logo, cada grupo tenta se manter da maneira como considera mais prudente. Algumas bandas estão tornando-se independentes a partir da criação de associações para poderem buscar outras formas de captar recursos para suas corporações. Segundo Lima (2007, p. 53),

A independência das bandas em relação as instituições que as sediam é consolidada quando desenvolvem uma personalidade jurídica, integrada por um estatuto num sistema orgânico, estabelecendo suas normas internas de modo legalmente conhecido. O registro dos estatutos das bandas representa a apropriação de um instrumento que facilita a abertura de novos caminhos no mundo das parcerias, patrocínios e jogos de interesses, conferindo ao grupo que o detém o poder para a tomada de decisões sem necessariamente depender do aval das escolas e das Secretarias.

Assim, entre as bandas escolares pesquisadas, as Bandas São João e Juliana tem seus recursos provenientes através de suas associações, onde os associados realizam uma contribuição financeira mensal para a Associação dos Componentes da Banda Marcial São João (ACOBAN) e à Associação da Banda Marcial Juliana (ABMJ).

A Banda São Marcos não possui uma associação, então, através da organização de eventos ao longo do ano, tenta angariar recursos para a corporação. Outra estratégia utilizada é a cobrança de uma mensalidade de cada componente para participar da banda. O valor dessa mensalidade vai para o caixa da banda que é administrado pela comissão de pais. O dinheiro destina-se a cobrir custos com manutenção de uniformes, conserto de instrumentos, compra de lanches para ensaios ou apresentações e pagamento de transporte para deslocamento da banda em apresentações. Esse valor, porém, não é suficiente para cobrir todos os custos, nesse caso, seguidamente, é solicitado aos pais que auxiliem com a doação de algum material ou valor, dependendo da necessidade. O fato da Banda São Marcos pertencer a uma escola privada, contribui para que os pais auxiliem financeiramente quando solicitados, isso porque, eles possuem um poder aquisitivo superior aos pais de alunos de bandas provenientes de escolas públicas.

Na Banda Morada do Vale a única fonte de renda provém da organização de eventos organizados pela banda como o ocorrido no dia 14 de setembro de 2019, quando a banda organizou um jantar baile. A fim de que houvesse um maior número de convidados no evento, o maestro João Camargo convidou ex-integrantes da banda para tocarem com os componentes ativos.

O evento foi pensado para acontecer da seguinte maneira: a apresentação da banda estava marcada às 20h e, após a apresentação, o buffet seria servido. O cardápio era frango assado, arroz e saladas. Cheguei à escola às 17:40 para observar os preparativos do jantar e auxiliar no que fosse preciso. Ao adentrar no pátio da escola, encontrei o maestro João e o componente Douglas Ruan que estavam de saída, indo buscar as bebidas. Devido ao tamanho do evento, percebi que haviam poucas pessoas envolvidas na organização. Naquele momento, estava na cozinha apenas a mãe do maestro João preparando o arroz enquanto que dois homens assavam coxa e sobre coxa de frango dentro de tonéis no pátio da escola. Alguns componentes transitavam pela escola. Passados uns 30min de minha chegada, outras duas mães de componentes chegaram para auxiliar na cozinha e, momentos depois, João e Douglas retornaram com o carro do maestro carregado de garrafas pet de refrigerantes e latas de cerveja. Uma das mães se deu conta de que não haviam confeccionados tickets para organização da venda de bebidas. Elas estavam, aparentemente, bem atarefadas com a organização das mesas do buffet e preparação das saladas. Então, me ofereci para ajuda-las. Uma das mães me forneceu algumas folhas de papel que arrancou de um caderno, caneta e tesoura e, assim, confeccionei por volta de 100 tickets a próprio punho. Andréa Oliveira chegou em seguida e disse que havia estado na escola até a madrugada daquele dia, com o maestro João, temperando os frangos. Ela comentou que tinha ido trabalhar durante o dia e por isso estava chegando naquele momento. Perguntei quem havia organizado as mesas dos convidados e Andréa me informou que os componentes da banda naquela tarde.

As mesas e cadeiras utilizadas foram retiradas das salas de aula e organizadas no ginásio da escola com ocupação para 4, 6 e 8 lugares. A escola cedeu a cozinha da instituição e todos os utensílios presentes para a banda usufruir. Já eram 19h20min quando dois homens chegaram carregando quatro sacos cheios de alface, Andréa disse ter sido uma doação que João conseguiu de um comerciante local. Douglas concentrou todos os componentes da banda em uma sala de aula às 19h40min e pediu que fossem até a sala da banda buscar seus instrumentos. Os

componentes ficaram concentrados nesse espaço até o horário da apresentação que iniciou 20h30min. A banda tocou em formação de concerto, posicionados em uma área central do ginásio onde todos os convidados tinham visão para a banda. Após a apresentação da banda, as pessoas começaram a servir-se no buffet. O jantar estava muito bom, porém percebi que haviam muitas mesas desocupadas, então, perguntei a Andréa se a banda estava esperando pela ocupação de todos os lugares. Ela disse que as mesas foram organizadas de acordo com o número de convites confeccionados, mas, infelizmente, muitos componentes não tinham conseguido vender seus convites e só informaram o ocorrido momento antes do jantar.

Visto as dificuldades financeiras e de reconhecimento encontradas pelas bandas, atualmente, em comparação com o movimento de bandas escolares no estado do Rio Grande do Sul no passado, partindo do final da década de 1950, percebe-se que as bandas passaram e ainda estão passando por um período de reestruturação para se manter financeiramente e uma mudança de status de bandas escolares para bandas musicais parece ser inevitável no futuro.

As quatro bandas escolares possuem realidades financeiras diferentes, e dentre elas, a Banda Morada do Vale é a que sofre maiores dificuldades por não possuir nenhuma fonte de recurso fixo mensal como ocorre nas outras corporações através de suas associações ou por meio de pagamento de mensalidades.

## 5.2 CORPORAZÃO COMO FAMÍLIA E GRUPO SOCIAL: REGRAS E HIERARQUIAS

As quatro bandas aqui pesquisadas são constituídas por muitas pessoas que estão, atualmente, inseridas nesses grupos e, também, por aquelas que já passaram por elas. Cada uma dessas pessoas deixara contribuições para construção da identidade de cada corporação, através das relações que estabeleceram entre si e com o meio por onde a banda realiza seus trânsitos. Essas relações foram percebidas ao longo de dois anos através de entrevistas, acompanhamento de muitos ensaios e apresentações das bandas. Nesse período, foram observados alguns fatores importantes que são contribuintes para o processo de formação identitária desses grupos. Entre eles está a percepção da banda enquanto grupo familiar. Várias pessoas relataram que veem na banda um ambiente familiar e que o grupo banda

constitui-se de fato como uma família. Na Banda Morada do Vale Douglas Ruan Moraes disse que:

Aqui, a gente tem uma parceria, aqui não tem discriminação musical com aquelas piadinhas: tu toca mal, tu não sabe tocar, tu errou a nota. Aqui dentro tu não consegue ter menos relação com alguém, aqui não tem aqueles bolinhos, aqui tá todo mundo junto, aqui a amizade e a cumplicidade é de verdade. Aqui a harmonia é muito boa embora, de vez em quando, a gente tem uns arranca rabos como em qualquer família, mas tudo em prol da banda. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Douglas Moraes, 20.07.19).

Na Banda São João o trompetista Rafael Petrillo comentou que:

O pessoal aqui é uma família, é quase como se fosse todo mundo irmão. Essa questão familiar é muito estranha né? As vezes tu nasce numa família que tu não tem muita afinidade com um ou com outro e aqui todo mundo se ajuda, todo mundo se respeita, tem uns arranca rabo como tem na família, mas tudo tem que se acertar depois. A banda é a minha segunda família, minha segunda casa. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Rafael Petrillo, 26.07.19).

Essa identificação de alguns integrantes de perceber as bandas como uma família, relaciona-se ao sentimento de pertencimento a um grupo social. A relação de família segundo Bourdieu (2008, p.127),

É um princípio de construção da realidade social, também é possível lembrar que esse princípio de construção é ele próprio socialmente construído e que é comum a todos os agentes socializados de uma certa maneira.

Na Banda São Marcos há uma relação de pertencimento e construção de grupo muito forte dentro da corporação. Nos ensaios ou em deslocamento para apresentações, os maestros, componentes e pais sempre estão usando a camiseta da banda para se caracterizarem como pertencentes daquele grupo. Na parte

posterior da camiseta está o nome e emblema da banda e na parte anterior está escrito “J1” que significa “juntos somos um”.

Dentro desse ambiente “familiar” das bandas escolares há um sistema de regras e hierarquias que pode ser mais acentuado em algumas corporações do que em outras, onde as relações de forças apresentam-se de forma mais perceptível.

As hierarquias são constituídas nas corporações, sendo, normalmente, estabelecidas pelos maestros ou coordenações das bandas. As hierarquias moldam as características das bandas e, conseqüentemente, acarretam em suas configurações identitárias. Nas bandas escolares as hierarquias podem se apresentar nos processos de transmissão dos conhecimentos dentro da banda, nas lideranças de naipe a partir da figura de um componente mais experiente, ou, através de normas estabelecidas para o funcionamento da banda. Esse assunto foi discutido por Brucher (2013), a partir do desenvolvimento de sua pesquisa na Banda de Covões em Portugal. A autora apontou sobre as posições ocupadas por músicos veteranos dentro da banda com relação a seus colegas de naipe, “aqueles nas cadeiras principais são responsáveis por liderar os outros músicos que tocam o mesmo instrumento” (BRUCHER, 2013, p.165, tradução nossa).

Na Banda São João um sistema hierárquico foi de fato estabelecido a partir da chegada do maestro Mota na corporação. O maestro foi militar e, possivelmente, esse fator possa ter contribuído para ele pensar a organização de seu trabalho na banda. Um dos componentes mais antigos da banda relatou que, na relação entre os componentes, quando o maestro Mota estava à frente da banda, havia um sistema de hierarquias de idades, tempo de banda, instrumental e esse sistema, ainda, prevalece. Nas viagens, a organização interna do ônibus dava-se da seguinte maneira: no fundo do ônibus sentavam os mais velhos e na frente os mais jovens. Os componentes mais experientes comandavam os mais jovens no ensaio, normalmente, liderando o naipe. Os instrumentos eram repassados aos mais experientes e os mais jovens só podiam usá-los quando os mais experientes não estavam no ensaio. O atual maestro da Banda São João Renato Dall Ago contou sobre sua experiência quando ingressou na banda:

Quando eu ingressei na banda, comecei tocando tarol e tinha o tarol dos mais velhos que tinha o nome deles. Tu podia usar esses instrumentos durante a semana, mas quando chegava a hora do

ensaio geral na sexta-feira, se a pessoa que tinha o nome ali chegasse, tu terias que ceder o instrumento. Isso era uma coisa de respeito que sempre existiu e claro que a gente cedia e era esse pessoal mais velho que durante a semana nos passava as batidas pra gente tocar. Tinha esse tipo de hierarquia: o “fulaninho” é o chefe do naipe. Não era instituído, ele é o chefe, mas como esse tocava bem e era o mais velho, se tornava o chefe. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com maestro Renato Dall Ago, 08.07.19).

Após o falecimento do maestro Mota ocorrido no ano de 2009, a banda teve a presença de outros maestros, mas nem todos conseguiram se adaptar ao grupo porque a banda manteve muitas das características impostas pelo maestro com relação as hierarquias. A intitulação do casal coordenador foi algo criado pelo próprio maestro que escolhia quem receberia essa função. A coordenadora da banda Luciane Gaspareto contou como se dá o processo de hierarquia a partir de sua função:

Nós aprendemos com o maestro Mota hierarquia, não interessa se é uma menina de 15 anos que está à frente da coordenação, por exemplo, todo mundo respeita ela. Foi a mesma coisa comigo quando eu entrei na coordenação da banda. Tinha gente muito mais velha do que eu na banda, mas eles me respeitam e me obedecem. Nós obedecemos muito a hierarquia. Quando o maestro partiu foi difícil porque outras pessoas que ficaram no lugar dele queriam fazer mudanças. Nós aceitamos mudanças porque na vida é assim, mas não mudanças drásticas que iam acabar com a identidade da banda. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Luciane Gaspareto, 17.09.19).

A palavra hierarquia citada na Banda São João não apareceu nas outras bandas escolares com tanta ênfase, mas o termo cumprir regras foi citado a fim de uma melhor convivência e organização dos grupos.

Na Banda Morada do Vale, o maestro João Camargo estipulou algumas regras para o deslocamento da banda em viagens como descreveu Andréa Oliveira:

O ônibus é dividido em meninas na parte da frente e meninos na parte de trás. Os quatro primeiros assentos do ônibus são para os pais que vão acompanhar. Dentro do ônibus não tem casais, mesmo pra quem é casado vai sentar separado. Quando a banda era maior, iam dois ônibus, um para as meninas e outro para os meninos. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Andréa Oliveira, 28.10.19).

Essas regras acabam tornando-se características das bandas em suas práticas diárias, características de suas identidades como citou o maestro João Camargo:

Quando eu cheguei na Banda Morada do Vale, quem ia fazer a banda e as regras era eu, não tinha ninguém pra dizer se era certo ou errado, quem ia criar a linha de trabalho era eu. Então, nesses 19 anos em que estou na banda, acredito que a gente conseguiu construir uma identidade dentro de uma comunidade. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, João Camargo, 16.09.19).

O fato dos maestros e coordenadores de bandas serem os responsáveis pela constituição de hierarquias e regras nas corporações, faz deles, também, responsáveis por parte da construção identitária desses grupos a partir da maneira como desenvolvem seus trabalhos nas bandas. Nas construções identitárias das bandas, muitas características que as compõem, podem sofrer alterações com o passar do tempo, caso o grupo esteja receptível a isso. Segundo Reily e Brucher, (2013, p.4, tradução nossa),

Cada banda e mundo da banda conta sua própria história - uma história sem final - como as mudanças em todas elas estão em andamento, uma consequência das múltiplas forças, abrangendo o social, o musical, o econômico, o político para nomear apenas alguns, aos quais as bandas devem se adaptar.

As quatro corporações trazem características que foram construídas, individualmente, baseadas na figura dos maestros, ou, no coletivo do grupo dentro de seus contextos históricos. Essas são percebidas por seus participantes e entendidas pelo grupo como sendo suas identidades. Nesse sentido, Hall (1996, p. 18, tradução nossa), afirma que:

Identidades são construídas dentro do discurso e não fora dele, devemos considerar as produzidas em contextos históricos e institucionais específicos, dentro de formações e práticas discursivas específicas, por meio de estratégias enunciativas específicas.

O professor Eduardo Farias que foi componente da Banda São Marcos discorreu sobre a construção de identidades em bandas:

Todo grupo tem uma identidade que é construída com a contribuição individual, com uma contribuição do grupo, com características que já vem do lugar. Uma parte das características da banda está na pessoa de quem lidera, mas é impossível fazer um trabalho desses se as pessoas que estão envolvidas ali, trabalhando, não fizerem isso juntos. Estou falando dos componentes, dos pais, das famílias, tudo isso constrói uma comunidade que define aquele lugar. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Eduardo Farias, trompetista, ex-integrante da Banda São Marcos, professor adjunto de trompete na Saginaw Valley State University 19.06.19).

Eduardo Farias aponta uma característica peculiar na Banda São Marcos que contribui para a formação de identidade do grupo, a participação ativa dos pais dos componentes na banda. Ao longo de seus 29 anos, a banda sempre contou com a presença dos pais nos ensaios e nas apresentações, ou seja, sempre que o grupo estava reunido, lá estavam os pais participando. Eles, desde sempre, passaram a fazer parte das tomadas de decisões junto com o maestro, pensando na melhoria e crescimento da banda. Esse apoio coletivo dos pais não foi observado em nenhuma das outras bandas pesquisadas, apesar de que na Banda Morada do Vale, segundo relatos do maestro e componentes, houve um período que a presença de familiares era mais efetiva na banda e que havia uma comissão de pais ativa.

O engajamento e a participação ativa de todos os envolvidos nas bandas maestros, componentes, coordenadores, familiares, moldam não apenas as práticas que desempenham, mas as trajetórias e identidades musicais a partir das regras e hierarquias estabelecidas, formas de conduzir os ensaios e organizar o grupo.

O pertencimento e a participação envolvem desacordos, desafios e não estão apenas no fato de comparecer aos ensaios, preparar arranjos musicais, tocar um instrumento ou fazer reparo em algum uniforme, “a participação também está na visão de um processo complexo que combina fazer, falar, pensar, sentir e pertencer” (WENGER, 2007, p. 56, tradução nossa). As Bandas escolares existem enquanto grupo social porque as pessoas que as compõe aderem uma organização e promovem ações de envolvimento mútuo entre os participantes que requerem interações e respeito aos limites estabelecidos.

### 5.3 REPERTÓRIOS MUSICAIS E PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

As bandas se reestruturaram com a inserção de novos instrumentos musicais a partir dos últimos 30 anos que permitiram uma mudança na execução dos repertórios. Os dobrados, que predominavam boa parte da execução musical nas bandas escolares nas décadas de 1960 e 1970, deram lugar a outros arranjos musicais.

Apesar disso, algumas bandas procuram manter a tradição dos dobrados em seu repertório, como a Banda Juliana. O componente da Banda Juliana Yuri Mesquita, disse em entrevista que:

A principal característica da Banda Juliana é tocar dobrado. A banda não entra e não sai de um concurso, festival ou qualquer outra apresentação sem tocar um dobrado e tem outra coisa, hoje em dia, a postura da banda está um pouco relaxada, mas quando eu entrei na banda, era uma postura militar. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Yuri Mesquita 10.08.19).

Na relação da banda com os dobrados e a marcialidade um dos coordenadores da Banda Juliana disse que:

Nós nunca vamos querer tirar o enfoque da marcha, da banda marcial. Nós vamos manter isso, mas o que se nota é que o nosso grupo está mais para a função do orquestrado, querem executar peças mais trabalhadas, não querem músicas com grau de dificuldade baixo. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Mastra 18.08.19).

Nos concursos e festivais de bandas é necessário o deslocamento das corporações da raia de largada até à frente do palanque de jurados. Nesse percurso, atualmente, algumas bandas optam por tocar outras músicas que possam ocupar o papel dos dobrados. Barbosa (2008, p. 68), trouxe algumas considerações a respeito das alterações e mudanças de repertório nas bandas:

Hoje se vê um grande número de músicas estadunidenses nas estantes das bandas brasileiras, principalmente, músicas de filme e do repertório pedagógico das bandas escolares. Um outro aspecto é o fato dos arranjos estarem ficando cada vez mais presentes que as composições originais. Entre estes há um grande número de arranjos de temas de filmes e de música popular.

A facilidade pelo acesso à internet contribuiu muito para que as bandas passassem a investir em novos instrumentais e repertórios comuns nas marching bands americanas. No ano de 2002, o filme americano *Drumline*<sup>49</sup> foi lançado no Brasil, tornando-se uma forte fonte de referência para as bandas brasileiras. No Rio Grande do Sul, várias bandas inspiraram-se na ficção. As Bandas Morada do Vale e São Marcos foram extremamente influenciadas pelo filme baseado na tradição das marching bands. Nas duas corporações, os componentes passaram a pensar e organizar coreografias, cadencias percussivas e repertório musical que se encaixassem na nova febre que previa executar o repertório ao mesmo tempo que se realizava coreografias. O filme influenciou muitas corporações a criarem corpo coreográfico, contratando um coreógrafo para os dançarinos e, também, para auxiliar nas evoluções da banda. Na Banda São João essas inovações não obtiveram sucesso, pois o grupo permaneceu com seu estilo marcial tradicional. O coordenador da Banda São João, Luís Gaspareto, discorreu sobre o que observa dos processos influenciadores das bandas norte-americanas sob as bandas gaúchas:

Vejo muito algumas tentativas de cópias de modelos externos que não tem muito a ver com a nossa identidade. Acho que não deu muito certo, mas tem gente que insiste ainda. Aquela coisa, muita dança e pouca música, tem banda com corpo coreográfico mais valorizado que o corpo musical, é bonito, mas não é a nossa identidade. Se perdeu muito da identidade e às vezes, as bandas que dão um espetáculo coreográfico, deixam muito a desejar no aspecto musical. Acho que tem que resgatar mais a parte musical das nossas bandas, tem que resgatar um pouco da nossa identidade enquanto banda marcial. Acho que hoje é uma mistura de culturas, tentamos copiar o americano e perdemos a identidade que era tão bonita, era nossa, principalmente no sul. Hoje é uma salada. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Luís Gaspareto, 16.04.18).

---

<sup>49</sup> Em sua narrativa o filme aponta os processos diários de ensaio, competição, estudo, coreografias e repertório de uma marching band norte-americana, a partir da história do personagem principal.

Cada banda é livre para escolher o melhor caminho que deve seguir dentro de sua trajetória artística. Cada corporação busca por aquilo que lhe proporcionará mais conhecimento dentro do que considera ser melhor para o seu desenvolvimento. Nesse processo Wenger (2007, p. 155, tradução nossa), diz que:

Como trajetórias nossas identidades incorporam o passado e o futuro no próprio processo de negociação do presente. Elas dão significado aos eventos em relação ao tempo construído como uma extensão de si mesmo. Elas fornecem um contexto no qual determinar o que, entre todas as coisas que são potencialmente significativas, realmente se torna uma aprendizagem significativa. Um sentido de trajetória nos dá formas de resolver o que importa e o que não, o que contribui para nossa identidade e o que permanece marginal.

O repertório americano entrou com força nas bandas escolares do Brasil como um todo, principalmente, nos campeonatos de banda, tanto que para manter um repertório nacional, alguns regulamentos citam como item obrigatório na competição a execução de uma peça nacional. No Rio Grande do Sul, o regulamento da AGB traz essa observação, declarando que é obrigatório a apresentação de uma peça de autor brasileiro para todas as categorias musicais a serem avaliadas em sua competição. Lima (2007, p. 140), apontou essa questão em sua pesquisa no estado de São Paulo:

Durante os campeonatos, o repertório é predominantemente composto de obras de autores norte-americanos. Tal predominância tornou-se tão evidente nos campeonatos estaduais, a ponto de, no ano de 1999, constar em regulamento a obrigatoriedade de, no mínimo, uma música brasileira incluída por cada banda entre as peças de confronto.

Outra questão que contribui para a americanização do repertório nas bandas escolares é o fato de que, ainda, são poucos os arranjadores que trabalham preparando arranjos musicais de obras brasileiras para bandas escolares. Os maestros poderiam preparar esses arranjos já que conhecem a realidade do instrumental de suas corporações, porém, boa parte dos maestros de bandas no Rio Grande do Sul não possuem conhecimento musical de arranjo e harmonia para realiza-los, então, pagam para algum arranjador o fazer ou procuram arranjos prontos

na internet. Isso ocorre com frequência porque no estado não há uma formação específica para maestros de bandas em nível técnico ou superior e muitos dos maestros não procuram outras formas de se qualificar. No caso das quatro bandas pesquisadas, os maestros das Bandas São João e Juliana possuem curso superior em música, já os maestros das Bandas Morada do Vale e São Marcos, buscam, constantemente, por qualificação, realizando cursos promovidos por Associações e Federações de Bandas no Brasil e, no caso do São Marcos, também, no exterior.

Entre os repertórios norte-americanos executados é possível encontrar uma grande quantidade de arranjos de temas de filmes nas bandas escolares. A Funarte disponibiliza em seu site, gratuitamente, o arquivo *Partituras Brasileiras Online*<sup>50</sup>, com inúmeras composições brasileiras, porém as peças, para serem utilizadas em bandas escolares, necessitariam ser adaptadas para essa realidade devido a instrumentação proposta. Com relação ao trabalho de adaptar arranjos para bandas escolares, o maestro Renato Dall Ago falou da sua experiência na Banda São João:

Quando eu assumi a regência eu quis fazer um trabalho musical um pouco diferente do maestro Mota. A banda sempre tocou músicas de orquestras adaptadas para o sopro, então, tinha vozes de cordas que não eram idiomáticas para o sopro, mas tinham que ser adaptadas para o sopro e isso, às vezes, ficava difícil. Existe, desde o início do século XX, muitas partituras musicais para bandas sinfônicas ou brass bands que a gente podia trazer para a banda e adaptar e foi isso que eu acabei trazendo logo que eu entrei. Começamos a trabalhar com músicas de banda sinfônica adaptadas para a nossa formação. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Renato Dall Ago 08.07.19).

A partir do ingresso do maestro Renato, a Banda São João passou por uma reestruturação em seu repertório como ele mesmo contou:

A Banda São João é muito conhecida por tocar jazz, nós não deixamos isso de lado, mas eu quis trazer um repertório mais popular. O pessoal da banda não gostou muito de início, mas daí quando nós íamos para uma apresentação com um repertório mais popular e eu via a reação do público, tinha certeza de que estava indo pelo caminho certo. A gente não pode tocar só o que a gente gosta. Alguns torceram o nariz,

---

<sup>50</sup> Partituras **disponível em:** <<http://www.funarte.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Brazilian-Songbook-Online-Band-1.pdf>>. **Acesso em:** 27 mar. 2020.

disseram que o maestro Mota jamais tocara algumas coisas, mas eu tento mostrar uma versatilidade da banda. (Transcrição de trecho de entrevista realizada com Renato Dall Ago 08.07.19).

Nas quatro corporações, atualmente, o repertório é bem variado incluindo música pop nacional e internacional, temas de filmes, samba, rock, blues, mambo, jazz, dobrados, músicas temáticas de acordo com a apresentação como músicas natalinas entre outros.

As bandas que participam de concursos englobam em seu repertório peças musicais complexas que exige muito dos músicos em termos de leitura musical. Vejamos na tabela 3, alguns exemplos musicais que foram executados por cada banda ao longo de suas práticas musicais. Os exemplos são referentes a apresentações que as bandas realizaram em diversos momentos de suas trajetórias como festivais e campeonatos de bandas, concertos e apresentações diversas realizadas nos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e no Texas EUA. Através dos links dos vídeos é possível observar a sonoridade produzida por cada banda e o instrumental utilizado, com exceção dos anos 1960 e 1970 que constam somente áudio.

Banda	Ano	Música	Apresentação	Disponível em
Juliana	1966	<i>Marcha dos Violinos</i> (Frank Pourcel) <i>Coro dos Ferreiros</i> (Giuseppe Verdi)	Concurso Comtur – Porto Alegre RS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=L1rr9DcgIYc">https://www.youtube.com/watch?v=L1rr9DcgIYc</a>
Juliana	2010	<i>Washington Post</i> (John Philip Souza)	Festival de Bandas em São Lourenço do Sul RS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=iyS1ZRGqHV8">https://www.youtube.com/watch?v=iyS1ZRGqHV8</a>
Juliana	2014	<i>España Cani</i> (Pascual Marquina Narro)	Bandas Marciais em Concerto Teatro Dante Barone – Porto Alegre RS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=P1HHI1DKvjQ">https://www.youtube.com/watch?v=P1HHI1DKvjQ</a>
Juliana	2019	<i>Farewell of Slaviana</i> (Vasily Agapkin)	28º Campeonato Estadual de Bandas FEBARGS - Santa Maria	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=XUA-YbDdP4E">https://www.youtube.com/watch?v=XUA-YbDdP4E</a>
Morada do Vale	2004	<i>One Broadway</i> (Barry Mann, Cynthia Weil, Jerry Leiber, Mike Stoller) <i>Conga</i> (Enrique Garcia)	Campeonato Sul-Americano de Marching Bands WAMSB – Taubaté SP	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=tIDb5pFe0sQ">https://www.youtube.com/watch?v=tIDb5pFe0sQ</a>
Morada do Vale	2009	<i>Mas Que Nada</i> (Jorge Bem Jor)	12º Campeonato Estadual de Bandas AGB – Rio Grande RS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=KvUF2uf-r-0">https://www.youtube.com/watch?v=KvUF2uf-r-0</a>
Morada do Vale	2013	<i>Lord of the Rings</i> (Howard Shore)	24º Festival de Bandas em São Lourenço do Sul RS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=zTnQFWAjr0I">https://www.youtube.com/watch?v=zTnQFWAjr0I</a>

Morada do Vale	2017	<i>September</i> (Maurice White, Al McKay e Allee Willis)	Apresentação Feira do Livro – Gravataí RS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=MQ0-lx3ZH78">https://www.youtube.com/watch?v=MQ0-lx3ZH78</a>
São João	1966	<i>A Banda</i> (Chico Buarque)	Gravação LP	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=aUgPZIND4">https://www.youtube.com/watch?v=aUgPZIND4</a>
São João	1978	<i>Rhapsody and Blue</i> (George Gershwin) <i>Tema do Filme Guerra nas Estrelas</i> (John Williams)	21° Campeonato de Bandas Rádio Record – São Paulo SP	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Kb5m0fwKKBQ">https://www.youtube.com/watch?v=Kb5m0fwKKBQ</a>
São João	1990	<i>Love's Theme, Stars and Stripes Forever</i> (John Philip Souza)	Escola São João – Porto Alegre RS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ziQK8BaobLc&amp;t=286s">https://www.youtube.com/watch?v=ziQK8BaobLc&amp;t=286s</a>
São João	2016	<i>The Blues Factory</i> (Jacob de Haan)	Brass Band in Concert Teatro Dante Barone – Porto Alegre RS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=4L4SwZkBDZo">https://www.youtube.com/watch?v=4L4SwZkBDZo</a>
São Marcos	1993	<i>Minueto n° 3 Bach</i> (Johann Sebastian Bach)	Instituto Vicente Pallotti – Porto Alegre RS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=IKfdGvMCx8">https://www.youtube.com/watch?v=IKfdGvMCx8</a>
São Marcos	2004	<i>Trumpercussion</i> (Frank D. Cofield)	Campeonato Sul-Americano de Marching Bands WAMSB – Taubaté SP	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=VHLlgBpG004">https://www.youtube.com/watch?v=VHLlgBpG004</a>
São Marcos	2015	<i>Soul Sacrifice</i> (Carlos Santana)	Intercambio em Coronado HS – Lubbock Texas	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=pvmoK_L919A">https://www.youtube.com/watch?v=pvmoK_L919A</a>
São Marcos	2018	<i>Tower of Power Greatest Hits</i> (David Garibaldi, Stephen Kupka, Emilio Castillo)	21° Campeonato de Bandas AGB – Cidreira RS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=r09NwUhKBOo">https://www.youtube.com/watch?v=r09NwUhKBOo</a>

Tabela 3: Apresenta alguns exemplos dos repertórios executados pelas quatro bandas escolares.

No que se refere ao ensino musical, nos últimos 30 anos, houve um investimento por parte das bandas que passaram a introduzir a leitura de partituras para instrumentos de sopro e percussão. Na Banda São João, por exemplo, o Maestro Mota priorizava o estudo de solfejo rítmico e melódico para os iniciantes através do método de divisão musical *Paschoal Bona*. Segundo Barbosa (2008, p. 69),

Diversas bandas estão usando metodologias mais atualizadas com as novas correntes da educação musical. Algumas delas empregam, por exemplo, o ensino coletivo de instrumentos focado em melodias onde se trabalha, simultaneamente, teoria, percepção, leitura, técnica e prática de conjunto.

Nas bandas São João, Juliana e Morada do Vale, o ensino musical para os iniciantes se dá através das escolas de música formadas pelas próprias bandas. Na Banda São Marcos, as crianças a partir dos nove anos de idade ingressam, primeiramente, na banda mirim e os adolescentes iniciantes participam de outro projeto chamado Top Teens. Em ambos os casos, os iniciantes aprendem teoria musical ao mesmo tempo que praticam seus aprendizados com os instrumentos musicais. Nas quatro bandas, o repertório é trabalhado de acordo com o processo de aprendizagem dos iniciantes e, a partir do crescimento e amadurecimento musical desses grupos, eles ingressam na banda principal. Dessa forma, o repertório é, também, um agente do processo de ensino.

Na Banda São Marcos, o maestro André de Oliveira, por conta de suas inúmeras viagens aos Estados Unidos e pelas relações que lá construiu com as bandas americanas, repassa essas influências através de materiais que adquiriu no exterior como métodos para estudos de instrumentos e arranjos musicais. Segundo componentes mais antigos da banda, a metodologia de ensino e as características da banda mudaram com o passar dos anos. Isso ocorreu a partir da troca de experiências do maestro André com maestros dos Estados Unidos e entre os componentes da banda com outros componentes do mesmo país conforme comentou a componente Victória (18.08.19), em entrevista que realizamos: “o André vai muito para os Estados Unidos e com isso, a gente se espelha nas bandas de lá”. O maestro Everson Silva (08.06.19), completou: “nos anos de 2016 e 2017 o trabalho realizado na banda foi muito influenciado pela viagem que a banda fez aos Estados Unidos em 2015”. Sobre a mudança na metodologia de trabalho, o maestro André relatou:

Eu participei de vários cursos e palestras no Brasil inteiro sobre bandas, sobre como fazer bandas e no fim das contas, todo mundo está preocupado com concurso, como fazer o concurso e como ganhar o concurso e pouco estão preocupados em como fazer a banda, como fazer a banda tocar melhor e como fazer a banda se desenvolver musicalmente. Como eu vi que no Brasil não tinha muita saída pra isso, comecei a fazer contatos no exterior e percebi que o que falta nas bandas em geral é metodologia. Nós não temos material didático para bandas no Brasil e de tudo que eu vi no exterior e do que eu pude trazer para o meu trabalho foi metodologia, formas de trabalhar, formas de organizar a banda, organizar os ensaios, organizar todo o dia a dia da banda. (Transcrição de trecho de entrevista cedida ao programa Músicas do Mundo, André de Oliveira, 16.07.18).

Na Banda São Marcos, o maestro André sempre oportunizou e deu espaço a componentes que desejassem aprender e desenvolver a prática de ser um maestro. Atualmente, isso ocorre nos ensaios quando os componentes interessados podem propor músicas para ensaiar com seus colegas. Essa dinâmica ocorre da seguinte maneira: as músicas escolhidas pelos componentes, que desejam realizar essa prática, são apresentadas aos maestros que fazem uma avaliação da peça antes de ser experimentada pelo grupo. Após a aprovação dos maestros, esse componente tem a permissão para assumir a posição do maestro no ensaio, sob sua supervisão, e ensaiar com o grupo. Para que isso ocorra, é necessário que o componente já tenha bons conhecimentos musicais para poder conduzir a música. Após a experiência, caso o componente se interesse pela regência, pode seguir treinando e até reger a banda em apresentações. No 29º Festival de Bandas de São Lourenço do Sul ocorrido em 2019, dois componentes tiveram essa oportunidade. Logo, essa ação que se enquadra no processo de aprendizagem dos componentes, já faz parte da trajetória da banda. Para Wenger (2007, p. 155, tradução nossa), “eventos de aprendizagem e formas de participação são assim definidos pelo engajamento atual que eles oferecem, bem como por sua localização em uma trajetória”. Outra questão que se enquadra nos processos de ensino na Banda São Marcos compreende o encerramento e início de novos ciclos de transição, ou seja, quando um grande número de componentes mais experiente deixa a banda e essa passa a ser integrada pela maioria de componentes iniciantes, como já lembrado por Joelma (2019). Nesse caso, teremos, também, um novo ciclo de aprendizagem. Esse processo é descrito por Wenger (2017, p.96, tradução nossa), em “comunidades de práticas” onde as pessoas que fazem parte desse ciclo “se juntam, desenvolvem, evoluem e se dispersam de acordo com o tempo [...]”.

Com tantas readaptações torna-se impossível negar que as características identitárias desses grupos se reestruturaram com o passar do tempo a partir da chegada de novas pessoas nas corporações, novos instrumentos, com as mudanças do repertório musical e processos de ensino, enfim, uma identidade sonoro-musical que vai se construindo ao longo da trajetória de cada grupo. Dessa forma, as bandas escolares constituem-se a partir das contribuições musicais individuais, que, ao se relacionarem com os demais membros, compõe a identidade do grupo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa investigação se propôs a compreender os processos de construções identitárias de quatro bandas escolares, dialogando com suas trajetórias musicais, características e formas de organização. No decorrer da investigação, o campo apontou que era necessário compreender as singularidades existentes nas trajetórias de cada uma das corporações assim como seus trânsitos musicais, transformações e adequações desde suas fundações até o momento.

A noção de identidade que norteou esse trabalho seguiu a partir do entendimento de Hall (1996) e a noção de trajetória a partir de Bourdieu (2008). A noção de trajetória foi trazida para o contexto das “comunidades de práticas” (WENGER, 2008), que trabalha com uma teoria da aprendizagem no qual, “explora de maneira sistemática a interseção de questões de comunidade, prática social, significado e identidade” (WENGER, 2008, p. 2, tradução nossa). Isso ocorreu porque foi identificado, ao longo da investigação, que as bandas apresentavam muitas características pertencentes às “comunidades de práticas” descritas por Wenger. A aprendizagem nessa investigação não se deteve às questões referentes à educação musical, mas às várias situações vivenciadas e experiências adquiridas pelas bandas ao longo de suas trajetórias.

Essa investigação teve como marco inicial o final da década de 1950 com o surgimento do movimento de bandas marciais escolares no Rio Grande do Sul. No início dos anos 1960 surgem duas das bandas que fizeram parte dessa pesquisa: Banda Juliana e Banda São João. Passados 30 anos, na década de 1990, outras corporações surgiram em escolas da rede pública e privada, estando entre elas as Bandas Morada do Vale e São Marcos que completam os grupos musicais desta investigação. No decorrer desses 60 anos, as bandas escolares gaúchas passaram por muitas adaptações e tiveram, através das competições, um grande propulsor para essas ocorrências.

Ao longo dessa escrita, chamei de “mundo musical das bandas escolares” as características musicais e extramusicais que perpassam as bandas pesquisadas. O termo surgiu baseado na noção de “mundo artístico” e “mundo da arte” de Becker (1977, 2010) e “mundos musicais” de Finnegan (2007).

No “mundo musical” das quatro bandas escolares, os relacionamentos internos e externos entre componentes, maestros, escola, comunidade e banda apresentaram interações positivas, que aproximam as bandas de suas comunidades (escola e bairro), e o surgimento de conflitos, que geram afastamentos e desavenças internas e externas. No caso da Banda São João, a posição tomada pela escola mediante a situação de medida de “forças” que se instaurou na tríade entre banda, vizinho e escola deixou claro que a banda representa ser um sujeito dominado. Ou seja, a banda enquanto estiver ocupando as dependências da escola não tem voz ativa para resolução de problemas externos pois ela é um segmento da escola, logo, a escola responde por ela e dita ordens a serem executadas. Nesse “campo de forças” (BOURDIEU, 2008), a necessidade da banda de continuar existindo com a manutenção de sua estrutura, sem perder a sua identidade com a escola, faz com que ela se submeta àquilo que a escola determinar.

Verificou-se que independente da relação existente entre as quatro bandas e suas instituições de ensino, nenhuma delas é livre para se governar totalmente, apesar de parecer que possuem alguma liberdade própria. Todas elas respondem às suas mantenedoras pois carregam o nome de suas instituições, logo, de nada adianta travarem um “campo de lutas” (BOURDIEU, 2008), contra as mesmas pois ao final, acabam sendo prejudicadas com isso. Nesses casos, identificou-se que a situação ideal é tentar manter uma relação cordial entre sua comunidade escolar a fim de que situações de conflitos possam ser contornadas de forma pacífica e sem prejuízo à banda. Essas questões aliadas à falta de reconhecimento da comunidade escolar (professores, alunos, direção) e de apoio financeiro mediante a falta de recursos provenientes das escolas para manutenção das corporações, parece inevitável que, para a sobrevivência das bandas escolares no Rio Grande do Sul, elas evoluam para criação de associações e assim, obtenham caráter jurídico para o reconhecimento e captação de recursos na iniciativa privada e, ou, cotizações mensais. Sendo assim, é provável que, futuramente, algumas percam o vínculo e o pertencimento à escola hospedeira e se transformem em bandas musicais independentes, de fato. Todavia, essa emancipação da banda em relação a escola não resolverá os conflitos internos existentes nas bandas escolares. Isso porque muitos deles partem da própria negociação interna criada pelo grupo ou estipulada por um centralizador que pode se dar na figura do maestro ou coordenação do grupo. Temos aqui a imposição de regras e hierarquias que definem lideranças dentro dos grupos, podendo estabelecer

submissão e desavenças entre componentes, gerando um “campo de lutas” interno (BOURDIEU, 2008). Nesse campo, os componentes agem de acordo com seus interesses conforme foi observado nos casos onde não houve uma boa receptividade por parte de alguns músicos mais experientes em relação a chegada de novatos e nos casos em que outros consideraram-se “profissionais” dentro da banda, apontando erros de seus colegas. Nesses casos, identificou-se que a figura do maestro e coordenadores tem papel fundamental a fim de intervir para resolução da situação.

Foi observado, nessa pesquisa, que há lideranças dentro das bandas e entre bandas que, ainda, se preocupam mais com títulos em competições do que com o crescimento musical e social de suas corporações. Não é à toa que vem surgindo grupos de maestros traçando “estratégias” (DE CERTEAU, 1998), com o intuito de criar instituições promotoras de competições e eventos com teorias de melhorias para o meio. Na prática o que se vê são grupos isolados que mal conseguem se manter e fornecer uma infraestrutura adequada para sua concretização. O que mais valeria seria a união de todos para fortalecer e de fato alavancar o potencial das bandas escolares no estado.

No “mundo musical das bandas escolares”, verificou-se que há uma nova geração de músicos interessados em romper com as rivalidades fora da raia das competições. Observou-se, também, que a visão do componente de banda sobre o que é ser um músico “profissional” e “amador” está diretamente atrelado àquilo que ele considera como “trabalho”. Dessa forma suas percepções foram relacionadas ao estudo de Cottrell (2004), em *Professional Music-Making in London* no qual o autor traz o conceito de “trabalho” como sendo construções mentais, ou seja, a partir da visão e percepção que cada músico possui sobre si.

A banda foi interpretada, ainda, como um ambiente familiar onde conflitos e problemas devem ser resolvidos internamente. Da mesma forma, esse ambiente familiar abrange um espaço para convivência de pessoas com personalidades diferentes, mas que se identificam com o grupo do qual fazem parte, desenvolvendo um sentimento de pertencimento e “participação” (WENGER, 2007). Nas bandas ninguém se insere por obrigação e, com exceção dos maestros, todos são voluntários. Então, aqueles que não se sentem parte daquela “família” acabam saindo, por outro lado, a permanência daqueles que ficam, moldam as trajetórias de cada corporação.

No que se refere aos processos de ensino e aprendizagem, não há como negar que o desenvolvimento de concursos e festivais de bandas, assim como a inserção

de novos instrumentos, contribuíram para uma significativa mudança desse cenário. Os maestros entenderam que para participar das competições e sagrar sua corporação campeã, era necessário investir no ensino musical dos componentes. No Rio Grande do Sul, nos últimos 30 anos, as bandas passaram a investir em novos instrumentos que proporcionaram uma reestruturação em seus repertórios e performances musicais, possibilitando a execução de peças mais elaboradas. Todavia, alguma tradição manteve-se oriunda das bandas marciais dos anos 1960 mesmo, estando as bandas sob a influência das marching bands americanas a partir dos anos 2000. Na tentativa de se adequar a novos padrões ou manter sua qualidade musical, os quatro maestros que foram aqui relacionados estão buscando por aprimoramentos que refletem diretamente em suas bandas.

Em suma, nos últimos dois anos, minha visão sobre as bandas escolares passou de uma perspectiva de ex componente que observava apenas o brilho das apresentações musicais desenvolvidas por esses grupos, para uma análise em campo minuciosa a respeito de vários caminhos comuns que envolvem essas práticas musicais. Ao final dessa dissertação, após analisar e fazer um balanço de todas as percepções obtidas nos ensaios, apresentações e entrevistas realizadas, concluo que as características identitárias de cada uma das quatro bandas pesquisadas se dão a partir de várias contribuições individuais e coletivas que estão constantemente em construção, pois, com o passar do tempo, necessitam se adaptar conforme mudanças internas ou impostas pelo meio sendo elas: à participação e doação individual de cada participante, às regras e hierarquias determinadas pelos maestros e coordenações das bandas, à dimensão do envolvimento familiar em cada corporação, aos métodos e metodologias de trabalhos incorporados por cada maestro, os trânsitos musicais que o coletivo (banda) e o individual (componentes) produzem e à prática musical coletiva.

As trajetórias musicais das quatro bandas escolares demonstraram que suas identidades também possuem características relacionadas ao período de suas criações. As Bandas Juliana e São João se assemelham ao apresentarem características musicais e de performance mais conservadoras, não abrindo mão da marcialidade e da execução de dobrados. Já as Bandas Morada do Vale e São Marcos se assemelham ao apresentam características abertas à experimentação de novos caminhos que surgiram pós anos 2000 com muitas influências das marching bands norte-americanas. Todas essas ponderações estão inseridas na história de cada

banda, ou seja, em suas trajetórias, assim, suas identidades, estão em processo constante de transformação e reorganização.

Ao finalizar essa investigação, compreende-se a importância das bandas escolares como possibilidade de espaço para socialização, aprendizagem musical, obtenção de valores e um meio para vislumbrar uma carreira profissional. A desconstrução do estereótipo de que banda escolar é um espaço para recreação musical ou de preenchimento do tempo livre de crianças e jovens ainda precisa ser rompido. Devido a carência de trabalhos acadêmicos sobre bandas escolares no Rio Grande do Sul e, até então, sua inexistência na área etnomusicológica, a contribuição da presente pesquisa mostra que este é um campo pouco observado e com uma rica possibilidade de estudos, estando entre eles: as bandas escolares como práticas musicais comunitárias, questões relacionadas ao passado social e político brasileiro, a influência das marching bands norte-americanas e a formação de entidades promotoras de competições no Brasil. Acredito no potencial das bandas escolares como meio de difusão musical entre seus envolvidos diretos (participantes), e indiretos (público), e que há um leque de oportunidades para pesquisas futuras a serem exploradas nesses grupos como fonte de compreensão da realidade nacional brasileira através da música. Espero ter contribuído para que isso ocorra.

## REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Pablo de Castro. **A música, o Conviver e o Lembrar**: um estudo etnográfico entre os músicos da centenária Banda Rossini da cidade de Rio Grande, RS. 2008. 154f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

ANDRADE, Mário. **Dicionário Musical Brasileiro**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1989.

BAKER, Geoffrey. **El Sistema**: orquestrando a juventude. New Yourk: Oxford University Press, 2014. Não paginado. Formato Ebook [Kindle].

BARBOSA, Joel Luís da Silva. Tradição e Inovação em Bandas de Música. In: I SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, 2008, Ouro Preto. **Anais...**Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 2008. p. 64-71.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para Pesquisa de Campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2018

BECKER, S. Howard. **Mundos da Arte**. Tradução de Luís San Payo. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

\_\_\_\_\_. Mundos Artísticos e Tipos Sociais. In: VELHO, Gilberto (Org.). **Arte e Sociedade**: ensaios de sociologia da arte. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. p. 9-26.

\_\_\_\_\_. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Tradução de Maria Luiza X. de Barros de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BINDER, Fernando Pereira. **Bandas Militares no Brasil**: difusão e organização entre 1808 – 1889. 2006. 132f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. 9.ed. Campinas: Editora Papirus, 2008.

BOZON, Michel. Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local. **Em Pauta**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v.11, n. 16/17, p. 147-174, abr./nov. 2000.

BRUCHER, Katherine. **A Banda da Terra**: Bandas filarmônicas and the Performance of Place in Portugal. 2005. (Phd Dissertation), University of Michigan, Ann Arbor, 2005.

\_\_\_\_\_. Composing Identity and Transposing Values in Portuguese Amateur Wind Bands. In: REILY, Suzel Ana; BRUCHER, Katherine (Org). **Brass Bands of the World**: militarism, colonial legacies, and local music making. Surrey: Ashgate, 2013. p. 155 – 175.

BRUM, Oscar da Silveira. **Conhecendo a Banda de Música**: fanfarras e bandas marciais. São Paulo: Ricordi, 1988.

CARDÔSO, Paulo Marcelo Marcelino. Mestre Lourival e o Universo das Bandas de Música. In: II ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 2004, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, 2004. p. 684- 692. Disponível em: <<http://www.abet.mus.br/wp-content/uploads/2018/04/128.pdf>> Acesso em: 30 set. 2019.

CHAGAS, Robson Miguel Saquett. **Tradição e Transformação nas Práticas Musicais da Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição de Raposos – MG**. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2015.

COSTA, Luiz Fernando Navarro. **Transmissão de Saberes Musicais na Banda 12 de Dezembro**. 2008. 137f. Dissertação (Mestrado em Música – Área de Concentração Etnomusicologia) – Programa de Pós- Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2008.

COSTA, Manuela Areias. Música e História: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. **Tempos Históricos**: Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, v.15, n, 1, p.240-259, 1º semestre. 2011. Disponível em:< <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/5707/4284>> Acesso em: 30 set. 2019.

COTTRELL, Stephen. **Professional Music-Making In London**: ethnography and experience. London: Ashgate Publishing, 2004. Não paginado. Formato Ebook [Kindle].

DE CERTEAU, Michel. A Invenção do **Cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

FAGUNDES, Samuel Mendonça. **Processo de Transição de uma Banda Civil para Banda Sinfônica**. 2010. 160f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2010.

FINNEGAN Ruth. **The Hidden Musicians**: music-making in a english town. 1st ed. Middletown: Wesleyan University Press, 2007.

GOMES, Karina Barra. **E Hoje, Quem é Que Vê a Banda Passar?** Um estudo de práticas e políticas culturais a partir do caso das bandas civis centenárias em Campos dos Goytacazes. 2008. 161f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, RJ, Campos dos Goytacazes, 2008.

HALL, Stuart. Introducción: quién necesita identidad? In: HALL, Stuart; GAY, Du Paul (Orgs). **Cuestiones de Identidad Cultural**. Traducción: Horácio Pons. Buenos Aires: Amorrortu Editores S. A, 1996. p. 13 – 39.

HERBERT, Trevor. Nineteenth-Century Bands: making a movement. In: **The British Brass Band**: a musical and social history. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 10-67.

\_\_\_\_\_. SARKISSIAN, Margareth. Victorian Bands and Their Dissemination in the colonies. **Popular Music**: Cambridge University Press, v. 16, n. 2, p.165-179, 1997. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/853520>> Acesso em: 19 jul. 2019.

HIGINO, Elizete. **Um Século de Tradição**: a banda de música do Colégio Salesiano Santa Rosa (1888 – 1988). 2006. 141f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

HUMPHREYS, Jere T. Na Overview of American Public School Bands and Orchestras Before World War II. **Bulletin of Council for Research in Music Education**: University of Illinois Press. n. 101, p. 50-60, summer 1989. Disponível em: < [https://www.jstor.org/stable/40318374?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/40318374?seq=1#page_scan_tab_contents)> Acesso em: 12 out. 2018.

LIMA, Marcos Aurélio de. **A Banda Estudantil em um Toque Além da Música**. São Paulo: ANNABLUME editora, 2007.

LOUROSA, Helena Marisa Matos. **À Sombra de um Passado por Contar**: Banda de Música de Santiago de Riba – UI. 2012. 290f. Tese de Doutorado (Doutorado em Música – Área de Especialização em Etnomusicologia) - Departamento de Comunicação e Artes, Universidade de Aveiro, Portugal, 2012.

LUCAS, Maria Elizabeth. Bandas de Música no Rio Grande do Sul: temas para uma interpretação etnomusicológica. In: I SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDENCIA, 2008, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 2008. p. 54-63.

MARCONATO, Athus Rogério. **Prática de Banda em Escolas de Ensino Fundamental como Embasamento para Processo Pedagógico**: um estudo de caso com duas escolas em Guarulhos – SP. 2014. 85f. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP, 2014.

MASSEY, Doreen B. The Political Place of Locality Studies. **Environment and Planning**, v. 23, p. 267-281, 1991. Disponível em:<  
<https://www.eandponline.org/resources/resource/the-political-place-of-locality-studies/>> Acesso em: 24. mar. 2020.

MASTRASCUSA, Luiz André. Minha Banda 1967/1970 do Pífaró ao Tarol. In: RIZZON, Carlos Fernando Carvalho (Org). **O Bombardino Amassado**. Porto Alegre: Corag, 2013. p. 189-192.

NETTL, Bruno. **The Study of Ethnomusicology**: thirty-one issues and concepts. 2.ed. Chicago: The University of Illinois Press, 2005.

O'CONNEL; John Morgan; CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan. **Music and Conflict**. Chicago: University Of Illinois Press, 2010.

PAOLIELLO, Guilherme. Villa-Lobos e o Canto Coletivo na Era Vargas (1930-1945). **Artefilosofia**: Revista de Estética e Filosofia da Arte do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, n,1, p. 150-159, jun. 2006. Disponível em:<  
<https://periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/804/0>>. Acesso em: 01 abr.2020

PIETRA, Ana Carolina Malaquias. **Do Apito da Fábrica aos Sons da Orquestra: percurso histórico-musical da Corporação Musical Cachoeira Grande**. 2016. 166f. . Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2016.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Pesquisa em Etnomusicologia: implicações metodológicas de um trabalho de campo realizado no universo musical dos Ternos de Catopês de Montes Claros. **Em Pauta**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 16, n. 26, jan./jun., p. 95-120, 2005.

RAMSEY, Gordon. Band Practice: class, taste and identity. In: 5° ICTM Ireland Annual Conference. 2011. **Disponível em:** < <https://www.ictm.ie/kerry-test-ramsay/>> **Acesso em:** 12 abr. 2020.

REILY, Suzel Ana; BRUCHER, Katherine (Org). **Brass Bands of the World: militarism, colonial legacies, and local music making**. Surrey: Ashgate, 2013.

REIS, Dalmo da Trindade. **Bandas de Música Fanfarras e Bandas Marciais**. Rio de Janeiro: Editora Casa Carlos Wehrs, 1962.

RIZZON, Carlos Fernando Carvalho (Org.) **O Bombardino Amassado**. Porto Alegre: Corag, 2013.

\_\_\_\_\_; RIZZON, César Rosés (Orgs). **Banda Marcial Juliana: caminho para a inclusão social e profissional**. Porto Alegre: GrafMídia, 2020.

SADIE, Stanley. **Dicionário Groove de Música**: edição concisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

SARTORI, Vilmar. **Banda Ítalo-Brasileira/Carlos Gomes: história e memória de uma corporação musical centenária na cidade de Campinas**. 2013. 213f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. **Cadernos de Campo**, São Paulo. v.17, n. 17, 2008. p. 237-260. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/47695/51433>> Acesso em: 30 mar. 2020.

SILVA, Claudia Felipe da. **Bandas de Música, Imigração Italiana e Educação Musical**: o corpo musical “Umberto I” de Serra Negra, uma localidade interiorana com forte presença italiana. 2009. 282f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

SILVA, Genáina Lemes da. **Práticas Musicais em uma Banda Escolar**. 2011. 76f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Licenciatura em Música, Centro Universitário Metodista, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Lélío Eduardo Alves da. **Musicalização Através da Banda de Música Escolar**: uma proposta de metodologia de ensaio fundamentada na análise do desenvolvimento musical dos seus integrantes e na observação da atuação dos “mestres da banda”. 2010. 242f. Tese (Doutorado em Música) - Programa de Pós-Graduação do Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2010.

SILVA, Marciano Renan Lisboa da. O Bombardino Amassado. In: RIZZON, Carlos Fernando Carvalho (Org). **O Bombardino Amassado**. Porto Alegre: Corag, 2013. p. 23-33.

SILVA, Marcos Vieira; MIRANDA, Sheila Ferreira. Poder e Identidade Grupal: um estudo em corporações musicais da região das vertentes. **Psicologia e Sociedade**: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social, Belo Horizonte. v.25, n.3, 2013. p. 642-652.

SILVA, Thallyana Barbosa da. **Banda Marcial Augusto dos Anjos**: processos de ensino - aprendizagem musical. 2012. 152f. Dissertação (Mestrado em Música – Área de Concentração Educação Musical) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2012.

SOUZA, Erihuus de Luna. **Pra Ver a Banda Passar**: uma etnografia musical da Banda Marcial Castro Alves. 2010. 179f. Dissertação (Mestrado em Música - Área de Concentração Etnomusicologia) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2010.

SULLIVAN, Jill M. A Century of Women’s Bands in America. **Music Educators Journal**: The National Association for Music Education, vol, 95, n.1, p. 33-40, set. 2008. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/30219192?origin=JSTOR-pdf&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/30219192?origin=JSTOR-pdf&seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 15 nov. 2018.

TACUCHIAN, Ricardo. 15 Anos de Atuação no Movimento de Bandas Cívicas e Escolares no Estado do Rio de Janeiro. In: I SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU

DA INCONFIDENCIA, 2008, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 2008. p. 13-21.

TINHORÃO, José Ramos de. **Música Popular de Índios Negros e Mestiços.** Petrópolis: Vozes, 1972.

VELHO, Gilberto. O Desafio da Proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs). **Pesquisas Urbanas:** desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.11-19.

VERÍSSIMO, José de Arimatéia Formiga. **Maestro Antonio Amâncio e Seus Choros Para Clarineta.** 2005. 118f. Dissertação (Mestrado em Música – Área de Concentração em Execução Musical) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2005.

VILLA-LOBOS, Heitor. **Educação Musical:** presença de Villa-Lobos. Rio de Janeiro: Museu Villa-Lobos, 1991, v.13.

WENGER, Etienne. **Communities of Practice:** learning, meaning, identity. 15th. ed New Your: Cambridge University Press, 2007.

## ENTREVISTAS

AGO, Renato Dall. Entrevista concedida ao Programa Músicas do Mundo: etnomusicologia na Rádio da Universidade. Porto Alegre, 16 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Renato Dall. Entrevista concedida na Banda São João a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 08 jul. 2019.

AZZOLINI, Victória. Entrevista concedida na Banda São Marcos a Genáina Lemes da Silva. Alvorada, 18 ago. 2018.

CAMARGO, João Batista Aeroldi. Entrevista concedida ao Programa Músicas do Mundo: etnomusicologia na Rádio da Universidade. Porto Alegre, 16 set. 2019.

CHARÃO, Paulo Roberto. Entrevista concedida via Skype a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre/Campos do Jordão, 13 jan. 2020.

DUTRA, Raket. Entrevista concedida ao Programa Músicas do Mundo: etnomusicologia na Rádio da Universidade. Porto Alegre, 16 dez. 2019.

FARIAS, Eduardo. Entrevista concedida via Skype a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre/East Lansing, 19 jun. 2019.

FOLLMANN, Otto. Entrevista concedida em sua residência a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 18 ago. 2018.

GASPARETO, Luciane. Entrevista concedida em local público a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 17 set. 2019.

GASPARETO, Luís Henrique. Entrevista concedida na Banda São João a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 16 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida ao programa Músicas do Mundo: etnomusicologia na Rádio da Universidade. Porto Alegre, 29 out. 2018.

LEITE, Diego Ramires Leite. Entrevista concedida em local público a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 15 jul. 2019.

MASERA, Vagner. Entrevista concedida ao Programa Músicas do Mundo: etnomusicologia na Rádio da Universidade. Porto Alegre, 16 dez. 2019.

MASTRASCUSA, André Luiz. (Mastra). Entrevista concedida na Banda Juliana a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 18 ago. 2019.

MATOS, Joelma D. Entrevista concedida na Banda São Marcos a Genáina Lemes da Silva. Alvorada, 19. out. 2019.

MESQUITA, Yuri. Entrevista concedida na Banda Juliana a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 10 ago. 2019.

MORAES, Douglas Ruan Pedroso. Entrevista concedida na Banda Morada do Vale a Genáina Lemes da Silva. Gravataí, 20 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Douglas Ruan Pedroso. Entrevista concedida ao programa Músicas do Mundo: etnomusicologia na Rádio da Universidade. Porto Alegre, 16 dez. 2019.

NORONHA, Fernando Kloeckner. Entrevista concedida via WhatsApp a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 11 mai. 2018.

OLIVEIRA, André de. Entrevista concedida ao Programa Músicas do Mundo: etnomusicologia na Rádio da Universidade. Porto Alegre, 16 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida na Banda São Marcos a Genáina Lemes da Silva. Alvorada, 24 mar. 2018.

OLIVEIRA, Andréa. Entrevista concedida na Banda Morada do Vale a Genáina Lemes da Silva. Gravataí, 28 out. 2019.

PETRILLO, Rafael. Entrevista concedida na Banda São João a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 26 jul. 2019.

PIRES, Sandro Dorival Marques. Entrevista concedida em sua residência a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 03 set. 2018.

RAMOS, Vainer. Entrevista concedida na Banda Juliana a Genáina Lemes da Silva. 01 jun. 2019.

RIZZON, Carlos Fernando Carvalho. Entrevista concedida na Banda Juliana a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 18 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida na Banda Juliana a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 31 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida ao Programa Músicas do Mundo: etnomusicologia na Rádio da Universidade. Porto Alegre, 10 set. 2018.

SILVA, Everson. Entrevista concedida na Banda São Marcos a Genáina Lemes da Silva. Alvorada, 08 jun. 2019.

SILVA, Marciano Renan L. Entrevista concedida na Banda Juliana a Genáina Lemes da Silva. Porto Alegre, 18 ago. 2018.

TIARAJÚ, Sepé. Entrevista concedida em sua residência a Genáina Lemes da Silva. Canoas, 08 set. 2018.

## ANEXOS

O Bombardino Amassado  
Histórias da Banda Marcial Juliana - a BMJ

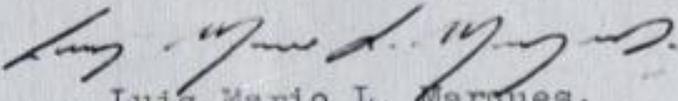
2º) Dobrado: P/ bombardino Sib  
Canção do Marinheiro.

Introdução.

12-2-o-2-12-12-o-1-12-o-1-12/  
2-1-o-2-12-12-o-2-12-o-2-12/12....  
12-2-o-2-12-12-o-1-12-13-o-2-12-12  
12-/12-23-12-23-12-2-/(2x).

1º parte.

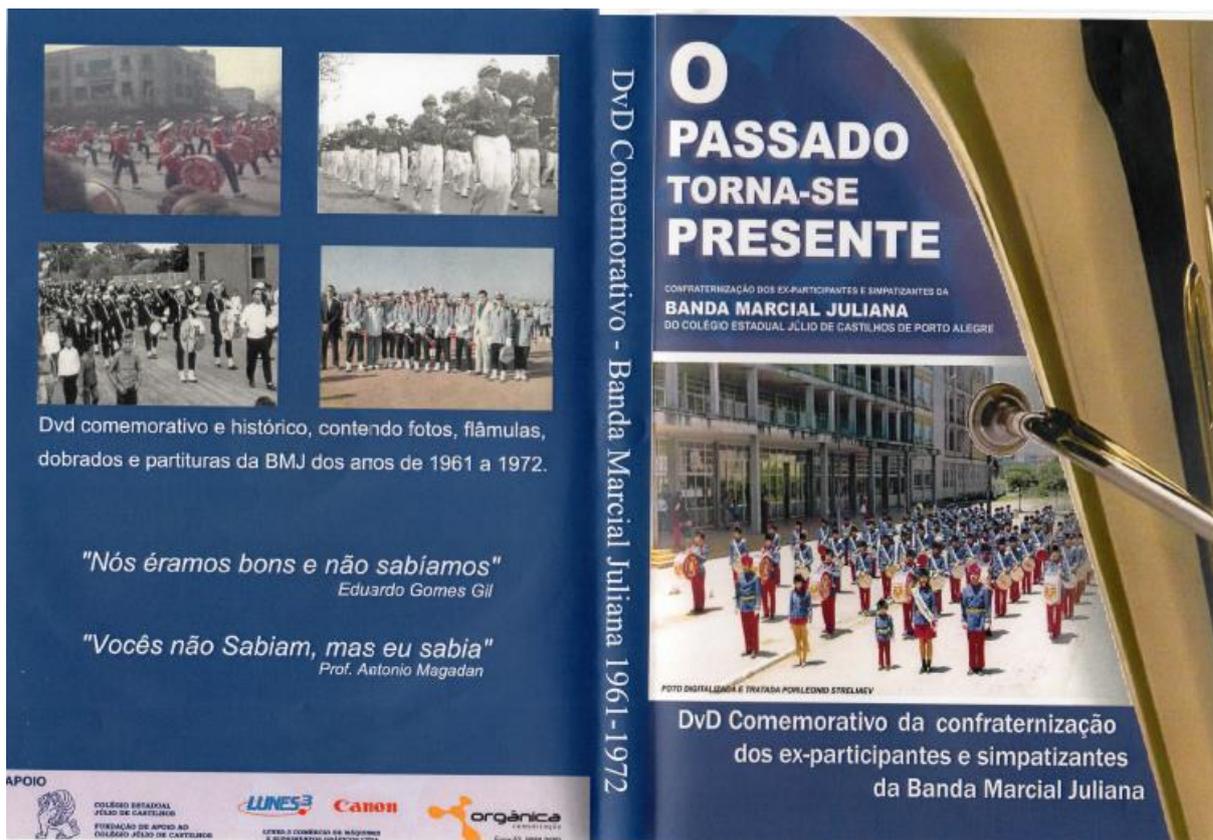
£/12-12-2-o-o-o-2-12-23-12-&(na 2º  
o-1-12-12-1-o-12-12-/  
12-23-12-2-1-2-o-12-2-/  
12-o-1-1-12-13-1-12-12-(1º ao £)  
&/12-1-o-1-o-1-12-1-13-/  
13-1-o-12-1-13-12-2-o-/  
2-12-o-2-12-12-23-2-o-2-12-/  
2º parte(só flautins).  
3º parte.(2x).

o-o-o-o-o/o-1-o-o-1-o-/  
2-12-o-1-o-12-/  
1-2-1-1-1-/1-o-1-2-o-1-1-o-o-/  
o-o-o-o-o/o-1-o-o-1-o-o-1-12-/  
1-1-o-1-o-12-2-12-12-o-1-13-o-/  
  
  
Luiz Mario L. Marques.  
2/8/66.

Anexo 1 – Partitura para Bombardino Canção do Marinheiro.  
Fonte: O Bombardino Amassado pg. 116.



Anexo 2 – Certificado oficial de fundação da Banda Juliana.  
Fonte: Arquivo da banda.



Anexo 3 – DVD resultante do reencontro de ex-integrantes da Banda Marcial Juliana.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

O  
PASSADO  
TORNA-SE  
PRESENTE

BANDA MARCIAL JULIANA  
DO COLÉGIO ESTADUAL JULIO DE CASTRILHO DE PORTO ALEGRE

Reencontro de Ex-integrantes  
10 de Junho de 2006

Neste reencontro os ex-integrantes decidiram recriar a banda.

Reencontro de Ex-integrantes  
10 de Junho de 2006

APOIO

COLÉGIO ESTADUAL  
JULIO DE CASTRILHO  
FUNDAÇÃO DE APOIO AO  
COLÉGIO JULIO DE CASTRILHO

LUNES3  
LUNES3 COMÉRCIO DE MÁQUINAS  
E SUPLEMENTOS GRÁFICOS LTDA.

Canon

Reencontro de Ex-integrantes - 10 de Junho de 2006

PHOTO DIGITALIZADA E TRATADA POR LEONARDO STREIBER

Anexo 4 – DVD resultante do reencontro de ex-integrantes da Banda Marcial Juliana.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.